

DEBATE NACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO/ESCOLA - DIA "D" - EM 17/09/85 .

- ESCOLAS E COMUNIDADES DE ÁREA INDÍGENAS

A abertura dos trabalhos de debates foi feita pela Secretária de Educação e Cultura, senhora Ana Maria Araújo de Castro Leite; (o início apresentou um corte) -

...Embora tendo sido um dos primeiros países da América Latina, a determinar constitucionalmente, a obrigatoriedade do ensino público elementar gratuito, desde o ano de 1.823, quando foi outorgada a Constituição deste país, em 11 de dezembro daquele ano, no seu artigo 179, no item 32º, nós sabemos, que a educação não era popular, mas sim, era eminentemente elitista e anti-popular. Por isso entendemos, que este é um salto qualitativo na educação, porque a educação básica, através do Projeto Educação para Todos, quer oportunizar, não só a quantidade de pessoas que vem às escolas, ao mesmo tempo, quer proporcionar a qualidade, a essencialidade e a democratização desse ensino, em todas as áreas. De fato, quando eu digo, que a escola era uma escola elitista, me parece quase necessário fazermos uma pequena análise, a partir do ano de 1.980, quando lemos uma das páginas do Jornal do Brasil, datado do dia 22 de setembro de 1.981, havia ali, uma publicação e uma expressão de que era a realidade educacional neste país. E era esta a quantidade de pessoas que frequentavam as escolas. A taxa de analfabetismo era muito grande. Se pensamos que, as crianças de 7 aos 9 anos de idade, 45,6% dessas crianças, não chegaram à escola, e veja-se uma faixa etária compreendida entre 7 a 9 anos de idade. Crianças de 10 a 14 anos, num índice de 22,1%, e os maiores, que podemos assim chamá-los, de 15 anos, 24,7% dessa clientela, se encontrava fora das escolas públicas. De maneira que, com esta parcela que foi citada, juntando, temos 64,3% que, ou não entraram na escola ou foram excluídas antes da 2ª série do 1º Grau. Em 1.981 também, vejamos bem, 28,5% das crianças que deveriam estar cursando a 3ª série, permanecem na escola. Em 1.986, apenas 16,6% dessas crianças, chegarão a matricular-se na 8ª série do 1º Grau, e somente 12,2% chegarão a 3ª série do 2º Grau. E é aqui que a Nova República entra com uma força total, e sabemos que não podemos esperar demais. Nós sabemos que tratar de educação, envolvendo um contingente tão grande e pensando-se, nas distâncias e diferenças regionais e físicas, das unidades federadas, é impossível, que a toque de mágica, com a varinha de condão, vamos pensar que vamos resolver todos os problemas da educação. Temos na pessoa do ministro Marco Faccioli, uma pessoa altamente comprometida com a população, com todos de um modo geral, com a educação deste país, e foi assim, que uma de suas primeiras medidas foi estabelecer um acréscimo de verba, no orçamento das Se

secretarias de Educação e para o próprio Ministério. Luta-se para que se tire o maior número possível de crianças que estão fora da escola e trazê-las para dentro dela, e oportunizar um ensino adequado a todas as regiões, a cada unidade, e justamente por isso, queremos colocar em relevo a Área Indígena, que seja reconhecida e respeitada nos seus direitos, e adequar-se plenamente ao sistema de ensino, através de uma participação de debate, da conquista que hoje nós estamos proclamando. A Nova República, portanto, tem um compromisso com o povo brasileiro: corrigir as distorções sociais e construir uma democracia sólida e estável. Isto significa dar oportunidades iguais para todos. Esta é a proposta do Projeto Educação para Todos. Queremos salientar que a luta pela difusão das oportunidades e para a expansão da escolaridade à toda a população, é uma luta válida, tem que ser definida, mas é preciso que este momento, e neste aumento quantitativo, seja significativo para acarretar e influir na qualidade. Daí porque, devemos transportar esse debate para uma luta, e uma luta pela conquista do saber. Por isso devemos lembrar, ou caracterizá-la a questão, como política e a educação não pode mais continuar alienada de uma política, ou seja, política é relação de poder, definindo-a na sua expressão mais simples. Poder é relação de força e força e poder ao mesmo tempo, é um jogo de forças. Força é capacidade, é condição de criar espaço e conquistá-lo, e por isso, estamos todos aqui, dispostos a ouvir, comentar, debater para concluir, porque precisamos valorizar a educação, lutando pela democratização do ensino e essa democratização e esta participação, vem através da conquista, em cada momento, que daqui para frente soubermos usar. Portanto, agradeço já de antemão, a disponibilidade de todos que aqui estão, e proponho mais uma vez, que sejam discutidos os interesses de cada área indígena, que consigamos chegar a um consenso, porque daqui, sairá um documento que será encaminhado ao senhor presidente da República e a partir do próximo ano, portanto, 1.986, todas as escolas do Território de Roraima, tenham certeza, que o nosso trabalho, será em cima de tudo aquilo que for discutido hoje, amanhã e possivelmente depois. Gostaria também de aproveitar o momento, para dar uma notícia que muito nos alegra, e que por certo alegrará a todos vocês: na sexta-feira próxima, agora, dia 20, estará nos visitando o senhor ministro da Educação, senador Marco Maciel e esta é uma oportunidade, para relatarmos a ele, e ele sentir de perto as nossas necessidades, e transmitir a ele as nossas necessidades, através de uma reivindicação forte, vinda de toda a população, vinda de todas as áreas, de todos os segmentos da sociedade. Nós sabemos, e queremos também reafirmar a criação da Universidade Federal de Roraima, que é um dos motivos que mais nos coloca em aberto e felizes de saber, que vamos tratar de educação, tendo pela frente, condições de aperfeiçoá-la e de torná-la, realmente um salto qualitativo. A todos, muito obrigada, antecipado pelo momento de estarem aqui e por tudo aquilo, que transcorrerá até às 14 horas.

... presença, aqui, de 40 Tschawas, representando suas comunidades
 ... Para ouvi-los, se cada um deles usasse a palavra por dez minutos, sem a
 abertura de debate ao público, levaríamos a manhã e à tarde. Para evitar um trabalho
 exaustivo, os próprios índios se organizaram por região e elegeram os seus represen-
 tes. Assim sendo, teremos 17 expositores, os quais convidamos, para ocupar as cadei-
 ras da frente, que facilitará o deslocamento, na hora do uso da palavra. Esses expo-
 sitores, farão uso da palavra, na sequência de três, em seguida, abriremos para o de-
 bate ao público. Situação essa que acontecerá, no mínimo, seis vezes no decorrer de
 todo o trabalho. Nós solicitamos aos expositores, que tenham as suas propostas por
 escrito, que não esqueçam de entregá-las depois à nossa equipe. Os que não as tem,
 não tem problema, não se preocupem, que a nossa equipe de som está gravando todo o
 trabalho, que será o nosso material para elaboração do documento, que sairá a nível
 do Secretaria. Os presentes que queiram fazer uso da palavra, poderão aproximar-se
 dos microfones, no intervalo reservado ao público presente. Acreditamos haver escla-
 recido os aspectos mais importantes, mas qualquer dúvida, procurem a nossa equipe,
 que estaremos à disposição para sanar qualquer problema. (colocação da senhora Ma-
 ria Luiza, membro da comissão).

Colocação do senhor Santoris: Dando prosseguimento aos trabalhos, nós iremos
 fazer a chamada nominal dos expositores, já que parece-me que estão faltando alguns:
 -o Tschawa Terêncio, da Região do Surumum; - Valdir Tobias, da Região da Serra;
 - Inácio Brito, Região da Serra; - Neto, Região do Surumum; -Abel Tobias; - João
 Batista, Região da Serra; -Raimundo Nascimento, São Marcos; - Alcides Teixeira Taia-
 no; - Agrícola Pacheco Majari; - Anísio Majari; - Anacleto Taiane; -Aurélio, Região
 do Quinoco; - Clavo Augusto Macuxi, Região São Marcos; - Gilberto, Região Quinoco;

Algumas considerações: sente-se uma evolução normal nesse dia de hoje. A
 gente conhece, que antes a gente pensava em domesticar, em catequizar o índio. Há
 pessoas, ainda hoje, que admitem que índio não tem educação e nem civilização. Nós
 vamos receber uma aula de civilização, de educação, de bons modos. Pelo pouco que
 nós tivemos de ouvir das comunidades indígenas, nós sentimos que nós "brancos", te-
 mos muito o que aprender com a comunidade indígena, com aquelas pessoas, que muitas
 vezes nós pensamos, que nos disseram, nos incutiram, que deveriam ser catequizadas,
 que deveriam ser domesticadas. Nós vamos aprender, ouvindo os índios, a sua filoso-
 fia clara, concisa, mas sempre voltada para o ser humano. Eu acredito, que pela or-
 dem de inscrição, será feita a apresentação. Assim, eu convidaria o Tschawa Terêncio
 da região do Surumum, para iniciar a apresentação dos Tschawas.

Senhores e senhoras, meu bom-dia! Hoje é um dia especial, é um dia de preocupação de aqui em Roraima, aqui na cidade, na capital, pela primeira vez, vocês dão um pouco de apoio, uma licença para nós, falar aqui. Na frente de vocês, que não são índios. Eu agradeço muito, se aconteceu esse convite, é um sinal, mais um sinal, quem sabe de um respeito, de um amor ao seu próximo. Se é assim, hoje será o primeiro dia do nosso trabalho, os trabalhos da nossa cultura, porque hoje é um dia, que parece que foi escolhido para isso. Ao lado a gente vê várias pessoas, que não conheço vocês. O índio Tschawa lá da comunidade, não conhece o governador, não conhece o secretário, não conhece quem é que manobra a Secretaria de Educação. Nós não conhecemos e nem as pessoas do secretário. Não conhece também os tschawas das comunidades. Enfim, nunca chegou a esse conhecimento. Eu espero que daqui para a frente, vá chegar esse dia. Digamos que chegou a hora, então, como primeiro dia, se conhecer. O assunto está aí, para falar a respeito da escola, a respeito da educação, e nós anos atrás, tempos atrás, achamos que só o "branco", o outro tipo de povo que tem uma cultura, outro costume... a gente sempre ouviu falar, que a cultura mais linda, mais bonita, mais bela seria a do "branco", não? Agora, a do índio, não! A gente sempre tem ouvido, muito dia a dia, tempos a tempos que se tem passado. Como é o caso que foi falado nas escolas, como foi fundado as escolas nas comunidades indígenas, dizendo que o índio não tem escola, o índio não tem educação, o índio não tem respeito, o índio... é aquilo é preguiçoso, o índio... tudo. Então foi colocado a escola para dizer que... para educar, para o índio se espertar, para ser mais trabalhador, para ser... A gente vê, quer dizer, no meu modo de pensar, como Macuxi ^{Ma}urepan, eu não achei nada de bom. Porque depois que a escola chegou, a gente viu, que modificou, modificou tudo. Querendo dizer, levar a cultura do índio, para uma cultura que é diferente, que é mais complicada. A vida é complicada como não é a nossa, é que é a da civilização branca, do português. Então aqui, eu quero ler um pouco, que eu anotei alguma coisa... O trabalho para a comunidade lá na aldeia... Nós vimos que, até nesta data, se encontram várias pessoas de 2º Grau, que já terminou os seus estudos aqui em Roraima, são os mais medrosos. Não têm coragem de trabalhar, de apoiar, de ajudar o Tschawa lá na comunidade. Então isso nos tem preocupado e ainda preocupa. Vamos ver se é verdade mesmo, se vai começar uma nova educação para todos. Para todos em suas línguas. Nós temos ficado muito tristes e sentimos ainda no momento. Esses dias nós nos encontramos com professores daqui da cidade, dizendo, eu estudei, eu tenho o meu 2º Grau. Eu estudei na Amazônia, eu estudei em Santa Catarina, em São Paulo, em Brasília, mas porém eu não posso ajudar a comunidade porque eu tenho medo. Eu sou funcionária, eu sou... eu não posso! Por aí nós vemos que aprendeu, mas não foi para defender a sua raça, não foi para defender o seu pai, o seu avô, a sua descendência, foi

defender outra raça. Então isso, na nossa vista, foi a coisa mais errada que a escola ensinou, dizendo que o índio não é uma pessoa, não era um ser humano. Eu sou Macuiri. Eu falo a minha língua, e ele com todo esse estudo, desvalorizou, se envergonhou da própria língua. Vamos acabar então, se é que nós estamos aqui para acabar isso, vamos tratar bem sério. Eles acharam que o índio não tinha educação, o índio, porém, na sua raça, quando não existia esse tipo de movimento que hoje existe, cultura diferente, o índio, eu acredito, que o índio era um índio obediente, cabia respeitar o seu pai, sua mãe. Ele era obediente, e hoje ninguém vê um filho que estuda na escola, que terminou a 3ª série, obedecer o seu pai. Então a gente vê, que a idéia lançada nas reuniões dos tuchawas de cada comunidade, sempre foram: Como estamos hoje? Nós estamos desgraçados, nós estamos abandonados, não temos um presidente, um governo que nos venha dar apoio! Então sempre falamos, somos seres humanos, somos iguais, somos seres humanos, somos todos iguais, mas só que ^{há} umas diferenças. Não como o povo fala por aí, não, são todos iguais... sim! Iguais porque nasceram do mesmo Deus. Depois Deus fez que não podia ser só uma língua, mas que dividiu essas línguas. Ficaram todas diferentes nas línguas, até nas cores: no preto, vermelho, branco, né? E a língua própria. Então, na hora da identificação, aparece as diferenças, as riquezas de parte de cada povo e de cada grupo. Então nós sempre falamos, a escola deve valorizar as diferenças, porque, valorizando é enriquecido. O valor é a riqueza, quando não há respeito por esses valores, não podemos nos acomodar, quando não tem respeito. E como acontece, nós não estamos bem, porque não está sendo respeitado os nossos valores culturais, a cultura do índio. A Secretaria de Educação, realmente, quer o que? Então vamos ver, né? Nós já estamos cansados de ser enganados, viu pessoal? Nós estamos cansados. Sabemos agora o que é enganar. Eu acho que muitas vezes acontece, que o índio é o enganador, mas também, de vossa educação, dentro da educação também há enganos e nós já descobrimos, porque, a prova existe muitos casos por aí, engano mesmo de verdade. A cultura do "branco", a cultura do índio, tem as duas culturas diferentes. A cultura do "branco" é diferente, tradição, costumes, são diferentes, mas ele é um ser humano... o índio é a mesma coisa, é diferente, tem a cultura diferente, o seu modo de viver. Então todo mundo dá o seu valor, então vamos respeitar o valor de cada língua, de cada povo. Porque em todas as culturas, em cada povo existe uma lei. Pelo menos para o índio existe uma lei, e nós não sabia, e agora estamos sabendo que existe. Por quê existe? Porque é para respeitar, não? Porém hoje ninguém vê o respeito. Nas conversas de muitos tuchawas falam assim: os "brancos" estão nos ganhando. Ganhando... Na nossa língua o modo de dizer ganhando nas nossas costas. Bom, é uma palavra, né? Ganhando dos tuchawas, e alunos... então a situação sempre foi triste. Parece que está melhorando, ao contrário, estão nos enganando. Acabou muita coisa do índio agora. Estamos, digo, estão nos escondendo, já está escondido, está sendo escondido todas as nossas tradi-

ções. Tempo lei. A escola... a escola pelo jeito não é de funcionar, agora
 é do nosso jeito. Não é mais como tem acontecido, porque nunca foi do nosso gosto.
 Sempre foi do jeito de um povo diferente. Agora os estudantes nem sabem mais a his-
 tória do seus avós, dos seus antepassados. A escola tem nos enganado, é isso. Dizer
 que o índio, de 59, de 60 para cá, não são pessoas daqui, são de outros lugares, do
 outro lado mar. Esse é um engano que a gente tem ouvido muito, dizendo que as áreas
 daqui, essas áreas nunca existiu, nunca morou índio. Então são coisas que nós temos
 sentido o engano, e isso tudo não é verdade, o que tem aparecido, o que está aparecen-
 do dia a dia por aí. Ninguém pode dizer que é mentira, ninguém pode dizer para mim.
 Eu sou testemunha, eu vejo muitas coisas erradas, que as pessoas de outras nações fi-
 cam enganado por aí. Eu sou um. Eu dou prova. Você vai comigo. Alguns tuchawas aqui
 já foram enganados. É triste a nossa língua estar se acabando. O que desgraçou mesmo,
 na maloca, foi a escola de fato, não? A escola do branco, a escola assim, como foi
 falado. Algumas escolas já estão ensinando macuxi, agora, pensamos, que nós deveria-
 mos estudar a nossa língua. Para os índios, para os filhos saberem de sua própria
 língua. Acharmos que a nossa língua também vem de Deus, é sagrado então. Então nós
 devemos cultivar, nós não podemos desprezar. Então, portanto, nós já estamos come-
 çando. Aqui, pelo menos existe até um centro, em Surumul, aonde marcamos o ponto,
 para um encontro de educação para o índio, que é um colegiosinho, porque a casa é mai-
 or. Pelo que se vê de muitos, porque a casa lá é um internato, deveria ser para um
 Centro de Formação Indígena, já que se fala que a escola é para o índio. Então nós a-
 chamos que de bem, é ter aquela escola para formar nossos filhos. Queremos então, um
 meio de formar um Centro de Formação Indígena, do jeito que o povo indígena quer. Não
 houve abertura, mas agora parece que mudou né? Quem sabe, não possa sair daqui, da
 aquele lugar. Com a colaboração do governador, e tudo. E pode servir também, para ou-
 tras comunidades do Brasil. Se os índios continuam brigando, procurando em busca de
 seu direito, podemos alcançar uma vida melhor para o nosso povo, não é assim? É is-
 so sim. Eu acredito que é, e vocês não acreditam não, mas o índio acredita. Eu de-
 fendendo o meu povo, eu tenho fé que o meu povo fica defendido, ele vai ver que a tra-
 dição, que a cultura, é respeitada. Algumas mulheres também, que se reúnem, sempre
 nas reuniões, sempre falam isso, que é muito bom, mas porém, acham que não serviu
 muito bem, porque sempre foi português, na língua portuguesa. Pelo trabalho do gover-
 no, por as escolas em todas as malocas. A preocupação é certa, porque eles acham
 que foi bom, é bom né? Ele não viu, se aquilo talvez ia prejudicar por detrás. Então
 acabou. O jeito hoje, é o jeito do índio, não? Prá dizer que o índio, quando ele a-
 prendeu a ler, escrever, contar, multiplicar, ele não é mais índio... Quer dizer que
 aí a gente vê, o engano. O engano do Governo, da educação, daqueles que dizem que são
 educadores, na Secretaria. Dizer que o índio aprendeu, já não é mais índio. Isso

eu não acredito muito. A civilização indígena - na doença havia remédios caseiros, do próprio índio, para ele se defender. Agora o "branco" fez um tipo de perturbação, com remédios diferentes. Agora o moço vai estudar na escola do "branco", e falta de respeito pelos pais, que se vê, como eu falei logo no começo. Então vamos colocar um centro de formação, com professores macuxis, com hapixanas, taurepans, ingaricós. O índio tem tudo e pode ensinar, como sempre ensinou seus filhos. Os nossos primeiros... eles ensinaram os seus filhos. Não pode dizer que nunca houve, existiu. Ensinaram o seu modo de viver, de pescar, como caçar, como divertir, sua dança e tudo. Sempre houve. Vamos entrar de acordo com isso. Então, nós temos o direito de escolher os nossos professores. Professores para ensinar a língua, mas professores índios, na língua. Nós devemos formar, fazer uma formação completa, e então o governo deveria aceitar esta nossa proposta, que está aqui. Precisamos de escola, mas não como o "Branco" quer. A autoridade está dentro da maloca. A autoridade também tem que respeitar aquela autoridade que é o Twclawa, lá da comunidade. E a comunidade é quem decide tudo isso, de hoje pra frente. É um mal quando o branco não sabe falar a língua indígena. É um mal. Educar ... querer educar, querer civilizar o índio, mas na própria língua, é um mal, gente. A programação da Secretaria de Educação é bem diferente, como tem acontecido. Não é o que o índio precisa e quer, e este encontro é uma oportunidade então, para dizer o que precisamos. É uma falha enorme, que a gente tem visto aí. Professores que estão por fora da realidade, não sabe mais, aquele que aprendeu, como eu falei no começo. Ensinam coisas diferentes, coisas que não é nossa. O texto dos alunos é sempre feito completamente fora da realidade. Para a língua, a Secretaria deveria então, por como obrigatória, a língua indígena. A Secretaria de Educação deveria saber, que tem gente que vai... Deveria saber disso... Como eu estava falando no início. Deveria saber isso, se é verdade mesmo, se tem gente que já andou fazendo pesquisas a toa por aí. Quem manda informações sobre índios, é tudo errado... que índio não é mais índio. Estão dizendo também, que os índios de Roraima, são apenas 3 mil ainda, como a gente está sempre vendo isso. É, tudo vem da escola, do estudo. Mas isso não está certo. É uma ofensa para nós, macuxis, taurepans ou hapixanas. É uma ferida no povo, viu gente? A República, a República deveria começar trabalhar também para os índios. A que temos ... é a escola do "branco". A escola que queremos... então é de acordo com a nossa necessidade, as necessidades das comunidades indígenas! Levem este conhecimento então. Poder ficar cientes, autoridades. A escola deve funcionar com a língua do próprio índio. O livro didático deveria sair em língua indígena. O governo deve dar um pouco de apoio aí. Um pouco, financeiro, né? Queremos um apoio, uma colaboração do governo local, para que a escola e um centro de formação... não só para a língua indígena, mas para toda a cultura indígena, também. Para uma dança, para o artesanato, etc. Professor deve ensinar coisa de índio, professor tem que ser formado do jeito do índio e nas coisas do índio.

Escolhemos um centro para isso e a colaboração deles. O governo tem que cumprir, porque pode fazer. Sem obrigação dentro da lei, a lei mesmo pede que o governo tem que colaborar. A formação tem que ser aqui, naquele lugar onde se escolheu para fazer aquele centro, no caso, a missão do Surumum, que foi construída para ajudar as comunidades indígenas. Nas escolas deve se ensinar na língua. Isto já está na lei, já está aí no Estatuto do Índio. Já tem quem ensine a trança. Existe nas comunidades, na maior parte das comunidades quem sabe a sua tradição, conhecendo os seus trabalhos de artesanatos, sabe, pelo menos eu sei: eu sei trançar abaco, peneira, essas coisas todas eu sei. Ninguém vai dizer que eu não sei. Eu conheço ainda. Existe muitos que sabem, em quase todas as comunidades existem essas pessoas. Todos nós queremos a nossa escola na nossa língua. Temos o direito, mas até agora o governo não cumpriu ainda este direito, que consta no Estatuto que está aí. Aquele artigo da lei, do Estatuto do Índio, aquele 47, depois 53, fala muito claro dessas coisas; da educação para o índio. Dizem que quando o índio já dá aula, não sabe ensinar. A intenção da Secretaria é acabar, então, quando o índio estudou, formou, quando se torna professor, diz que não sabe ensinar.. Que isso? Isso não está certo! A Secretaria então quer acabar com a cultura indígena, então. Só porque ele usa mais a cultura dele, o jeito dele, o jeito de ensinar na comunidade, dizem que não está ensinando bem! Com o centro de estudos da cultura indígena, seria então, um local próprio, que pedimos o Surumum. É importante que haja um centro de formação para o professor indígena, e aqui já dá para aprender muita coisa, lá naquele centro vai se aprender tudo o que é do índio. É importante que haja ensino do nosso jeito. Deve acontecer dentro da lei, porque já existe, mas muitos "brancos" escondem aquela lei... é esconde por aí, né? Em primeiro lugar seria necessária a demarcação, né? Que seria uma coisa que devia o governo se preocupar. Hoje não há preocupação. É o primeiro problema que sentimos, porque aí estão os primeiros problemas que tem acontecido nas demarcações das terras. A escola sim, tudo bem, é para com o saber, né? Mas não para destruir, é para construir, para conhecer somente. Os abusos sempre vem surgindo, e depois, outra preocupação das terras, é a cachaça e aqueles outros. Existem muitas conversas por aí, que o índio hoje, ele é guiado por idéia de muita gente, que dizem, que agora o índio, ele fala que é índio porque vem outras pessoas que vem dizer: você é índio. Aí o governo, muitas gentes diz, não, sabe quem que está mandando ele dizer que eu sou índio? É um padre, é um estrangeiro que está por aí. Olha, são fofocas que vocês estão fazendo contra nós, pessoal. Isto não está certo, não! Tudo está sendo pisado, a nossa cultura, a nossa civilização, a nossa vida de índio, tudo isso já está pisado por vocês, pela escola, pelo português. A escola sempre trouxe, a gente sempre vê um pouco de coisa, um pouco de destruição, já como falamos no começo. A escola tira sempre o filho, sem dar apoio, fica por lá, e o professor que também não ajuda a sua comunidade. Então, assim,

gente sempre ter notado um pouco de muitos tuchawas. Então, para dar um pouco de espaços aos outros, nós podemos parar por aqui, porque, na verdade, nós não sabemos na língua vossa aqui, fala muito, quer explicar as coisas ... Agora tem, no caso assim, como é a sua história de verdade, se tem uma história... Se eu vou contar a minha história eu poderia contar, mas aí já é outro trabalho. Tinha que marcar um dia ou dois ... Então já falamos, como o encontro é para falar só a escola, então da escola já dissemos. Que escola queremos? é a do nosso jeito, que funcione do nosso jeito. Eu acho que pelo pouco de anotação que eu fiz aqui, isso se vocês entendem, eu acho que podem entender, se não entendem, o que podemos fazer? Deixar assim mesmo. Vamos esperar que os outros tenham alguma clareza a respeito do que eu não disse do que ficou para trás eles vão esclarecer. Muito Obrigado a todos vocês.

Dando prosseguimento à apresentação, nós convidaríamos o Valdir Tobias, da Região das Serras. Eu diria apenas a vocês, que aquele que se sentir mais à vontade para falar sem o papel, e quiser falar normalmente, como eu vi vocês nas malocas. Eu senti que o Terêncio teria mais facilidade de falar, como ele falou lá do Surumum, sem problema nenhum, talvez, eu acho que é o microfone que está ele nervoso. E aqueles que quiserem falar sem ler, normalmente, porque está sendo todo esse programa gravado, então não vai sofrer, ninguém vai esquecer. Pode não fazer Terêncio, mas que vai ficar gravado, vai.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

Meus senhores, bom-dia || Eu me chamo Divaldir Tobias, das Nações Indígenas, eu sou representante das Serras. Pelos primeiros pontos, que a gente está se encontrando, aqui nesse ginásio, reunidos juntos com o pessoal que trabalham, que são funcionários da Secretaria da Educação e com os líderes de cada nação indígena do Território de Roraima, que são os Tschawas, e ainda mais, os seus representantes. Pelo ponto que eu cheguei de entender, alguma coisa que nós queremos e que vocês estão querendo de nós, sobre a educação e cultura, e das culturas das populações indígenas daqui do Território de Roraima, que nós índios, macuxis, hapixanas, taurepang Yanomanes, que existe aqui na fronteira do Brasil com a Venezuela e a Guiana Inglesa que nós, desde anos passados, que a Secretaria quando chegou aqui no Território de Roraima, que sentimos uma mudança, isto é que o Tschawa Terêncio acatou de falar, isso eu vou apoiar o que ele falou. E outras coisas, que nós devemos entzar em contato entre os funcionários da Secretaria da Educação, juntos com os líderes das aldeias aqui do Território de Roraima. Eles estão presentes, nós estamos presentes. Pela primeira vez que deu a oportunidade de nós estarmos reunidos junto dos senhores e as senhoras e junto com os Tschawas e os representantes. Bem gente, eu quero dizer uma coisa certa e curta: que nós índios, em primeiro tempo que nós estamos procurando de

valorizar a nossa língua, assim como a Secretaria da Educação e Cultura, está dando valor na língua "brancas" e nas suas tradições portuguesas, nós índios também, desejamos que, os senhores tenham respeito por nossas culturas, da nossa língua, língua que todos os índios têm, como eu sou macuxi, e ainda tem mais, como o hapixana, que aqui no Território não está sendo respeitado. Como mais, digo ainda assim, que no ponto que nós batalhamos, esses passados, mas de hoje em diante, esperamos, que os senhores colaboram com que o índio está precisando de hoje em diante, no futuro. Como os antepassados, vamos colocar em baixo do pé, e vamos esperar as boas novas, as boas do futuro, que nós desejamos como os senhores, que trabalham na Secretaria da Educação, num órgão do governo, como do órgão da Funai e devemos entrar em contato, não fazer as coisas fora da gente, que somos líderes das nações indígenas daqui do Território de Roraima. Porque aqui, como alguns adversários, que somos representantes, nós estamos dando tudo para reconhecer os nossos direitos humanos dos povos indígenas aqui do Brasil, porque nós temos direito, nós temos a capacidade de ter, nós temos a lei que apoia, e os senhores são sabedores, então, vamos caminhar do jeito da lei que o país do Brasil está colocando, está disposto a servir e viver, até aonde nós pudermos viver juntos com os senhores, apoiando a gente e nós nos apoiando e queremos que a nossa língua seja válida, assim com está sendo a língua portuguesa. Eu espero no futuro, que nós desejamos a respeitar a nossa cultura e desejamos aos senhores, o órgão do governo, qualquer órgão que exista aqui no país do Brasil, que ele tenha respeito pela cultura indígena, mas principalmente, da nossa língua, e nós como estamos reunidos aqui, junto dos senhores, desejamos o apoio de vocês, que nós estamos querendo formar um centro para ensino da nossa língua, com os nossos professores, e de hoje em diante, como eu sou um que lutei demais por uma escola, que estava dando um problema grande, como na maloca do gavião. Uma experiência que vou contar: que eu lutei demais. Vim aqui umas quatro ou cinco vezes, na Secretaria da Educação. Acho que algum adversário que estava lá, trabalhando na Secretaria não estão, mas os representantes da Funai, tem alguns que estão ouvindo. Bom, isso era um "branco" que era professor lá, que estava fazendo problema, contra os índios. Na escola de uma aldeia, que tinha o professor que não estava respeitando a escola e nem os tuchawas e nem os líderes. Então é isso que de hoje em diante, nós não esperamos que aconteça mais. De hoje em diante queremos que cada aldeia tenha um professor índio, como tentando em nossa região, maioria é quase é índio. E para ensinar a nossa língua, que nossa língua já está quase acabada, mas através foi da escola, e como antes, os professores que chegavam lá, diziam que eles não tinham o direito de ensinar a língua Macuxi, que a Secretaria da Educação não aceitava aquele trabalho para o professor fazer, dentro da aldeia e isso nós sentimos muito. Vamos dizer que foi um empurrão que a Secretaria deu, neste ponto, mas isso, ninguém gostaria de acontecer mais. Então, nós estamos aqui reunidos para debater sobre esses fatos que aconteceram, então, de hoje em diante vamos colocar numa casinha certa. 40

Não enganar. Nem vocês e nem a gente também. Queremos sermos iguais. O índio também é igual aos senhores "brancos". Somos iguais. O "branco" tem cinco dedos e o índio também tem. O "branco" tem a cabeça e o índio também tem, e então, de hoje em diante, esperamos que não aconteça o que estava acontecendo. A lei fala (eu vou ler um pouco aqui, sobre o Estatuto, que não foi o índio que fez. Essa lei não foi índio que assinou, foi o presidente da República aqui do Brasil. Foi ele que assinou. Mais ela não está sendo respeitada aqui no Brasil) como se deve fazer. Como diz no artigo 48: os índios têm direito à escola. Certo ! O índio tem direito. Mas como o índio tem direito à escola ? A escola tem que ser diferente da escola do "branco", pois índio pensa diferente do "branco", isto é, a gente sabe. Ainda agora acabei de dizer que somos iguais, não é ? Agora a lei está falando que somos diferentes, mas nas nossas culturas, nas nossas línguas, que os senhores não falam, os "brancos" não falam macuxi, mas eu falo macuxi, agora emprestei esta língua que estou falando hoje, dos senhores. Essa língua portuguesa, então, eu emprestei, aumentei mais uma língua para mim. Tem adversário aí, que só fala uma língua, mas eu já falo duas. Não falo muito bem, mas já estou falando alguma coisa. Então, eu já falo duas línguas. Tem algum adversário aí, que fala inglês, espanhol e português. Isso ainda é melhor para a gente aqui na terra. Pois quanto mais a gente fala umas quatro ou cinco línguas, é melhor. Mas tem gente que só fala uma língua, a portuguesa. Não fala nem inglês, nem espanhol. Então, como eu estou tentando aprender alguma coisa, para poder aumentar mais a língua, pois eu falo macuxi, e eu falo um pouco o hapixana. Um pouquinho eu entendo, e eu já estou emprestando a língua portuguesa, de vocês, dos senhores aí. Então, eu já estou aumentando a língua. Então é isso, como está diferente, vamos dizer. No artigo 48: os índios que forem ensinados a ler, terão que ser ensinados na própria língua e também em Português. Serão ensinados primeiro na própria língua e só depois em Português. (...) Será que fui eu que fez esta lei ? Então, nós temos que ir pela lei. Temos que respeitar pela lei, porque eu estou respeitando. Dizem assim: o índio não tem respeito, o índio não tem ... não respeita, mas aonde está o respeito é mais do índio ! Aonde o índio sabe respeitar. Como hoje nós estamos conhecendo que a maioria dos "brancos", não estão respeitando e como está visto, está aprovado. Mas isso não deve acontecer aqui no nosso país do Brasil. Mas tem país que respeitam. Eles respeitam a lei, mas nós aqui, as criaturas que vivem aqui no Brasil, não respeitam as leis. Estão fora das leis. Desrespeitam as leis. Isso, como citei, deu boa oportunidade de nós conversarmos, como o Terêncio falou bastante, a mesma, eu apoio o que foi falado. Obrigado ! Não me desculpar de alguma coisa mal falada.

Nós ouviremos agora o Inácio Brito, ainda da região das Serras, encerrando o primeiro ciclo, para iniciar os debates. Falarão três e aí teremos os debates, e

Um abraço para todos os curvintes que estão aqui presentes ! Eu sou repre-
 sentante das comunidades da Maloca Naturuca. Então eu quero dizer, que eu quero a-
 firmar, eu afirmo o que os demais colegas falaram, pois isso é tudo verdade, está a-
 contecendo entre as comunidades indígenas aqui do Território de Roraima, que a Edu-
 cação implantou, ou que o Governo implantou aqui no Território de Roraima, esquecer-
 do de implantar o ensino das línguas, aqui no Território de Roraima, então, os índios
 estão sofrendo, estão espalhando, através do ensino da língua portuguesa, porque ten-
 do a sua cultura, aprendemos as coisas dos "brancos", dos portugueses. Então estão se
 espalhando... todos os problemas que estão acontecendo, os índios estão sofrendo, que
 a própria Educação está contra o professor índio, como sempre aconteceu, quando o po-
 bre do professor vem na Secretaria de Educação, resolver os problemas, pedir a ajuda
 da Secretaria, muitas vezes o coordenador do ensino do interior, desvaloriza o profes-
 sor índio, como tem muito acontecido. É muito criticado, é muito rebaixado. Para en-
 les, o "branco" tem mais valor do que o índio, mas sabendo que, como o secretário, co-
 mo os superiores estão ganhando o seu dinheiro nas costas dos índios, no nome dos
 índios, pois a maioria, aqui no Território de Roraima, é a parte aonde estão as esco-
 las, a maioria a gente vê, no modo em geral. Então com isso eu quero dizer que, nós
 estamos muito criticados através destas coisas. Nós estamos muito desvalorizados.
 Agora, a partir do ano de 1.986, como a secretária falou, nós vamos esperar isso, por-
 que, nas nossas comunidades, nossos filhos estão deixando de aprender as nossas lín-
 guas, a pronunciar o português. Muitas vezes o professor ensina o português, e aqueles
 índios, citados, não sabem o que que significa aquelas coisas, mas eu acredito que
 ensinando a língua macuxi, todos os índios entenderão o que que eles estarão dizendo.
 Então, tudo isso, como está colocado no tema: "Que escola temos e que escola queremos?"
 Então nós queremos a nossa escola, do nosso jeito, a nossa escola indígena, para en-
 sinar a nossa língua, como macuxi, o hapixana, o taurepan e ingaricó. Então é isso
 que nós queremos. Que a escola funcione do jeito que a comunidade indígena quer. En-
 tão é só isso que eu quero dizer. Muito Obrigado !

* * * * *

Agora vamos iniciar os debates. Para facilitar, a pessoa só levanta a mão.
 Aquele que quiser apresentar alguma coisa e se apresentará no microfone, dando o no-
 me e a entidade que representa, ou a qualificação, da maneira que quiser se identifi-
 car. Nós vamos aguardar e se não houver ninguém para o debate, nós vamos dar prosse-
 guimento à apresentação dos expositores indígenas.

mente às três palestras, iniciando pelo Twchawa do Surumu, e pelo que ficou entendi-
do, a preocupação maior do índio é com a sua cultura. Fiquei atento também, que os
dois últimos foram solidários às palavras do Twchawa do Surumu, mas eu fiz algumas ob-
servações. Como eu sou um homem do governo, eu teria que fazer aqui, algumas coloca-
ções. Primeiramente, a preocupação da cultura, é que, quando o Brasil foi descoberto,
até hoje, com todo esse desenvolvimento que nós tivemos, esse entrosamento do "bran-
co" com o índio, porque a grande maioria do povo brasileiro, é descendente do índio.
Por isso, até hoje, a cultura de vocês sobrevive. Não é como a cultura, por exemplo,
do índio americano. Se vocês observarem na televisão, a grande maioria dos filmes
que assistimos, é o americano, o povo americano matando o índio, coisa que nunca ocor-
reu aqui no nosso país, pela nossa própria cultura ser originária de vocês. É bom se
lembrar desde o Padre José de Anchieta, que iniciou a catequese. Não foi o Governo
do Brasil. Veja por onde começou a catequese... a catequese aos índios, ao primeiro
povo brasileiro, começou pelos jesuítas. As primeiras escolas, os primeiros hospi-
tais, aonde o governo não tinha condições de chegar, como exemplo, o Hospital do Su-
rumu, não foi o governo do Território; os padres, a Igreja, os missionários, chegaram
na frente. Iniciaram a catequese, trouxeram as primeiras escolas, levaram os primeiros
hospitais. Depois cabe ao governo chegar, porque esse é o papel do governo. São al-
gumas colocações que eu queria fazer, em termos de cultura, porque em termos de esco-
las, me parece que ficou à parte. A maior preocupação de vocês é a cultura. E parece
que vai ser o tema daqui por diante, vai continuar em termos de cultura. O que eu en-
tendo, em termos de cultura, é que deve prevalecer, vocês devem, o governo deve apoiar
integralmente esta posição de vocês, sobre a cultura de vocês, que deve ser colocado
a partir do próximo ano, se a Secretaria tiver estrutura e condições, já a língua
de vocês nas escolas indígenas. Isso aí vocês estão corretíssimos. Agora, o que me
preocupa, por exemplo, quando vocês colocam a cultura e criticam o "branco", é que
eu estou vendo muitas pessoas da área indígena, por exemplo, de óculos. Isso é cul-
tura do "branco", tá? Por exemplo, na minha Secretaria, houve crítica ao remédio
do "branco". Eu tenho 48 pedidos de remédios para as malocas indígenas. Tem pedidos
de foice, martelo, pá, picareta, sandália, congua, tecidos, que são cultura do "bran-
co". Mas isso é importante para vocês, por isso é que eu digo: "a gente tem de unir
o que tem de bom na cultura do "branco", e que sirva para o bem-estar social de vo-
cês, sem modificar a cultura de vocês, que é a nossa cultura, é o início da nossa His-
tória". Então aí é que está o papel importante, que eu acho que o governo tem de es-
clarecer a vocês, porque houve críticas a respeito de remédios, a respeito de uma sé-
rie de coisas que é fundamental para vocês, sem atropelar a cultura indígena.
Era esta a colocação que eu tinha a fazer.

para os debates. Ficamos aguardando a participação de outros de

Meus senhores, eu que ser rápido, apenas colocar que observando as colocações que foram feitas pelas lideranças indígenas, ou estive fazendo uma análise de toda a problemática, de todas essas necessidades, acho, que foram bastante pertinentes, foram bastante claras, bastante coerentes, na medida em que essas representações trouxeram para cá, a sua visão de uma educação que é necessária para eles, como por exemplo, eu posso enfocar aqui alguns pontos: Eles são unânimes em dizer que eles precisam sim, de escola, mas uma escola diferente da cultura civilizada. Como eles chamam, da cultura "branca", Eles precisam de uma escola que lhes ensinem a ler, a escrever, fazer contas, dominar esses códigos escritos, mas que todo esse preparo, parta da cultura deles, de todo esse saber que eles têm. Isso é o que eles desejam. Outro ponto enfocado que eu achei muito válido, é que eles acham que, embora sejam índios, mas são gente, são seres humanos, são pessoas, que depois de participar, de receber toda essa escolarização padronizada, instrumentalizada, esse saber escolarizado, eles têm condições de serem respeitados, porque eles acham o seguinte: o índio preparado, instrumentalizado, ele também pode ser um professor do seu povo. Eles têm essas condições. Ele é um intelectual também. É só isso. Obrigado! A minha identificação é Fabionor Vasconcelos - Técnico do Mobra.

* * * * *

Continuamos aguardando outros debatedores. (.....) Nessa primeira parte, já que ninguém se manifestou a continuar a apresentar alguma coisa, pediríamos que o Tchawa Neto, do Surumu, iniciasse a sua apresentação:

(O Tchawa Neto iniciou a sua exposição, falando em sua língua macuxi) Eu falei um pouco a minha língua Macuxi, . Eu acho que ninguém entendeu. Então eu quero dizer ainda que o que nós tratamos a respeito da língua indígena, que vamos ter ao lado da nossa língua indígena, para que ela funcione certo, como nós pedimos. Queremos que isso funcione do jeito que nós estamos procurando e a escola "de vocês brancos", funcione como vocês estão querendo. Vamos respeitar a nossa língua indígena. Que os que falaram primeiro, eu afirmo sempre, que eles disseram, que querem suas culturas indígenas com a escola pode funcionar, porque sem ela funcionar, como está indo, eu acho que a Educação, nesse ponto ela de evadiu, não sabe mais levar ao direito nosso. Tanto faz com a educação indígena e a educação "branca", porque em tempos atrás, eu acho que isso era mais educado, e agora já está tudo diferente. Então, digo assim, porque tem muitas famílias "brancas", que querem respeito na sua família, e assim, o índio quer respeito da sua família, da sua cultura, porque por este lado que está indo, sem sa-

sem saber por onde andar. O índio não sabe mais ! Então os brancos
vêm: vocês "brancos" querem ser índios, mas sem poder serem índios, sem poder falar a
língua macuxi, e o índio, sem poder falar a sua língua. Querendo abandonar a sua pró-
pria língua, então, nesse ponto, assim como tem a língua inglesa, que estão metendo
na língua "branca", isso aí eu não apoio, porque a língua inglesa é de outro lado !
Antigamente não existia fronteira para os índios, nem para ninguém e agora foi divi-
dido. Então, nesse ponto, eu quero dizer que vamos respeitar as nossas línguas, tar-
to faz como o português, o macuxi e o hapixana, que pediram a sua língua.

Muito Obrigado !

* * * * *

Cuiremos agora o Abel Tobias, da Região das Serras.

Bom-dia Senhores e Senhoras ! Eu sou um macuxi também, da região das Ser-
ras. Assim como os primeiros Tschavas representantes que falaram, eu estou dando o
apoio, porque eu sou macuxi. Eu sou índio também. Eu já fui aluno também, na escola.
Vamos dizer que eu já aprendi. Eu também já fui na vida militar, já estou conhecendo
alguma coisa sobre a lei, portanto, eu como já estudei, vamos dizer que eu já estudei
até o 1º Grau completo, já fui à vida militar e mesmo assim, eu nunca deixei a minha
cultura, então, eu espero que em cada maloca, procure, como a gente procuramos, como
os tschavas procuram e como nós estamos procurando os nossos direitos sobre a língua.
Tem uma citação assim: que o índio estudou, não é mais índio. Como é que pode ser
isso ? Vamos dizer que um africano vem aqui para o Brasil, estuda a língua portugue-
sa, já não é mais africano, não é mais preto, ele é branco, ele já mudou a cor, a cor
dele, não pode ! Também assim, o índio aqui, em Roraima, no Brasil. Então acontece
isso. Nós estamos querendo, que nasça, que seja plantada mesmo, que o ano que vem, o
ano de 1.986, seja lançada a nossa língua no ensino do interior do Território de Ro-
rainha. Eu sou alfabetizador também, conheço um pouquinho, então já estou iniciando,
na minha própria maloca, ensinando a minha língua, como escrever. Disseram antigamen-
te. Os primeiros professores que andaram na minha maloca, disseram que a língua não
se escreve, que isso não tem fundamento. Não se escreve, como é que se vai escrever ?
Mas tem, encontramos já a escrita. Como o português é escrito, o macuxi encontramos
porque é escrito também, portanto, tem que entrar isso, de acordo com, eu acredito
que os senhores que trabalham na Secretaria de Educação e o secretário, como falou
todos estão entendendo o que estamos querendo. Eu estou gostando e eu quero apoio e
nós apoiamos os senhores também. Somos índios daqui do Território de Roraima, nasci-
dos e plantados aqui, igual a um pé de árvore que nasceu aqui. Então, nós somos ín-
dios e moradores daqui e respeitamos a vossa cultura, cultura do "branco" e a cultura
do índio. Os senhores "brancos" tem que respeitar também a nossa cultura, a nossa

língua, porque muitos dos "brancos", vamos dizer que não res-
 peitam. Eu não estou dizendo aqui, que os senhores que estão aqui presentes são as-
 sim, porque eu sei que respeitam mesmo, e estão cumprindo a lei, como o normal aqui
 do Brasil, e agora, inclusive, os outros parentes dos senhores, não tem respeito por
 nós. Por quê? Nós respeitamos eles! Por quê eles não respeitam nós? Portanto,
 a nossa língua tem que ser, eu estou apoiando a fala dos tuchawas, dos representa-
 tes e tem que gravar mesmo isso, para poder sair o ano que vem. Eu estou pronto para
 ensinar a minha própria língua, a minha cultura, danças, caças e todas as coisas que
 o índio tem. Que a cultura do índio é diferente dos "brancos". Como eu já estudei
 e não mudei. Já estudei, já passei a vida que eu estava e não deu para mim. Vamos
 dizer que eu notei que era diferente. A cultura do índio é diferente da do "branco",
 portanto, é só isso que eu tenho para falar. Muito Obrigado e desculpe aos senho-
 res!

Convinemos o Tuchawa João Batista da Região das Serras.

Bom-dia para todos os cu-
 vintes! Eu como tuchawa da Pedra Branca, região da Serra, me represento com algu-
 mas palavras, confirmando as palavras de todos os tuchawas que estão falando. Sa-
 bemos que isso foi debatido no Surumi, a respeito da escola. Então eu acho que todos
 nós, olhando o que está escrito ali na frente, "que escola temos e que escola quere-
 mos?", acredito que todos, os nossos amigos civilizados, sabem, que em primeiro lu-
 gar nós queremos a nossa escola, do nosso jeito. O ensino de nossa língua, o ensino
 de nossa cultura, a nosso sistema de viver, enquanto nós olhamos muitos de nossos pa-
 rentes índios, que aprenderam a ler e escrever a língua portuguesa, se orgulham que
 não tem aproveitado na comunidade. Como eu tenho visto, ~~na~~ na nossa maloca da Pedra
 Branca, muitos dos estudantes, que completaram o seu 1º Grau, que não tem trazido na
 da de proveito. À cultura, ao contrário, trazem prejuízo para a nossa comunidade.
 Aprendendo a cultura civilizada, através da escola. Não sabendo usar, não sabendo fa-
 lar, não sabendo interpretar a palavra civilizada, português, quero dizer. Então,
 por isso, nós queremos, que a formação de um professor de ensino na nossa língua, se
 ja aberto ainda em 86. Espero que a Secretaria, o Governo, a Funai, nos dê o apoio
 para todos os nossos professores, pois a nossa língua é muito importante, a nossa
 cultura, o nosso sistema, a nossa tradição, que nós precisamos, que já acabou através
 da escola. Não quero dizer que já acabou completamente, alguns dá valor ainda, à nos-
 sa língua. Como a minha língua, a minha raga, o hapixana, eu não tenho vergonha de
 falar na frente de vocês, eu não tenho vergonha de falar na frente da língua macuri,
 porque a minha língua, é a língua hapixana, portanto eu dou valor para a minha lí-
 gua. Agora eu quero dizer, a partir do ano de 85, já que todos estão chegando no va-

Porque traz prejuízo, como nós já ouvimos o Tschawa Terêncio, e outros não, já disseram, traz o nosso prejuízo, aprendendo a tradição dos civilizados. Prejuízo! Então isso, eu acredito que todos os senhores nos dê apoio, Dizem que é verdade que as vossas línguas, é bom que nós voltamos as tradições nossas. Que o nosso costume é diferente dos "brancos", como muitos vem repetindo. É diferente dos civilizados. A nossa língua é diferente da língua portuguesa, mas sim, nós não deixamos de falar a vossa língua, para saber comunicar, e agora nós esperamos também de vós, nós não obrigamos, mas também podemos nos comunicar uns com os outros, através de nossa língua com os outros, e a língua portuguesa com os portugueses, que são os civilizados. Eu confirmo tudo o que os outros tschawas disseram, que seja implantado ainda em 1.986, como já pedimos o local, como o professor Santoris esteve lá nos ouvindo, nós pedimos o Centro de Formação de Professor, como em tudo, artesanatos, sistema... Então isso deveria ser, ainda, nas regiões do Surama. Então nós já procuramos o lugar e decidimos que a Formação de Professores na nossa tradição, o tipo de nosso costume, que seja naquele local. Então por aí eu confirmo, todas as palavras que disseram, que é verdade, que o que está acontecendo. A minha palavra é só isso. Muito Obrigado !

* * * * *

Pode-se iniciar os debates. Nós acreditamos que tem muita gente querendo falar e apenas, parece, que estão se sentindo inibidos, quando da parte dos índios, essa inibição não existe, de colocar aquilo que eles sentem, da maneira que eles querem e até mesmo ferindo os nossos cuidados, acostumados a ouvir somente o Português, quando como o Neto falou em Macuxi e a gente ficou sem entender nada. Eu acredito que tem muita gente que está querendo fazer colocações, e isso dessa troca de experiências, dessa troca de idéias, é que nós esperamos chegar ao ponto para atender a esse ramo da sociedade, que precisa ocupar o seu espaço, que precisa sobreviver, para crescer junto com a nossa sociedade. Nós continuamos aguardando os debatedores.

(.....) Ninguém a se manifestar ? - Colocação do professor Santoris.

Colocação da professora Maria Luiza - Eu acho que está aberto também à comunidade indígena. Podem se manifestar. Vocês fazem parte do nosso público de hoje.

* * * * *

Vamos dar prosseguimento, ouvindo a palavra do representante da Região do São Marcos, Raimundo Nascimento.

Bom-dia ! Eu sou um tschawa lá da Vista Alegre, região do São Marcos, Raimundo Nascimento da Silva. Então aqui, não estamos como nós se juntamos, queremos concordar com o chefe da Associação, sobre a escola, porque é a

escola... tem... que a gente não pode estudar, não tem estudo,
 é ... inglês, inglês. Não posso daí os achá que está cerrado, porque ninguém vai a-
 travessar na área dos ingleses, e como nós podemos estudar? Então é por isso, agora
 não somos daqui, macuxi, região de Roraima. Nós estamos querendo colocar a língua in-
 dígena para ensinar as crianças e até os "brancos" devem aprender também a língua ma-
 cuxi. Então é isso que a gente, os Tschawas estão podendo, para poder a gente respei-
 tar o que é dos índios, para poder respeitar o que é dos brancos também. Dizem aí,
 que índio nunca respeita... não! Índio respeita, mais do branco. Índio não invade a á-
 rea dos "brancos", os "brancos" invadem a área dos índios. Índio nunca invade a área
 dos "brancos". Aonde é demarcado, nunca invade, porque respeita. Índio respeita o
 que é dos outros, das comunidades. Então nós queremos nos juntar, incluir o nosso
 sistema, com a escola de Educação dos "brancos", porque tem muitos tschawas que estão
 agora, que já foi estudado. Eu não fui estudado, não! Nunca fui estudado. Eu estou
 com 36 anos, no cargo de tschawa (... houve um corte na exposição desse represen-
 te).

*_**

(... o início da fita nº 3 inicia com um corte, ou seja, o representante ou
 expositor inicia falando, não há apresentação por parte da comissão e a exposição do
 assunto está pela metade).
 , em, segundo, a merenda que
 vai daqui, como acabamos de ouvir de nossos companheiros, que vai vencida. Então isso
 vai levar problemas, doenças. Se come dá diarreia, se não come, fica com fome e daí não
 vai prestar atenção ao que o professor está ensinando. Então isso é muito... não é
 válido, porque o aluno não vai aprender. Ele com fome não estuda. Gente com fome não
 trabalha, e é o que acontece. Nós pedimos e queremos, pois estamos vendo mesmo, que
 o nosso governo, está se empenhando não só na causa indígena, como em todo o caso, do
 pessoal do Território, então, minha gente, junto dos companheiros, vamos também ajudá-
 lo, levar ao seu conhecimento o que é que nós podemos fazer para ajudar as nossas es-
 colas. Se eles não acostumam a comer aqueles alimentos, como nós acabamos de dizer,
 vamos fornecer para o governo comprar lá dentro mesmo, daquelas aldeias, para que eles
 comam o que são acostumados. Também pedimos muito, que cada escola indígena, que o
 governo, junto da Secretaria de Educação, junto à nossa Secretaria de Educação, se em-
 penhe em procurar uma pessoa, para que ensine a língua, os costumes nós temos. O cos-
 tume não é o professor que ensina, o costume quem vai ensinar é nós mesmo lá dentro da
 aldeia, então precisamos de professores que vão ensinar, só mesmo aquilo que aprendeu
 na escola, para ensinar na escola o que é de bom, o que é de mal, é muito ruim. Eu a-
 gradeço muito e faço mais um reforço, para que se empenhem em conjunto com o governo,
 com a Funai, que nos apóia, para melhorar as nossas escolas do interior, das áreas in-

éigenas, como sentido, na alimentação, na língua e de saúde. Fico o q...
zer. Obrigado !

* * * * *

Dando prosseguimento, ouviremos o Aurélio, da Região do Quinoco:

É pela primeira

vez que estou aqui, juntamente com todos os ouvintes, tanto os meus parentes, como os funcionários da Educação, que eu digo assim, que eu não podendo falar com vocês na língua portuguesa, porque não é minha língua, mas se o desejo de todos aqui da Educação, quizessem me ouvir, falando na nossa língua, eu poderei falar, me dirigindo melhor, me esclarecendo melhor na própria língua. Eu vou falar um pouco na nossa língua macuxi. Poucas palavras, pois eu não sei falar o português. Falo um pouco apenas.

(.....) Muito Obrigado !

* * * * *

Saúdo a vós com um Bom-Dia, nesse serviço que nós estamos realizando nesta manhã, dia 17 de setembro de 1.985, porque é pela primeira vez que eu participo desse local, dessa reunião, no qual eu estou no meio desse povo. Eu sou Olavo Paulo Augusto. No meu documento está Olavo Paulo Augusto, mas o meu nome, na minha maloca, é Olavo Augusto Macuxi, porque sou filho de índio e de índia. Sou da Maloca do Darora, Região do Tacutu. Porque eu me encontro neste local, representando esta maloca, a qual foi nascida neste local. Então, é pelo intermédio de muitos conhecimentos também, porque aqui nós tratamos de coisas bem claras. Não queremos deixar as coisas confundidas, não queremos deixar as coisas assim meio prolongadas, não quero deixar as coisas meio enroladas então aqui nós estamos, neste momento, neste dia, o qual nós queremos ver uma coisa assim, bem declarada, uma coisa bem clara, que é para todos entenderem. Eu também sou filho de índia com índio, mas eu não sei falar a minha língua, mas eu entendo. Mas por quê que eu entendo ? É porque quando nasci, logo em seguida apareceu, surgiu a escola na minha maloca. Então o que aconteceu ? A partir daquele dia que passei a estudar as coisas materiais, que é a língua portuguesa. A língua portuguesa, pela qual eu abandonei a minha língua, como muitos disseram. Então, o que acontece ? Hoje eu sou adotado. Eu sou adaptado no meio da civilização. No meio... no qual eu me encontro neste grupo, nesta reunião. Mas por quê que eu me encontro tão distante da minha maloca ? Tão distante dos meus parentes também ? Mas eu estudei, para mim ter a conclusão de me encontrar neste ponto, representando a maloca, representando o povo, os nossos companheiros de luta, que a muito tempo vem lutando, e muitos nem pensavam de chegar a este ponto, o qual nós nos encontramos reunidos, mas é por muito estudo, que nós estamos aqui. Se não tivéssemos estudo e sem escola na nossa maloca, não estaríamos aqui neste local, mas o estudo foi muito avaliado, foi muito prolongado, foi muito levado a sério.

e ensinou muito aos nossos filhos. Assim também tinha boa vontade, mas logo em seguida, muitos achavam que isso era errado. Não estamos tratando de união, porque o que é união? União é uma força, é corrente. União é uma força que você lutando, nós vivemos lutando por esse povo. Quando Roraima surgiu aqui, o que acharam aqui no Território de Roraima? Foi o índio, que foi nascido e criado, plantado do Território de Roraima. Quando a civilização veio para cá e encontrou o índio plantado, e seguindo, porque a civilização foi tomando conta, foi tomando conta, foi tomando conta, quando o índio abriu o olho, já estavam plantados também no meio dos índios. Já estavam apossados daquele local. Já se apossaram de um pedaço de terra. Quando eu conheci um "branco", que ele pediu uma área de um índio, ele disse que era só para passar o fim de semana. Ele queria fazer um barraco, ele queria fazer uma casinha para passar o fim de semana. O que que aconteceu com a pobre daquela índia que morava naquele local. Nasceu, a mãe foi enterrada, o pai foi enterrado naquele local. Ele veio na cidade, legalizou, cadastrou, registrou, fez todos os documentos da terra como se fosse que ele tivesse comprado. Quando a ocitada da índia abriu o olho, ela já não podia fazer mais nada. Ela seguindo me chamou: Olavo, o que, como se passa isso? Disse: eu não sei. E assim que foi, assim que foi indo, a civilização, a educação. Muita gente, desculpe eu falar, mas muita gente, também índio-cabloco e "branco civilizado", tem educação moral. Então, a educação a gente entra e sabe sair, mas esse "branco" não mostrou a educação dele. Ele não teve educação. Ele não teve consideração. Ele não teve um pouco de memória, de consideração àquela índia, que serviu a terra de bom coração e depois ele cadastrou, fez esse documento. Aí é que passa a dizer que o índio não respeita, com o índio não tem entendimento. Como é que o índio vai entender. Essa é minha terra. Não! Ele foi para lá. Ele chegou lá e fez o barraco. Então é assim a educação que nós vemos, tanto do índio, como da civilização. A civilização eu digo, porque eu sou índio; Civilizado cabloco é aquele que tem estudo sobre a cultura. Estudo sobre a cultura, esse é cabloco. O índio é nós parente, que é nascido e criado na maloca. Aquele que é nascido dentro da cidade, aqui. Que a mãe é civilizada, casa com um branco de fora, já se torna cabloco, porque ele não tem contato com o índio. Às vezes até ele tem nojo de índio, não só porque tem um estudo. Ele não gosta de dar atenção aos índios, como muitos mesmo eu vi. Eu fui tirado do livro da Funai, dentro da Delegacia da Funai! Eu chegando lá fui apresentado, eu cheguei e me apresentei: Quero o delegado Adjunto. Ele falou para mim: Você tem documento? Disse: sim senhor, tenho sim! - O que que você veio fazer aqui? Você não é índio. Quem tem documento não é índio. Quer dizer, eu estou tratando disso, porque nós estamos tratando de escola. Eu estou buscando meus fundamentos, protegendo a nossa Pátria, que é o nosso índio, nascido aqui no Território de Roraima. Ele disse: Você não é índio! Como é que índio tem documento? Mas com a minha educação, eu me coloquei no

eu recebi e fui ensinado, eu não me mostrei. Não mostrei o que que
 estava que eu era e que ele pensava. Eu sou muito diferente. Ele disse
 para mim: "Éra índio! O que que tu vem fazer aqui? Tu vai na delegacia particular,
 polícia civil, polícia militar. Você não é índio, você tem documento. Ele me expul-
 sou e disse que eu não era índio. Então o que acontece? Para que que a escola, fun-
 dada na nossa maloca, não é para ter educação, não é para ter moral, não para ter res-
 peito? Não é tanto respeito a nós, mas como respeitar aqueles que fundaram as esco-
 las nas nossas malocas. Então, a escola levou muitas coisas boas. Essa foi levada
 ao fundamento de ensinamento, aos nossos filhos, mas muitos, como eu vi, dentro da De-
 legacia, falou para mim, pessoalmente, eu não só vi como ouvi. Ele disse que quem
 tem documento não é índio. Então é isso que eu me sinto muito chocado também. Falou
 para mim que quem não tem documento não é índio. Quem tem docume to é "branco" e
 civilizado. Ele foi e tirou o meu nome lá do livro, o qual constava dizendo que eu
 era índio da maloca. Então a escola, nós estamos buscando o fundamento da escola.
 Nós queremos uma ajuda, da escola, da colaboração, o qual já está plantado no Territó-
 rio de Roraima. O qual nós já temos professores até nascido na escola. Hoje, nós te-
 mos professores nascido na maloca, que não sabia de nada, mas vê a inteligência do ín-
 dio! Quantos índios não se perderam antes? Quantas pessoas não perderam o que tin-
 ham sobre cultura, estudo, a mentalidade, a mente boa? Quantos não se perderam por
 aí? E hoje então, já que a escola já está plantada, pedimos uma ajuda, uma colabo-
 ração, um esforço, mas também vocês dão um esforço de lá, e nós cooperamos daqui para
 lá, e nós também vamos com nosso povo, mas é a nossa união, a nossa força. Então, so-
 bre a escola, é uma coisa muito boa, porque nos leva o conhecimento. A escola está
 dotada para os nossos filhos daqui para a frente, muitos para trás de mim, não apre-
 deram nada. Eu já me encontro aqui, estudando dentro da cidade, porque lá também não
 tinha estudo para mim. Eu terminei meu estudo dentro da maloca, e vim terminar meu
 estudo aqui. Eu tenho estudo, mas eu não me formei, por falta de condição financei-
 ra, financiamento. Eu não tinha condições financeiras no momento para me manter aqui
 dentro. Eu não tinha parentes, nem sequer um irmão, nada, para manter meu estudo, mas
 como eu aprendi, eu sou um mecânico, e já que eu aprendi dentro da minha escola, como
 falaram em mecânico, o nosso companheiro aqui, aprendeu. É sou mecânico, eu sou moto-
 rista. Eu aprendi fora a parte de lá, mas tinha que ter um incentivo dentro da maloca,
 incentivar o índio a trabalhar, fazer, eu melhor, ter condições financeiras, porque
 já que está sendo atualizado neste momento, então nós queremos realizar uma coisa bem
 clara. Uma coisa a qual está sendo tratada no momento. Então, tudo isso eu aprendi.
 Mas eu não aprendi dentro da minha maloca, eu aprendi com a civilização, eu aprendi
 no meio do "branco". Fui a estudar. Então, muitos companheiros como eu e outros
 que se perderam, mas já que nós temos esse estudo, pedimos a colaboração de vocês,

prodiremos uma força de vocês. Então para que não para... ponto, o qual não encontramos, nos realizando. Então passei a estudar aqui dentro da cidade, ainda estou estudando, mas eu não sei porque que eu estou estudando. Da também nem sei porque que eu vim participar dessa reunião, mas no momento, fui tocado no coração e realmente não pude ficar em casa. Então que eu pudesse vir e eu vim realizar esse trabalho, a favor dos meus parentes, porque eu não sei falar gírias. Muitos não vão me entender. Muitos não estão compreendendo, mas porque eu falo português, eu falo português. Abandonei a minha língua. Abandonei a meu idioma, então isso não era para ter acontecido. Tudo isso foi fato de estudo, foi um fato de estudo. A vaidade cresceu tão grande dentro de mim, que abandonei até o meu idioma, a minha língua, da onde fui nascido. Agradeço por essa força, a qual tem me botado presente aqui, neste local, neste ponto, com todos os meus companheiros, todos os meus parentes e todos os que estão presentes, agradeço por essa força e muito obrigado!

* * * * *

Conviremos agora a palavra do Jaci José de Souza, da Região da Serra.

Bom-Dia para todos! Eu sou um tuchawa de Maturuca. Trabalho com o Conselho, nós formamos também o Conselho. Meus parentes também aqui, trabalham no Conselho. Nós somos como Tuchawa e também como Conselho. Então nós viemos aqui, falar sobre a escola que a escola está ensinando muito bem, mas que nós sentimos os problemas também, que falou o nosso amigo, que esqueci o nome. Falou que foi fundada a primeira escola, me parece que aqui em Roraima, ou no meio do povo indígena, pelos padres. Então nós chegamos também, para reclamar aqueles que estão fazendo a escola só português. Nós estamos voltando, pedindo para voltar para o ensino da língua macuxi, hapixana e outras tribo. Nós nas malocas, nós estamos vendo como os senhores e as senhoras que estão aqui na cidade, não sentem muito os problemas, porque não estão vendo, mas os professores que vão lá, vejam alguns problemas, mas só que não chegam contando a verdade. Muitas vezes não acreditam nos tuchawas que contam os problemas que surgem lá em cima, que nós já vimos aqui muitos problemas, que vai um professor "branco", que quer mandar na maloca, não tem respeito com o próprio tuchawa. Nós estamos vendo isso, e pedimos para modificar. Não acabar com a escola! Continuar com a escola, a escola é muito boa, Está ensinando todo o mundo, mas só que foi ensinado, que nós vimos que foi desprezada a nossa língua e nos pediamos ensino dentro da escola, chegava o professor, as vezes dizendo assim: Olha, primeiro você tem que ensinar o que vem da Secretaria de Educação, o que é nosso. Sobre a língua indígena, isso é, nós não estamos aceitando e eu fiquei muito sentido, quando falou isso. Eu disse: Por quê vocês falam isso assim? Quer dizer que tem direito mais vocês, pela língua de vocês, pela cultura de vocês, desprezando a cultura do índio? O que é indígena? Não está certo, não! Então gente, o que estão nos trazendo, o que estamos apresentando hoje aqui, nessa reunião, é porque está existindo problemas, por-

resolver, é que está surgindo problemas, é por isso que nós estamos aqui, para de-
 bater. Vamos ver na hora do debate, porque falou aí, o nosso coordenador, pedindo o
 debate, mas não querem levantar para fazer o debate. Mas depois falei de novo com a
 senhora que estava, por quê é que não estão querendo fazer? Mas então nós vamos fa-
 lar primeiro, depois vamos debater. Então a gente espera. Então, está surgindo pro-
 blemas nas malocas, que os filhos dos índios é que estão aprendendo só a língua empre-
 tada, estão desprezando a sua língua, e por isso nós estamos agora, aqui, para formar
 a escola, agora! Formar professor índio, aonde exista a escola na maloca, então tem
 que ter professor índio, e para também reparar aqueles professores, podia ser também
 um supervisor índio. Tem que ser tudo na base do índio, mas junto, unido com o gover-
 nador, com a Educação. A escola tem que ensinar, como falavam os meus companheiros de
 luta, que eles disseram assim: Por quê estão aprendendo, ensinando, emprestando lí-
 gua, como do estrangeiro, como da Guiana? Quer dizer que o nosso, de nós reconhecidos
 como brasileiros, índio daqui do Brasil, quer dizer que a língua, nós estamos vendo que
 está desprezada. Quer dizer, estão pisando em cima. Isso nós não estamos gostando.
 Estamos reconhecendo que a língua nossa tem valor, como vossa senhoria também dá valor
 na sua língua. Nós emprestamos essa língua para falar com a vossa senhoria, e também
 nós juntos com a comunidade, tem que falar a nossa língua. Tem que fazer o trabalho
 junto, através de nossa língua, com as comunidades. Então, se nós queremos esta escola,
 que funcione, ensinar a língua. Ensinar toda a nossa cultura, pois precisamos e temos
 muitas coisas boas, que servem para todos, que serve para os "brancos", porque nós tam-
 bém sabemos fazer, mas só que acabou através da escola, pedindo só essa língua portu-
 guesa. Ensinando aquele povo, como o índio, desenhando alguma coisa, fazendo um carro,
 fazendo alguma coisa, fazendo não sei o que, mas o índio não sabe isso. Vamos ensinar
 o que eles tem na sua maloca. Como aqui também, aqui na cidade, esses meninos estão
 aí, estão estudando, a parte deles é muito bonita, tá certo! Estão aprendendo para fa-
 zer depois. Nós, também como eles, como vossos aí, nós temos também que aprender a nos-
 so, aprender a escrever a nossa língua, e também tem que fazer ... tem várias coisas
 para fazer dentro da maloca, que serve para todo mundo, só que nós ficamos muito sen-
 tidos, porque quando chegavam em todas as escolas, diziam que: não queremos que ensinem
 a língua indígena. Agora eu me sinto satisfeito por essa reunião, que vamos agora dis-
 cutir, debater, para colocar tudo em ordem, porque o presidente da República, fez e as-
 sinou o Estatuto do Índio, uma lei para o índio, mas ninguém está respeitando essa lei.
 Ninguém está ensinando esta lei na escola, completamente está tudo contra, mas o Esta-
 tuto do índio vem dizendo as coisas bem claras. Bem dividida, para a gente ter respei-
 to. Mas agora, através da língua, a gente perdeu tudo, quando eu estou com um relógio
 no braço e estou vestido, dizem que você não é índio, você é um cabloco. Cabloco vós!
 Porque nós somos índios! No dia que eu me formasse como um doutor, ou qualquer pes-
 soa mais desenvolvida, se chegassem assim, tenho certeza que diria assim: esse índio
 é formado, mas não dizem que ele é "branco", ele é um preto, não... a primeira coisa

que chama, é como índio. Nós aqui, não é assim, não mudamos de cor, é índio mesmo ! Sangue é de índio. Ele pode fazer outras coisas mais, mas é índio, como os senhores e senhoras aí, também, que são brancos, a cor vossa também não vai ficar como a nossa cor . Por isso que nós chamamos assim: de índio e de branco. Então o que está fazendo se perder, a nossa escola, o ensino dentro da escola, é que não ensina as duas línguas, é por isso que está surgindo esse problema. Como o chefe da daqui da capital, recebe todos os santos dias, recebe problemas, é porque está essa briga de branco com índio, lá dentro da escola. Como estou dizendo, quando chegou o supervisor, diz assim: tem que ensinar este aqui, porque estão nos livros aqui. Mas porque ? Não está certo ! Gente, vamos ver, começar a fazer a escola funcionar e ensinar a sua língua, como vós e os índios, que vão aparecer coisas boas. Que vai ajudar a todos, precisamos de vocês, em alguma coisa que nós não temos, e vocês também precisam da gente. Muito também nós já aprendemos do índio, e nós também queremos aprender, não desprezar, porque ali na escola, chega professor e diz assim: Olha, vocês tem que aprender a ler e escrever, tudo bonitinho, limpeza, quando falava o índio, dizia assim: Olha, eu quero aprender a minha língua ! A não, isso aí não ! Então a escola, nesse ponto, não está educando o povo brasileiro, está fazendo é confusão. Vamos colocar isso tudo em ordem, porque nasceu a escola para educar, não desprezar a sua língua. Se fosse através de desprezar a sua língua, então se o Brasil é maior, é poderoso, tinha desprezado todas essas línguas, que estão existindo por aí, como na Guiana, e em outras línguas que estão existindo. Então, a gente tem que esperar, tem que enxergar pela verdade. A língua tem que ser tudo colocado, como nós estamos aí, separados. Um grupo aqui, outro ali, né ? Tem que ter um grupo. Então existe grupo: língua do "branco", língua da Guiana, língua do macuxi, então vamos ter esse respeito. Vamos procurar de enxergar, para encaminhar, para também encontrar uma força, porque a gente fica danado, quando começam a falar, desprezando os índios pela língua apresentando só porque ele está vestido, está bonito, dizer que esse aqui não é mais índio. Esse aqui é um sujeito já civilizado. Negativo ! Não estão enxergando o sofrimento do povo indígena, em cada maloca. Vamos reconhecer. Vamos ter respeito, como a gente tem respeito com a vossa língua. Nós não estamos desprezando, nós estamos dizendo para vocês: vamos acabar com a língua portuguesa, só macuxi. Se nós dissermos isso, vocês vão dizer : a não acaba porque é minha. Eu nasci nessa língua, então tem que continuar. Então assim também, nós estamos falando, pedindo que nós tenhamos um respeito, dá valor também à língua macuxi. Outras tribos de língua indígena, é coisa muito bonita. Eu fiquei muito sentido, ouvindo como acontece os problemas lá em cima, que a gente chega aqui da Educação, e nunca foi resolvido esses problemas lá em cima. Eu acho que isso aqui não é certo, mas na lei vem dizendo. Tem lei que é por cima de todas as outras leis, como a nossa lei, o Estatuto do Índio. Eu compare como

filho, e tem lei que é mãe. Aonde é 198. Então aqui, todos obedecem aquela lei. O povo que trabalha na Educação, respeita aquela lei. Trabalha no direito da lei, mas não querem respeitar a lei do índio, então isso causa a confusão. Vamos botar agora, tudo em ordem. Vamos colocar, porque se não tiver essa organização, vai haver mais briga, em vez dos brasileiros fazer o trabalho, dentro da escola, vai haver é briga. Os índios estão começando a chegar, a unir, e vocês estão vendo que estão todos unidos aqui. Se nós chegarmos assim, pedir para organizar, ter um respeito, nós respeitar a cultura de vocês e vocês terem respeito para com nós. Esse encontro é bonito, um respeito, mas desprezar porque é feio, porque não entendo, negativo! Querem emprestar a nossa língua também, para falar com a gente, podem também aprender, como nós aprendemos e de vocês, para falar com vós. Então, existe coisa boa. Olha, como nós estamos emprestando da Guiana, dos ingleses, então também vamos emprestar dos naxis. Uma hora vocês vão a uma maloca que o índio não sabe falar português, mas sabe explicar alguma coisa, com aquela pessoa. Então isso tem que encontrar, tem que decidir. No ano de 86, vamos esperar que funcione esta escola. Tudo na base do respeito. Estou dizendo eles, eu não estou vendo bem respeitado. Porque se tivesse respeitado, nós não estávamos aqui, mas falta de respeito dentro da maloca, só porque o índio não sabe falar, não sabe fazer nada, começam a falar do índio. A gente vê mesmo lá, os professores falando da gente. Como é que um professor que ensina, fica falando do povo, porque eu nunca cheguei na sua casa, para ficar falando de vocês. Quando eu venho aqui na cidade, eu tenho respeito, a gente entra com respeito. Agora, entram na maloca e não têm respeito. Ficam mandando, pedindo, trazendo as filhas. O índio, como gosta também de seus filhos, o índio também tem seus filhos, precisa educar também seus filhos, trabalhando. Agora chegam na maloca e dizem: Olha, eu vou levar a sua filha para mim ensinar lá, aí, quando chega aqui, que eu vejo muito, que vem de lá assim, ensinam o que ... aquelas que as pessoas trouxeram, eu vejo um "barrigão" deste tamanho. Eu vejo os índios aí, presos. Eu vejo os índios aí, jogados na rua, quando estão doentes. Isso a escola não está educando esse povo. Recebeu a educação, recebeu a coisa boa, mas vai contra as coisas boas. Estou dizendo isso, porque não tem respeito com a lei. Eu vejo aqui, tem gente mesmo morando aqui na cidade, passando necessidade, porque eles dizem assim: eu vou te ajudar! Ajudar ...! Está existindo vários problemas, através da escola também, que não está bem organizada. Então vamos agora organizar isso, pois queremos os professores índios, de cada maloca, e em cada maloca. Enquanto que o professor "branco", lá onde existe os "brancos", para ensinar também os seus parentes. E aqueles professores vão pagar aqueles alunos que merecem estudos mais, então vamos encaminhá-los, para aprender e voltar à sua maloca. Se formar um médico, tem que voltar para a sua maloca. Então como nós estamos aqui, em Roraima,

... aqui na cidade de Boa Vista, ... as pessoas, e depois vai acular de se formar
encontrar mais formação, vai lá em São Paulo, depois ele volta aqui no Território.
Não é isso? A gente vê. Talvez a gente fala com o deputado, o deputado começa
a trabalhar aqui e tal, está indo lá, diz assim: vai ser deputado em Roraima. Então
assim também o índio vai aprender do seu parente e tem que voltar a sua comunidade. O
governo tem que fazer força para ele voltar à sua comunidade. Assim nós podemos en-
contrar organização, as coisas boas que a gente espera, mas como está aqui, na briga,
não está sendo bem organizado. A gente vê que o governo recebe tanta reclamação na
Educação. Como tem vindo, através de professor fazendo confusão. Professor "branco",
não faz uma reunião com a comunidade. Pergunta: o que que tem seu filho? Compadre,
como é nome de seu filho? É fulano de tal. Tá bom, ele vai estudar. Não faz uma
reunião. Isso eu acho que não é ser educado, não está educado. Tem que fazer uma reu-
nião com todo mundo. Olha, vamos ver se o filho de vocês quer aprender, então vamos
fazer uma reunião, marcar uma reunião, tá certo! Mas não, ir atrás dele, pode achar
ruim. Hoje o professor aqui está mandando o meu filho, não está certo! É por isso
que nós estamos aqui hoje, para debater, para encontrar, como deve ficar. A gente lá
em cima, sente muito os problemas. Eu uma vez fiquei tão... perdi a paciência de fa-
lar, falei umas besteiras, quando eu vi que estava surgindo uns problemas na maloca do
Gavião, eu acompanhei três anos, o povo, como chefe na Educação, na Secretaria de Edu-
cação, vendo os problemas, nunca chegou a resolver. Levou caso demais. Foi a polícia,
foi federal, foi a Funai, foi procurado... gente, isso aí é uma vergonha para todo o
mundo! Coisinha de nada, chamando na polícia, na federal. Isso eu não dou cabimento.
A gente mesmo, como chefe é para resolver. Chegar na gente, você é um branco, eu não
sei... tá no meio dos índios, vai no seu lugar, vai lá na cidade, vamos trabalhar...
Ninguém está sabendo você de seu emprego, mas vamos colocar no meio de seus parentes,
para você estar com eles, ensinar os seus parentes. Não é nada difícil. Então todas
essas coisas que a gente vem sentindo, a gente fica olhando esses problemas, e diz:
pôxa, cadê essas pessoas para resolver esses problemas? Entretanto, quando a gente
chegava aí, ninguém queria receber. A não, o negócio assim, então... é levado na con-
versa. A escola não está ensinando, por isso que agora nós estamos procurando de ter
um professor índio em cada maloca. Nós não queremos mais professor branco na maloca.
Aonde existe só os índios, tem que ser professor índio. Procuramos também, de encon-
trar, para desenvolver os professores no Surumu. Nós reclamamos para os padres tam-
bém, quando começaram a fazer aquela escola afastada da missão. Nós ficamos revolta-
dos contra também isso. Porque nós queríamos que ficasse só os nossos filhos estudando
e temos os professores também, para ensinar. Vocês veem, que para a gente encontrar
a organização, encontrar as pessoas para formar, para ajudar, mas tem que ter também
como estou dizendo, respeitando pela língua e ensinar. Mas se agente não entrar dentro

os problemas passar aí, a gente não vai educar esses meninos que estão aqui. Esses meninos que estão vindo aí, amanhã também vai lá na maloca, e dizer: é eu vou lá, porque índio não cabe falar, não cabe fazer nada, eu mando! Mas quando tem um respeito, todo mundo sabe respeitar. Como eu estou dizendo, nós aqui, temos um respeito com vós, com vossa presença aqui. Nós já pedimos licença para entrar, mas na nossa área, na nossa maloca, na nossa casa não pedem licença, entram mesmo de bolo! Isso aí, para mim, a escola não está ensinando. Tá ensinando a fazer confusão. As pessoas recebendo a educação, aí fica sem usar aquelas coisas boas, usa já ao contrário, como está existindo em nossa maloca, como estou dizendo, repito mais isso, porque tá existindo esses problemas, através de nossa língua. Nossa cultura está se perdendo, porque estão, completamente errados, querem que a gente passe para ser, para uma língua emprestada. Agora estou vendo que nós estamos atrás de emprestar a língua como a da Guiana, estrangeira, não está certo! Como nós brasileiros aqui, nossa língua é desprezada. Então a escola? para quê? Para ensinar então o que, a escola? Quer dizer que só para desprezar um companheiro e pegar outro, isso está errado completamente, porque aqui, nós somos brasileiros. Então tem o "branco" e tem índio; então os dois vamos formar, vamos usar aqui, juntos, vamos emprestar a língua de vocês e vocês também a nossa. Vamos unir esta organização através de língua e depois vem outras coisas para organizar, ah, aí sim! Eu sei que sai no jornal, sai na televisão, eu sei que muitas coisas acontece. Isso está nos trazendo uma tristeza, agora muito perigosa também. Vamos organizar agora, separar as línguas, ter um professor para ensinar tudo aonde existe maloca, então as coisas vão prá frente. A gente vai encontrar uma força, porque o índio está aprendendo, já aprendeu alguma coisa da escola, agora podia bem prosseguir isso. Encontrar mais organização, não! É o que trouxe a divisão, desprezando a língua dos índios. Dizendo que o índio não é índio. Então a escola está ensinando... não está ensinando que preste! Vamos ver que a gente tem um respeito, o índio tem que respeitar o "branco", o "branco" tem que respeitar o índio. O índio tem que respeitar a língua do "branco", o "branco" tem que respeitar a língua do índio. Para isso foi formada a lei 6.001, se não fosse isso, que o presidente da República não tinha assinado. Então vamos ver que nós temos elementos, nós temos lei. Tem a vossa lei e a lei dos índios. Então vamos trabalhar dentro da lei, não fora, não contra. Hoje nós podíamos discutir outras coisas, para encontrar para o futuro do Brasil, mas não! Nós estamos discutindo coisas, bem dizer, quase atrasadas! Que a escola devia ensinar tudo, afinal nós estamos falando outros futuros... Vamos esperar essa organização, que seja aprovada, seja reconhecida. Vamos encontrar isso. Porque se não encontrar a maneira como nós estamos pedindo, vai acontecer coisas mais piores, que eu estou dizendo. Eu, lá na minha maloca, disse: se é assim, se a escola está ensinando desse jeito, então eu vou falar com o governador, se o professor não quiser, como o professor índio não quer ficar aqui, tudo bem, você pode ir embora...

... para acabar de seu emprigo... A gente vai deixar de lado, que a escola funciona... a gente quer. Depois fiquei pensando, falei com o delegado, e disse não, vou falar com o governador, vamos procurar de organizar a escola, tá muito bem... Quando eu ouvi falar que tinha uma reunião aqui, digo, vai chegar a hora, chegar agora o que a gente quer. Então, prezados parentes e os que estão presentes aqui, muito obrigado, desculpe alguma coisa, porque índio não sabe bem explicar alguma coisa. Muito Obrigado!

*_**

Nós cuviremos agora o Gilberto da Região do Quinoco.

Bom-Dia Senhores e Senhoras

e meu povo índio também, que vem chegando agora, por intermédio do meu povo aqui, que são índios, os tuchawas, os povos que estão aí, eu venho confirmar as palavras deles. É certo o que estão falando, é o que está acontecendo no interior, na escola, que está em toda essa região de Horaina. Eu digo que o povo índio, está perdendo a sua língua, através do estudo do civilizado, que até eu mesmo já perdi a minha língua, e sei um pouquinho, entendo tudo bem. O que quero dizer, é o povo índio vive sofrendo nas suas malocas, agora eu peço à Educação, que os povos índios estão com necessidade agora, porque a Funai já colaborou um pouco e a Diocese também, então nós queremos que a Educação, de uma assistência de colaborar com alimento, agora vamos passar mais ou menos cinco dias para viajar. A Educação deve colaborar, porque vamos passar uns cinco dias, ainda, aqui em Boa Vista, para arranjar um transporte, para viajar à sua maloca. Não é eles que estão trazendo, é o próprio civilizado que vem trazendo eles para cá, para a cidade. Com tanta necessidade que tem na maloca. Vem para a cidade, passam cinco ou seis dias, como essa comissão vem, né? Então eu peço para que a Educação colabore. Vamos passar mais ou menos cinco dias. A Funai está sem carro e o governador é quem tem que olhar para os índios, que a Funai está sem transporte. Está com 2 carros só e está pensando em viajar agora, esta semana. Peço à Educação que colabore também. É só isso que vim confirmar as palavras dos Tuchawas, que eles estão todos certos. Tchau!

*_**

Dando prosseguimento nós chamaremos o Daniel, da Região do Surumu.

Com meus senhores,

bon-dia! Eu vim aqui somente para confirmar aos tuchawas, que eles estão trabalhando pelos seus povos, pelas suas comunidades. Eu trabalho mais ou menos assim, desde 70, com a alfabetização, dentro da minha comunidade, e eu uma vez, me achei muito triste, de levar, já que eles estão falando sobre a escola, naquela vez, eu cheguei na Secretaria, formavam uma lei e eu levava para a minha maloca. A lei formada da

maloca, com a lei da língua, com as minhas crianças, de mudar a sua própria língua, para a outra, que são a dos civilizados. Outras vezes eu vinha para a Secretaria de Educação, e diziam do mesmo jeito: não ! Você tem que ensinar a língua que está surgindo aqui na lei. O que é de vocês, não é válido. Aí, o que eu fazia ? Eu me achava assim, de medo de ensinar dentro da minha maloca, aquilo que era preciso ensinar. Não sabendo ensinar dos meus, do que meus pais me ensinaram, e nem sabendo ensinar dos civilizados, que eu levava daqui, o que realmente era a lei. Formavam a lei e me davam. "Você tem que formar essa lei na sua maloca, a sua escola deve ser dirigida dessa maneira, assim, assim e assim ... Eu não tinha condições, eu não sabia como fazer. Daqui eu levava essa lei, mas chegava lá e eu não tinha apoio, não tinha ninguém que me ajudasse, né ? Eu não recebia o auxílio de ninguém. Vivía e vivo isolado até agora lá. Não recebia, levava a lei e ficava lá de cara para cima. Não sabia o que era para ensinar, se era a minha língua ou se era a dos civilizados. Aí eu tinha um supervisor. Todas as vezes que ele chegava lá, era formado a lei, dizendo: Não Daniel, deve ser dessa maneira, assim, assim, assim... Porque quem manda aqui somos nós, dentro da maloca, quem manda somos nós. Nós somos fiscalizadores das escolas, nós mandamos do jeito que nós queremos. Aí eu me achava com medo. Eu me achava com medo dentro da minha maloca, do meu próprio supervisor me rebaixar, de dizer que eu estava completamente perdido. Eu poderia seguir a lei que ele estava formando. Aí eu disse assim, não ! É o seguinte: o pessoal querem assim, e eu vou fazer assim. Não, o pessoal não tem nada com isso, não ! Quem manda aqui é eu e você e você tem que fazer do jeito que nós queremos. Aí eu fiquei muito tempo triste, até que os Tchokwas se combinaram para conseguir essa lei, que eles estão formando agora e eu estou muito satisfeito com isso. Sei falar a minha língua macuxi. Agora, a língua dos "brancos", eu falo, mas eu não sei o significado. Eu falo, mas eu não sei o que estou falando. Agora, a minha língua eu sei. Eles fizeram essa lei e eu estou muito satisfeito. Não sei se o governo vai querer que eu trabalhe assim, né ? Formando, ensinando a meus parentes, na minha própria língua. Eu não sei se ele vai me pagar, eu não sei... Eu sei que eu vou trabalhar, eu vou trabalhar e ensinar os meus parentes, na minha própria língua e jeito de ensinar. Agora a língua do "branco" eu não vou ensinar, porque eu não sei. Como até agora, desde... parece-me, eu não estou bem lembrado, março ou abril, por aí assim, que o pessoal foi levar o material escolar para a minha escola, até hoje nunca mais apareceu ninguém. Nunca me apareceu o pessoal da supervisão, tá ? Eu vivo lá isolado. Até agora não recebi o material, não recebi nada, nada, nada... Eu vim atrás disso, agora, aqui na Secretaria. Eu venho ver do que vão me pagar, outra vez. Não dizem que eu sou isso, sou aquilo, né ? Então, o que eu posso fazer ? Agora estou mais apoiado nos Tchokwas. Eu estou apoiado

...ir nos Tschawas porque, eu sei que a lei, entrou ali...
da lá dentro mesmo da nossa comunidade. Eu não levei mais a lei dos "brancos" aqui
dos civilizados, aqui de Boa Vista. Eu estou sabendo que a lei vai ser formada lá,
então, só eu e mais os tschawas das comunidades, também né? Afirmando que os tschawas
estão trabalhando muito bem, estou gostando muito, e quero, toda vez que vão fazer
agora, reuniões assim, eu estou de acordo de participar dessas reuniões com eles.
Gosto muito mesmo, estou gostando muito, é a primeira vez que estou entrando neste
trabalho dos tschawas. Primeira vez e estou gostando. Entrei, agora entrei como re-
gente de ensino e como conselheiro também e vou trabalhar. Meus Senhores, aqui eu
finalizo, os senhores me desculpem de algumas palavras erradas que eu falei, que eu
não sei nem o que significa, né? Obrigado.

* * * * *

Então vamos ouvir logo o Sebastião, da Serra da Lua, não, Malacacheta.

Meus Senhores e minhas Senhoras, essa reunião que nos trouxe aqui, é de gran-
de importância para nós, povo índio. Isso porque, é a primeira vez que nós estamos
sentindo uma abertura, para dizermos aquilo que sentimos, a respeito de escolas. A
respeito de como foi implantada. A respeito de como ela funciona, ou funcionou, de
acordo com o que os Tschawas falaram. Isso porque, com a implantação das escolas em
nossas malocas, nunca ninguém perguntou, como ela deveria funcionar. O que que a gen-
te queria que fosse ensinado em nossas malocas. Disseram: colocamos a escola para
ensinar a fala, a língua portuguesa. Disseram: colocamos a escola, para que vocês
não sejam mais analfabetos, mas na realidade, foi tudo ao contrário, aquilo que ouvi-
mos, aquilo que os Tschawas falaram, é realmente certo, realmente correto. O que a
escola trouxe de prejuízo para o povo índio. Fizemos uma reunião a respeito das duas
perguntas, lá na Malacacheta, a qual surgiram as propostas, que eu irei ler para vo-
cês, depois eu vou acrescentar alguma coisa. Dentro das duas perguntas: " Que esco-
la temos e que escola queremos? Na pergunta: Que escola temos? colocamos: temos
uma escola que destrói, que contribuiu para a desintegração do índio de sua maloca.
Temos uma escola que só ensina a língua do "branco", os costumes do "branco", e por
sua vez, temos a nossa escola em Malacacheta, que predica da reforma. Quanto a ou-
tra pergunta: Que escola queremos? Chegamos a seguinte conclusão: Queremos que a
nossa escola seja reformada. Queremos que tenha merenda para os nossos alunos, e que
esta, por sua vez, não seja estragada. Seja de acordo com a realidade da maloca. Que-
remos uma escola que ensine, além da língua portuguesa, ensine também as línguas: o
hapiranz, o mamúri, e outras línguas, desde a 1ª série. Queremos uma escola que en-
sine o trabalho artesanal. Queremos uma escola, que ensine o Estatuto do Índio. Que
o conhecimento da História do povo índio, suas tradições, suas culturas, seus costu-
mes e ensine também, a conhecer as suas terras. Que ensine a medicina caseira, que

fazer borta. Que a escola também ensine a cozinhar, a costurar,

que os professores treinados para o trabalho nas malocas, e que esses, por sua vez, sejam professores índios. Que tenham uma escola para formar professores, para o trabalho nas malocas. Então essas, foram as respostas que a comunidade deu, a respeito dessa pergunta: Que escola queremos? Então, eu só faço ressaltar, ou afirmar aquilo que os Tschawas disseram, aquilo que foi debatido aqui, já foi colocado. Esperamos, como foi proposto pela Secretária de Educação, que no próximo ano, de 86 seja cumprido, seja feito aquilo que a gente pediu aqui. Que pelo menos, nos dê apoio no sentido de colocar a nossa língua, Nos dê apoio de nós colocarmos o nosso trabalho artesanal em nossas escolas, para ensinar os nossos alunos, para ensinar os nossos filhos, porque até hoje, não estão sendo ensinados, porque a Educação foi contra isso. A Educação empre se propôs ao lado, não dando um apoio aos professores, não dando apoio aos Tschawas, como já foi colocado aqui, repito, nesse material, a respeito dessa tradição, a respeito desses costumes, que hoje, o povo mais civilizado, como dizem, o povo "branco", tenta esquecer que é a História do índio, que é o costume do índio, que é a tradição. Então, eu tenho apenas mais uma coisa para esclarecer, é que esses órgãos, especialmente, a Secretaria de Educação, nos dê apoio. Que essas palavras que nós colocamos aqui, sejam observadas atentamente, e que façam, que não deixem mais o nosso povo sofrer, como sofreu até hoje, por causa da escola. Que essas reivindicações sejam aceitadas. Que essas proposições, que essas colocações que nós fizemos aqui, que os Tschawas, que as pessoas que por aqui passaram, sejam aceitas e que essas propostas sejam também implantadas em nossas escolas, pois só assim, o povo macuxi, o povo hapixana, vai sentir-se mais um pouco satisfeito. Vai sentir-se um pouco mais alegre, porque na escola, não está ensinando só a falar português. Não está ensinando a fazer as contas. Não está ensinando só a conhecer as estrelas, o sol, a formação do espaço, mas sim, está ensinando a conhecer as próprias raízes, as próprias culturas, as próprias tradições. Muito Obrigado!

* * * * *

Convidamos agora o Tschawa da Táboa Lascada, Tschawa Clóvis, não é porque ele é o último, que vai falar menos. Ele tem a liberdade para dizer o que sente, da maneira que ele disse para nós, na maloca da Táboa Lascada. Eu não quero que ele se sinta inibido, porque o horário está avançado. Lá no Surumu nós aprendemos, enquanto o índio fala, não sente fome, e é um dos ensinamentos que os "brancos" também podem aprender. Enquanto estamos falando, não sentimos fome.

Excelentíssima senhora Dona Ana, Secretária de Educação. Excelentíssimos senhores secretário de Promoção Social e de Segurança Pública do Território, e todos os professores que estão aqui presentes e

...os índios, de diferente língua e de diferentes costumes. ...ário. Então nós, estamos aqui, para refletir um pouco, daquilo que se fez nos alguns anos pa- ra trás. Que se disse da Educação, a escola implantada dentro das comunidades indí- genas. Surge as perguntas daquilo de que a escola nos deu de lucro, durante esses lon- gos anos que funcionou, dentro das comunidades indígenas. Hoje estamos aqui, talvez, bem atentos, talvez, bem no sentido daquilo que a escola nos fez. Estamos claros, que vamos dizer aquilo, que realmente vimos, estamos vendo, estamos vivendo, e vamos con- tinuar, não se se vivendo. A escola nos tirou a língua, a escola nos ensinou a desin- tegrar das comunidades indígenas, a escola nos fez ser vaqueiro das fazendas. A esco- la nos fez todas essas coisas aqui, menos coisa que ela nos fez, foi ensinar o índio viver, como ele deve viver na maloca. Dessa maneira, conforme todos já falaram e o que nós temos e o que nós queremos, como nós queremos a escola, que funcione dentro de nossas comunidades. Ela deve funcionar, respeitando a cultura indígena, que ensine os índios a criarem para sobreviverem. que ensine o índio plantar para sobreviver. Que ensine o índio a viver dentro da sua maloca, colaborando com sua comunidade. O que que adianta um índio ser educado dentro da comunidade dele e vir para essa comuni- dade tão grande, aqui na cidade, onde não há lugar mais nem para os que estão morando aqui dentro... Isso nós devemos olhar, devemos enxergar, porque se é para desintegrar o índio, para vim trabalhar aqui na rua, cavando vala, capinando rua aqui na cidade, é melhor que acabe com a escola, deixe o índio viver da maneira que ele quiser. Hoje o índio se queixa de que acabou as caças, mas há outros motivos: se o país quer desen- volver uma comunidade indígena, para colaborar, então deve ensinar a criar, deve ensi- nar a cuidar dos animais, deve dar medicamentos para que esses animais sobrevivam, pa- ra ter uma pessoa forte, com coragem para trabalhar. Se não, os índios cada vez mais, ficando fracos. Vão cada vez mais de destruindo. O que eu quero dizer também, que uma escola, ela deve ensinar a valorizar as próprias terras, isto é, plantar, defen- der das destruições do fogo, das derrubadas sem necessidade. Então isso, no meu modo de pensar, eu creio que a nossa escola, na nossa comunidade indígena, deve ter essas partes, porque isso, só com a escola, só com a língua, tá certo, contribuiu e contri- bui com a nossa, mas não vai contribuir com a nossa subsistência, com a nossa sobrevi- vência, de nós, pessoas. Lá ouvi o senhor secretário de Promoção Social falar ali, que não, que primeiro foi os jesuítas que catequizaram os índios, mas não catequizou adequadamente, como era necessário. Tirou das malocas para botar o índio, para carre- gar, o que? Trabalhar com machado, e o índio nunca gostou de trabalhar, quando ele foi primitivo. A vida dele era andar, caçar, pescar e fazer coisas só para viver, so- sobreviver, para se alimentar. Então, nessa parte também, eu digo, que nós índios, fo- mos destruídos, tanto pelos missionários, tanto pelos colonos, quanto por, enfim, por todo o tipo de pessoas. E hoje, depois de 400 passados, estamos querendo ver, o que

... não está querendo. Se o índio está querendo deixar de ser índio para ser um
 "branco". Não vamos deixar de ser, vamos ser índios, se honrar de ser índio, nunca
 se esquecer, porque só assim, nós vamos permanecer sendo índios fortes, vamos defender
 os nossos direitos, dentro das nossas comunidades, vamos defender nossos direitos, den
 tro daquilo que nós queremos reivindicar para as autoridades competentes, porque se
 nós estivermos desunidos, nunca vamos conseguir nada, só vamos apenas, ser destruídos,
 pela maioria envolvente. Nunca nós índios vamos poder chegar a integrar a sociedade
 nacional, porque não temos condições, posições, os senhores podem ver, que se há mi
 lhões e milhões de estudantes dentro do Brasil, donde é que 250, ou melhor, 220 mil
 índios vão ter posição para chegar lá... Então por isso eu peço, que cada escola, deve
 fazer aquilo, para o bem-estar das comunidades indígenas. Parece-me, me veio na idéia
 que há 130 escolas, localizadas dentro das comunidades indígenas. Será que elas estão
 todas representadas aqui? Creio que não estão. Mas o que nós podemos dizer? Eu
 também sou um membro do Conselho da Região da Serra da Lua, visitei todas as escolas
 que tem, implantadas dentro das áreas indígenas de lá, que é em número de dez, porque
 uma ainda não foi aprovada. Então, perguntando como é que é o andamento dessa escola,
 com relação ao professor, é o que falaram. Há professores que não tem interesse por
 mínimas coisas, pelo bem-estar da comunidade. Há professores que só vai para a sala de
 aula... vou fazer uma pequena comparação: quando faltar dez dias para chegar ao fim
 do mês, vem para a cidade para receber o seu dinheiro. Passa mais dez para chegar. En
 tão, provavelmente isso, cabe à responsabilidade dos diretores. Cabe a responsabili
 dade dos Tchawas da comunidade, donde existe esse tipo de professores e de pessoas.
 Então, o que nós queremos, é professores que cheguem nas escolas das áreas indígenas,
 com bastante responsabilidade, para desempenhar o trabalho, para o bem-estar dessa co
 munitidade. Não queremos professores que cheguem só para conquistar as nossas filhas,
 ou seja, as índias novas. Seja para levar professoras solteiras, que vão para conquis
 tar os rapazes, também lá. Então isso, vamos ter mais um pouco de responsabilidade.
 Vamos ter mais um pouco de sentimento desse povo que vive sofrendo lá. Que não tem tem
 po de vir aqui dar uma queixa, porque isso é bem longe. Então, quero dizer assim tam
 bém, para os senhores. Que se há escolas, fundadas dentro de comunidades indígenas, on
 de tem acesso de fazer agricultura, vamos incentivar a agricultura, para que esse povo
 viva melhor. Aonde não há condições de acesso, vamos fazer outro tipo, criação, tam
 bém dá dinheiro. Então, meu muito Obrigado!

* * * * *

Agora vamos fazer aquela pausa e aguardar que a equipe sirva o almoço. Vamos
 interromper por hora e retornaremos às 13 horas e 30 minutos.

Alberto de Souza Cruz:

Excelentíssima senhora secretária de Educação, do Governo do Território, professora Ana Maria de Castro Leite; senhores Tschawas, secretários das nossas diversas tribos indígenas, demais lideranças indígenas aqui presentes; meus caros coordenadores e professores da Secretaria da Educação; Dr. Alexandre, secretário de Administração; Dr. Aroldo, secretário de Finanças; Dr. Paulo Coelho, Assessor do Governo do Território, para Assuntos de Interior e Justiça; meu caro vereador Alcides Teixeira vereador Tschawa; eu me sinto particularmente feliz, em participar, embora rapidamente, desse encontro, em que as lideranças indígenas, discutem os problemas relativos à Educação, nas áreas indígenas. A minha felicidade deve-se a dois motivos, principalmente. De um lado, porque através da Secretaria de Educação, nós estamos dando início de um objetivo, que nós vamos prosseguir até o fim do nosso governo, e esse objetivo, é exatamente o de ouvir, diretamente dos índios o que os índios pensam sobre suas vidas, sobre suas aspirações e sobre seus desejos. Pelos diversos contatos que tenho mantido com os nossos Tschawas, eu tenho dito, que é preciso que o índio fale diretamente por ele, é preciso que o índio seja o seu próprio intérprete, porque só pode interpretar a realidade, aquele que vive a própria realidade, por mais que eu queira entender da língua do índio, jamais eu poderia fazê-lo, uma vez que eu durmo normalmente, num quarto com ar condicionado, enquanto que os índios dormem, natando carapanã. Só essa diferença, de situação social, já nos impõe uma série de limitações, quando a gente quer interpretar os desejos e as aspirações, como eu disse, das nossas populações indígenas. A minha segunda alegria, nesse momento, ou o meu segundo motivo de alegria, neste momento, deve-se ao fato de que nós iniciamos neste Território, o debate da Educação; no dia em que assumimos o Território, nós ainda, não sabíamos que o Ministério da Educação, ia promover esse amplo debate sobre a problemática educacional do Brasil, mas, no mesmo dia da posse, nós dissemos que uma das metas nossas, seria democratizar a Educação no Território. Seria buscar o modelo educacional, que olhasse o homem, a mulher, os jovens, as jovens, como cidadãos. Como cidadãos, e a dimensão maior do cidadão, é a liberdade. A liberdade de falar, de pensar e de agir. A nossa educação, numa avaliação, talvez até leiga nossa, impõe um processo muito conservador. Um processo, e eu tive a oportunidade de dizer isso hoje, na televisão, em que nossas escolas, que na verdade deveriam ser, um prolongamento da nossa família, passaram a ser salas de tortura, onde nós colocamos um cidadão, chamado professor, na frente de um monte de jovens, dizendo coisas, que talvez os jovens não tenham nenhum interesse de ouvir. Ainda hoje, nós temos esse processo. O nosso ministro, Marco Maciel, um homem de formação política liberal. Um homem com um conhecimento humanístico profundo, achou por bem, iniciar este amplo debate sobre educação. Por quê? Porque entende o nosso mi-

... como entendemos. Não, aqui de Brasília, que é muito mais fácil, nós chegamos a uma educação mais condizente com a realidade em que vivemos, se nós colocarmos para pensar, dezenas, centenas, milhares e talvez até, milhões de cabeças. Em vez de pensar numa educação, a partir de gabinetes de ar refrigerado, em vez de pensar numa educação, apenas na formulação teórica dos doutores, entende a Nova República, que é muito melhor nós buscarmos na cabeça das pessoas, as soluções para a vida dessas pessoas. Eu não tenho nenhuma ilusão, que nós não conseguiríamos fazer uma educação luxuosa, não teremos uma educação, como alguns apregoam até, importada dos Estados Unidos, da Europa, Inglaterra, França, mas nós não temos essa pretensão e nem temos essa intenção, o que nós queremos é uma escola adequada às nossas realidades, às nossas vidas, no caso específico, das comunidades indígenas. O nosso objetivo, é que vocês, vocês próprios, os índios, através de suas lideranças, possam dizer o tipo de escola que serve mais aos interesses dos índios. Assim como, esse debate vai se ampliar também e nós buscaremos, na cabeça dos jovens, dos professores, dos pais, dos funcionários, também, um modelo de educação para Boa Vista e para a chamada comunidade civilizada. É por isso, que eu tenho uma profunda alegria, em participar deste momento. Essa alegria se prolonga, quando nós assistimos o começo de um trabalho que este governo da Aliança Democrática, pretende desenvolver com as comunidades indígenas. Nós achamos, que a persistir a atual situação das comunidades indígenas em Roraima, elas tenderão fatalmente, ao desaparecimento, porque, se discute muito, fala-se muito sobre os índios, mas até agora não se fez um programa de efetivo apoio às comunidades indígenas. É necessário que nós venhamos dar atenção e condição, para que os nossos índios, possam sobreviver cada vez melhor. Nós não podemos negar aos nossos índios, um direito que é humano, que é inalienável, de que eles próprios aspirem melhorar de vida. O ser humano, e nós somos todos seres humanos perante Deus, têm o direito inalienável de procurar melhorar de vida. Não adianta a gente ficar em discussões, sobre o que seria melhor para os índios, enquanto centenas, milhares de índios, saem de suas reservas e vem hoje, sobreviver, de forma as vezes até indigna, nos bairros e periferias de Boa Vista. Sem emprego, passando fome e doentes. É necessário e urgente, que nós, juntos, Governo e a comunidade indígena, venhamos a dar-nos as mãos e estabelecer um programa urgente de apoio efetivo às comunidades indígenas. Apoio que começa na busca de uma educação mais apropriada às comunidades indígenas. A educação que hoje nós ministramos nas áreas indígenas, na verdade, ela é um estímulo para que o índio venha para a cidade. Nós ensinamos coisas, que muito pouco, os índios poderão aplicar na sua vida real. Na verdade, nós estamos preparando o índio, para que ele venha para a cidade. Como não émos, não estamos sendo capazes de dar uma educação adequada, o índio vem para a cidade, não é mão-de-obra especializada, e sobretudo, é uma mão-de-obra não adaptada para as civiliza-

...rianas. O índio, se não me canso de dizer, é um trabalhador incalculável. Por
 que é que eu parto disso aí? Porque sobreviver, nessas nossas áreas, com pouca caça,
 com pouca pesca, com sol inclemente, só isso, já transformaria os nossos índios em
 homens fortes de espírito, de garra, de demonstrações, tais como, para poder pegar
 uma pesca, ou uma caça, às vezes o índio anda dois dias, para que possa colher alguma
 caça, ou algum peixe, para alimentar a sua família. Um homem que faz isso, não pode
 ser chamado de preguiçoso, só que o índio tem uma forma de vida, que é diferente dos
 operários brancos, por exemplo. Aqui, o operário branco acorda cedo, tem um horário
 certinho para trabalhar. Se não chegar, o ponto é cortado, não ganha o dinheiro. E o
 índio não está acostumado com isso. O índio está acostumado a trabalhar, conforme
 as suas circunstâncias. Ele sabe, que em determinadas noites, é muito melhor para
 ele dormir, porque a lua não favorece, do que sair para caçar, porque ele sabe que
 não vai encontrar a caça. De igual forma, quando sai para pescar. De outra forma,
 quando planta. De outra forma quando ele vai tirar proveito da palha do Buriti, para
 poder cobrir. Todo o índio sabe, que se tirar na noite de luar, essa palha vai logo
 criar bicho e acabar cedo. Então, o índio não é adaptado para as condições de vida
 da cidade, e a educação que nós estamos dando, é uma educação que empurra o índio pa-
 ra a civilização aqui da cidade. Não é que nós não queremos que o índio venha. Acho
 que o índio, porque é um direito, é a liberdade de cada um, se quiser vem, agora, nós
 temos que preparar para que ele venha. Para que ele seja também, um ser humano e não
 fique sofrendo pela falta de emprego, pela falta de comida. Eu faço um apelo à essas
 lideranças indígenas aqui presentes, que fiquem à vontade, falem, pensem para fora de
 seus corações, aquilo que vocês pensam. Sem medo, sem receio de dizerem coisas, que
 vocês talvez pensem, que nós aqui não gostaríamos de ouvir. Hoje o governo do Terri-
 tório, é um governo democrático. Se a secretária de Educação, e a Secretaria de um
 modo geral, os convidou para virem aqui, falar por vocês, é porque nós estamos abert-
 os, com os corações abertos para receber dos corações de vocês, tudo aquilo que vo-
 cês pensam sobre educação. Não se inibam. Entendam, que apesar de que eu tenha, a
 pele um pouco mais brava que a de vocês, todos nós somos iguais perante Deus, todos
 nós. É possível que uns falem mais bonito do que outros, mais se em contrapartida
 vocês não falam o português e que eu falo, eu também não falo o macuxi ou o hapizana,
 até nisso nós somos iguais. Então, creiam nessa igualdade, creiam nessas propostas
 sérias, que o governo do Território, está propondo para todos vocês, e para que nós
 possamos fazer um trabalho sério, um trabalho que realmente esteja a serviço dos ín-
 díos, é necessário que vocês se abram conosco. Que vocês digam o que pensam. Não es-
 corram nada, mesmo que algumas coisas venham a ser entendidas como críticas. Nós es-
 tamos aqui para ouvir. Eu parabonizo toda a equipe da Secretaria de Educação, a par-
 tir da sua secretária, professora Ana Maria. Eu parabonizo e agradeço até, ao acolhi-

como convite, por parte das autoridades locais, para que o governo de Roraima, tem uma profunda preocupação, um profundo interesse em fazer um trabalho que realmente possa dignificar o índio, como ser humano, como gente que pensa, e sobretudo, na perspectiva de que todos nós somos iguais. Parabéns a todos vocês!

*_**

Acabamos de ouvir a mensagem do excelentíssimo senhor governador Getúlio Alberto de Souza Cruz, e agora vamos ouvir a palavra do Tschawa Neto, da Maloca Curicaca, da Região do Surumu:

(... o Tschawa Neto fez um pronunciamento em sua língua macuxi, para o governador Dr. Getúlio ...) - Estou falando aqui, a minha língua macuxi, dizendo que o nosso governador do Território, está falando, dizendo que temos o nosso direito, que temos essa ajuda. Ele está esclarecendo para nós, como que nós podemos, o que nós sentimos, podemos dizer a verdade. O que nós sentimos, o que nós queremos, qual o sofrimento das comunidades, que estão sofrendo e podem procurar e ter o direito. É isso que ele está dizendo para nós, dizendo assim, em Macuxi, para os meus companheiros. Muito Obrigado! É só isso que eu queria dizer.

*_**

Iniciando os debates, nós vamos começar pelo Museu Integrado de Roraima, pela professora Luiza Carmen, que vai fazer as colocações do Museu.

Nós queremos esclarecer, que na proporção que cada entidade fizer as suas colocações, poderá ser feito o debate, e os índios podem participar desses debates, em qualquer momento que queiram fazer alguma colocação

*_**

Comunidades indígenas aqui presentes; membros da Educação, seria o meu primeiro posicionamento, não como diretora, mas sim, como membro da comunidade roraimense. Faço esta colocação, porque ao longo dos anos, venho defendendo a cultura indígena. Faço-o como membro da comunidade, porque entendo, que as reivindicações aqui feitas estão em consonância com aquilo que sempre lutei, o que sempre preguei. Faço-o em nome da comunidade, porque entendo que este governo da Aliança Democrática, hoje, faz o seu trabalho e faz com bastante cariedade. Eu chamaria a atenção de todos vocês, dos representantes legais das tribos hapizana e macuxi, e lamento que outras tribos não estivessem aqui presentes: o iangon, o ianomani, wai-wai, e ingariçó, mas fiquem certos, senhores, que representar a comunidade indígena, que esse governo é um governo sério. Levem isso à comunidade de vocês, através do governo de Getúlio Alberto de Souza Cruz, frente à Secretaria de Educação e Cultura, a nossa secretária, Ana Maria de Castro Leite, fiquem certos e levem a todo o povo de vocês. Isso aqui é um trabalho

... não estamos aqui somente para ouvi-los. Ninguém conteste de que tudo aquilo que vocês disseram e reivindicaram, será estudado com bastante atenção. Eu acredito, que esse trabalho terá bastante significação para o desenvolvimento educacional e cultural da nossa terra. Falo e quero que vocês levem esta mensagem ao povo de vocês, para o povo macuxi, para o povo hapixana aqui presente, (a professora falou nas respectivas línguas) isso significa, "nós gostamos de vocês", nas duas línguas, e por gostar de vocês é que nós nos propomos a fazer um trabalho sério e consciente. Passo agora a falar, em nome da instituição que represento e provejo por escrito, o consenso de todos os funcionários do Museu Integrado de Roraima:

Esperamos que este seja o marco, onde vamos pensar juntos, nossos erros, profetitos e conseqüência dos quizis, não só o índio saiu perdendo, mas nós deixamos de ganhar,. Quantas vezes deixamos de ganhar, quando ignoramos a sua medicina natural, até bem pouco tempo, toda uma humanidade conhecia somente as ervas medicinais, como fonte terapêutica. Esquecemos que para determinados males, também a Ciência só dispõe de compostos vegetais, ainda não sintetizados em laboratórios. Anualmente a Organização Mundial de Saúde, investe fábulas de dinheiro em busca dessas plantas, e nós deixamos de conhecer melhor a flora de nossa terra, os frutos silvestres, que só se conhece, desprezando esta ponte de contato de qual outros se aproveitam. Quando deixamos de ganhar, quando ignoramos os complexos sistemas, tais como, o reino vegetal e o reino animal, desenvolvidos pelos nossos índios de Guariç, ou a geografia precisa do macuxi de Normandia. Deixando passar a oportunidade de ensinar através de um confronto de culturas, a nossa botânica, a nossa Zoologia, a nossa Geografia, para os quais são tão receptivos, pela sintonia perfeita com o meio ambiente. Quem já viu semblante mais feliz, do que de uma criança indígena, quando em grupo, se agita em torno de um formigueiro. Que excelente oportunidade para abordar a Ciência, Relações Sociais, preferimos ver este semblante triste, apático, impenetrável, ~~em~~ ungião a uma carteira convencional, sob o quente teto de zinco, tudo, por não ser permitido ali falar, em sua língua natural, tarada de gíria. Quem já viu como é vivo e influente um grupo de adolescentes macuxis de Santa Cruz, em sua conversação e com este mesmo grupo, é tímido, um monossilabo de nossa língua. Porque nos nossos alunos da capital, não será dada a oportunidade de conhecer uma aldeia indígena. Que excelente oportunidade para aprender com eles as relações sociais do homem primitivo. Ouvir deles as mesmas explicações sobre a Geometria de sua aldeia, sua arquitetura, seus materiais... Que criança da cidade não gostaria de no século XX, ter a História do homem primitivo, por ele mesmo revelada, através de suas lendas, suas tradições orais, sua etnecologia, sua ecologia, sua divisão de trabalho, sua casa de madeira, palha e cipó. Que rara oportunidade para desenvolver para ele a organização do mundo vegetal, seus extremos, sua técnica, sua necessidade, permitamos a ele, o desen-

voltamento autônomo, a partir de conhecimentos, outros materiais e outras técnicas que a educação pode proporcionar, através do confronto cultural. O nosso professor, em cujas mãos a sociedade entrega toda a sua responsabilidade educacional, está preparado para realizar inteiramente entre a educação e cultura? Precisamos pensar portanto, que professor queremos para a educação indígena de Roraima? E esta reflexão nos leva a definir, o seu perfil, com base numa formação eminentemente antropológica, que tenha ele desenvolvido ao máximo, a empatia, para como ser, pensar, agir de culturas alheias a sua própria. Sensibilidade para apreciar e selecionar, no dia a dia de um povo, as situações passíveis, dinamização pedagógica. Que ele compreenda que a educação só tem sentido, se for capaz de instrumentizar o homem, no aperfeiçoamento de suas estratégias de sobrevivência, devendo portanto, valorizar o saber, as técnicas, a arte, como possibilidade de rendimento econômico, estimulando as novas gerações e a apreensão deste patrimônio, que poderá ser desenvolvido ao infinito, através do confronto cultural. Além disso, e não por último, o nosso professor, das regiões indígenas, deverá ter sólidos conteúdos, fontes de consultas e constantes oportunidades de sociologia, através de debates e trocas de experiências. O Museu Integrado de Roraima está certo, que o índio de Roraima, pode através da educação, passar à sociedade dominante, como um homem consciente da importância de seu testemunho e capaz de defender, como cidadão, a sua sobrevivência digna. E fiquem certos, senhores aqui presentes, que este é um depoimento sério, o qual será apresentado dentro desta proposta, a qual se propõe em saber, qual a escola que temos e qual a escola que queremos.

Muito Obrigado !

Queremos saber se tem alguém querendo participar das colocações do Museu Integrado de Roraima, ou se nós ouvimos todas as instituições e depois fazemos um debate só? - Se alguém quiser fazer outra colocação, em função da colocação do Museu Integrado, pode fazê-lo. - Então, pela sequência das entidades inscritas, nós temos a Missão Evangélica da Amazônia - MEVA, na palavra do senhor Patrick Foster:

Senhores, Senhoras ... (fez um cumprimento na língua indígena), apesar de ser um dos chamados "brancos", me considero um pouco macuxi; Há 26 anos que trabalho, convivo com os macuxis e sinto mesmo, pessoalmente a necessidade deles, e há 26 anos que luto com os próprios macuxis, a fim de que eles valorizem a sua própria língua e não deixem seus filhos se esquecerem da sua própria língua. Nos anima muito, ver e ouvir que hoje, os amigos macuxis, os twohawas, que estão aqui, estão com a mesma idéia, e o mesmo sentimento. Dizem que, até cinco anos de idade, a criança já aprendeu a falar uma língua, que é a sua língua materna. seja macuxi, seja português, e dizem também, que através de muitos estudos, que é impossível alfabetizar e educar, uma criança

ga, para língua que não seja a sua língua materna. É muito importante, portanto, aproveitar a língua materna, no sistema educacional, especialmente, na área indígena. O ensino da língua materna e da cultura, serve como base fundamental para o futuro desenvolvimento do indivíduo e assim da comunidade, do Território e da Nação. A comunidade indígena, deve ter também, o privilégio de trabalhar junto às autoridades competentes, no desenvolvimento de um programa educacional bilíngue. Queremos deixar algumas coisas, pelo menos enfatizadas. Seria melhor não começar tal programa, de educação bilíngue. Seria melhor não começar um programa deficiente e descontinuo. A deficiência é a falta de continuação, constitui-se em mais um fator de desencorajamento e frustração. O nosso desejo é de ver este programa, bem planejado, com tudo baseado numa análise completa da língua. Porque se for um programa sem aquela base fundamental da análise, da gramática, da fonologia, da própria língua indígena, podem ter certeza, que o programa não vai durar e que os próprios alunos não vão aprender como deveriam aprender. Tem que ter a cooperação, o apoio da comunidade indígena, para que um programa desse, realmente se desenvolva. Estamos sentindo que realmente, tem aquele apoio pela parte do Conselho dos Tschawas e dos Macuxis. Nós cremos também, que este programa pode enquadrar não só os macuxis, mas outros grupos indígenas, que são menos aculturados e portanto, mais carentes de um sistema de educação na sua própria língua. Atualmente temos escolas entre os índios wai-wai no posto Mapocera, no Rio Mapocera, no Estado do Pará, e também, entre o grupo de wai-wais, no Rio Novo, aqui no Território de Roraima, onde o ensino inicial, é dado completamente na língua indígena, na língua materna. Os wai-wais estudam na sua própria língua. Tem professores, professores, monitores treinados para dar este ensino. Também, entre os ianomamis, temos programa de ensino bilíngue. É muito mais difícil, devido a falta de interesse e isto, cremos, que é devido ao grau de aculturação dos ianomamis, que não entendem, até agora, a necessidade de aprender. Os amigos macuxis de todas as comunidades indígenas, ocupam um lugar muito importante neste país. Sabemos que é uma parte muito pequena, mas muito importante, e exatamente porque é pequena, a parte do grupo indígena do país, se mostra muito necessário aprender a língua portuguesa. Outro motivo de ter um sistema não só na língua materna, mas no sistema de educação bilíngue. D'esse desejo é que os, tanto os macuxis, quanto os ianomamis e wai-wais, aprendam a falar português, tão bem, como qualquer outro brasileiro, que mora aqui na capital ou no interior do Território. Nós gostaríamos e esperamos ver, este programa de educação bilíngue ir para a frente. Estamos muito satisfeitos muito alegres, de ver o interesse por parte da Secretaria de Educação e queremos nos colocar a dispor, de qualquer entidade que possa aproveitar os trabalhos que os componentes dessa Missão tem feito, durante os anos, na língua macuxi, na língua, em três dialetos da língua ianomami, e na língua wai-wai. Obrigada !

Os trabalhos que nós conhecemos sabem que infelizmente, nós padres, temos uma língua muito comprida, e por isso eu achei melhor marcar sete pontos rapidíssimos. Para não ser muito comprido, porque este defeito que nós temos de falar muito é perigoso, depois, principalmente, de ter ouvido tanta gente falando. Olha, esse trabalho aqui, de hoje, foi com nossa admiração grande e isto pode testemunhá-lo a Malu, a Maria Luiza, a Ana Maria e o Santoris. Foi um trabalho de apresentação da área macuxi, das três regiões do Surumu, das Terras, feito com muito critério, e nós ficamos admirados diante disto. A seriedade do trabalho apresentado, quanto a apresentação da problemática. Eu acredito que hoje se criou este clima de simpatia pela realidade indígena. Foi martelado sobre a língua. O representante da Uva falou sobre a parte técnica científica do estudo da língua. Nós acreditamos plenamente numa expressão de um da Pedra Branca, ou melhor, era de Maturuca, que falou que o povo que quer falar uma língua, tem que ter a terra aonde pisar, para depois falar esta língua. E alguém falou que povo sem língua, não existe. Nós gravamos aquilo que ele falou lá em Surumu. Povo sem língua não existe! Hoje constatamos uma coisa bonita, a disposição de muita gente, em ouvir, dispostos a escutar a realidade dos nossos amigos. Nós esperamos agora, coisas concretas, que já se estão fazendo, e esperamos de poder levar para a frente essas coisas concretas. Um martelo que começou hoje, desde às 8 horas da manhã, até agora é que os índios podem ensinar os próprios índios a viver. Isso tá na cara e é evidente. Os índios podem ensinar os próprios índios a viver! É tão claro para eles que para nós parece uma descoberta, porque alguns professores índios, se falou que não são capazes de ensinar. Em vez, nós estamos dizendo, que os índios são os professores mais indicados para ensinarem os índios a viverem, em todas as dimensões. Uma coisa muito bonita também através do Museu Integrado, a valorização da cultura. Cultura olhada como o cr u mesmo vivo, que caminha, que vai andando... E a cultura que caminha, não estranha se a cultura que caminha, pegou o chinelo de outra cultura. Não tem nada estranho. Eu que sou italiano, não deixo de ser italiano porque estou estudando macuxi ou porque estou estudando o português. Continuo sendo italiano e pior ainda, napolitano, daquela área azul que vocês conhecem. Então, cada um fica forte por a sua sua, né? Fica cuidando da sua e da valorização da cultura, então, nós, estrangeiros, que lembramos a nós na terra, se não aprendemos ainda a fazê-lo, devagarinho vamos fazê-lo. Aprendemos a ficar de joelhos, a entender, descobrir primeiro, porque nós viemos de longe para ficar aqui. A maioria dos padres da Igreja, são todos de fora, ou do Sul, ou do outro lado do mundo. Depois nós esperamos a presença, uma presença do desenvolvimento, do desenvolvimento de um novo nome da paz. A paz de um povo se faz quando este povo tem possibilidade de crescer, quando este povo tem capacidades de caminhar, ou melhor, possibilidade de caminhar. Em palavras muito pobres: quando este povo tem possibilidade de comer ao

...-lá eu tinha uma dor de cabeça, que eu não aguentava mais, daí de repente a dor de cabeça passou, graças a vocês comida, né! Então o crescimento, o desenvolvimento integral, quer ver um pequeno exemplo em forma de piada? Eu prometi aos índios, eu pessoalmente que estou lá no Surumu, prometi aos índios que se a Diocese ou a Funai ou o governo deixar fechar aquele hospital de Surumu, nós padres não nos comprometemos mais a rezar junto com vocês... (falou em macuxí...) não vale um figo! Não vale nada! Rezar sem apoio concreto, sem a participação integral no desenvolvimento, não resolve nada. Jesus Cristo pega essas rezas e joga... tem um rio aí perto? Joga lá no rio que não serve nada. Joga Bíblia, língua, reza; tudo! Joga tudo que não serve nada! Participação concreta do desenvolvimento, participação concreta da realidade é um grande desnível. Aceitando todos os riscos e comprando, como diz um padre... comprando todos os abaxaxis, que me chega às costas. Última coisa... Eu pessoalmente fico admirado que se fala macuxí neste ambiente instruído pelo mundo das armas, né?

* * * * *

Encerrando a participação das entidades, nós convidamos a professora Vera Lúcia Santos, da Fundação Nacional do Índio.

Foi dito pelos Trokawas, que eles agradeceram a oportunidade de estar aqui, falando para nós, os "brancos", aquilo que eles sentem. Para mim também, eu me sinto feliz, em que eles pudessem falar aquilo que eles sentem. Alguns se mostraram até, aparentemente agressivos, para nós, que não sabemos o problema deles, mas o alguns outros, falaram até, às vezes, coisas que foram consideradas... Não havia necessidade de se tocar no momento, mas aconteceu, que foi a primeira vez que damos essa oportunidade a eles. Que nós demos. Então, há muito tempo que eles tem vontade de falar e hoje foi o dia de falar. Algumas coisas eles falaram, coisas que há muitos anos estavam dentro deles. Tocaram também na lei, que nós não respeitamos. O Abel Tobias disse, que ele - Valdir- ele não fez a lei, não foi o índio que fez a lei, aquela lei que diz que deve ser respeitar a cultura indígena. Realmente, é uma lei que muito pouco gente conhece. A gente pode falar até, o próprio pessoal da Funai, mas ela existe. Existe e está bonitinha aqui! Assim, amarelinha, assim também, de capa amarela e também, não sei se vocês já viram, mas ela vem escrita em inglês, em francês e em português, numa edição verde-amarela. Pena que eu não tenha nem lembrado de trazer para vocês verem, mas eu tenho lá na minha gaveta. Então, todos tem oportunidade de conhecer essa lei, em português, em inglês e em francês. Ela não foi escrita em macuxí ou tupixana. Talvez um dia. As escolas, quando a Secretaria de Educação pensou em implantar as escolas, ela implantou em todo o Território. Ela não fez diferença das escolas em áreas indígenas, em área rural, em cada. Ela colocou as escolas. Mas nós, lá naquela lei, ela diz (está com defeito na fita, não consegui captar) Então, pensamos

... que ... , tivemos um horazonzinho, no horário que está estabelecido para ... dos professores que trabalham na área indígena. Então esta capacitação. Também, as pessoas que forem contratadas como horistas, ou mesmo contratadas no quadro do Governo, que forem trabalhar na área indígena, que elas deem, que elas sejam enviadas à Funai, para receber alguma orientação. Pelo que a gente vê, são pessoas que recebem aquele papelzinho para se apresentar na escola. A escola é um organismo estranho à maloca. Lá ela não sabe quem é o Tchawa. Não sabe nem se existe o Tchawa. Então ela chega lá, chega com o supervisor, com a merenda e começa a dar a aula. Ela não pede licença, como disse o Tchawa Jaci, e o índio quando chega na cidade, ele pede licença para entrar na casa. Acontece, inclusive, pessoas que nem conhecem o Tchawa da maloca. Outras entidades chegam e vão na casa do monitor, na casa do professor, na casa do fulano, na casa do ciclano, mas a casa do Tchawa fica esquecida. É como se chegassem na minha casa e não procurassem o dono da casa. Falassem com meus meninos, então quase que não tem valor. Também nós queremos, nós pensamos, que uma escola ... houve até num outro dia, onde escutei: Escola profissionalizante para o índio, é até uma graça. Eu ouvi isso, mas veja, profissionalizante, para que ele depois que estuda, não queira vir para a cidade, como também falou o Tchawa, para abrir valas? Para ser empregada doméstica? Para ser auxiliar de serviços em repartições públicas? O que ele vai ganhar, não vai dar para sobreviver. Como disse também o Tchawa Clóvis, já a cidade, não está comportando aqueles que são da cidade. Então nós temos essas sugestões. Quando se pensou em fazer as sugestões, em encaminhá-las para a Secretaria de Educação. Então nós pensamos: quem melhor que o índio, pode falar o que ele quer para a escola dele? Quem melhor? Então nós fomos, nós procuramos os índios, outras, também a Diocese já havia feito a reunião lá, como também a Secretaria de Educação, procurou os índios, para eles dizerem aquilo que eles querem, como querem a escola. E parece até que foi de propósito, eu não sei, porque ficou bem esquematizado, quando o Sebastião da Malacacheta falou, que a escola que nós temos na área indígena, e a escola que nós queremos na área indígena. Então, tudo aquilo que ele disse, foi um arremate, eu considero assim, foi o arremate de todo o pensamento dos tchawas que falaram anteriormente. A escola que nós temos é fator de desvalorização dentro da maloca, a escola que nós queremos é a valorização do índio. Ele se valorizando, ele fica forte e sendo forte, ele deixa para trás aquela imagem de preguiçoso, como nós o consideramos. Nós deixamos para trás aquela imagem de que ele não quer nada com o trabalho, e o que a gente sabe, lá no fundo, a gente sabe, que isso não é verdade. Se eles mais não fazem, é porque nós não damos condições a eles. Porque ninguém pode trabalhar sem o instrumento de trabalho. Nós mesmos, em nossa repartição: estamos querendo datilografar um documento, mas se nós não temos máquina, como vamos datilografar?

... é o da área da educação, que deveria ser o início de tudo, e não o fim, como também do apoio, do apoio para o desenvolvimento. Como o padre João ... como eu posso desenvolver de barriga vazia? Ele que está acostumado a comer todo o dia, quando deu meio-dia, já estava com dor de cabeça. Imaginem quem não tem o que comer todos os dias ... Eu me sinto feliz, como disse, me sinto também muito satisfeito com os Tschãwas, por terem colocado tão bem, aquilo que eles sentem, aquilo que eles querem, e eu quero deixar para vocês, vou ler para vocês o artigo 47 ao 55, porque é o capítulo 5, da Educação, Cultura e Saúde. Artigo 47: é assegurado o respeito ao patrimônio cultural das comunidades indígenas; seus valores artísticos e meios de expressão. Artigo 48: estende-se à população indígena, com as necessárias adaptações, um sistema de ensino em vigor no país. Artigo 49: A alfabetização dos índios, far-se-á na língua do grupo a que pertencem; e em português, salvaguardando o uso da primeira. Artigo 50: A educação do índio será orientada para a integração na comunidade nacional, mediante processo de gradativa compreensão dos problemas gerais, de valores da sociedade nacional, bem como, de aproveitamento das suas aptidões individuais. Artigo 51: Assistência aos menores, para fins educacionais, será prestada, quanto possível, sem afastá-los do convívio familiar ou tribal. Artigo 52: Será proporcionada ao índio, a formação profissional adequada, de acordo com o seu grau de aculturação. Artigo 53: O artesanato e as indústrias rurais, serão estimulados, no sentido de elevar o padrão de vida do índio, com a conveniente adaptação às condições técnicas modernas. Artigo 54: Os índios tem o direito aos meios de proteção à saúde, facultados à comunidade nacional. Parágrafo Único: na infância, na maternidade, na doença e na velhice, deve ser assegurado especial assistência dos poderes públicos, em estabelecimentos a esse fim destinados. Artigo 55: O regime geral da Previdência Social, será extensiva aos índios; atendidas as condições sociais, econômicas e culturais das comunidades beneficiadas.

Esta lei, não foi feita pelos índios e nem é deste ano, ela é de 19 de dezembro de 1973, e nós estamos vendo agora, que os Tschãwas não pediram além daquilo que eles tem direito. Inclusive foram os "brancos" que disseram que eles tem direitos. Então, basta agora, o "branco" respeitar e cumprir com a sua palavra.

Enviremos a palavra da Secretária, Ana Maria de Castro Leite, que fará algumas colocações e depois continuaremos o debate.

Caríssimos presentes, eu queria declarar, antes de ter que me retirar desta sessão, da alegria e a satisfação já colocada na abertura deste debate, que até agora não foi debate, mas que foi, essencialmente, a explanação das reivindicações, das quais, como aconteceu a professora Vera, de dizer à priori, foram induzidas por uma civilização acul-

direito dos indígenas, ou como o direito dos índios. ^{Então,}
 não vamos conhecer melhor estes direitos, porque ficamos encantados de conhecê-los melhor a verdadeira realidade? É que gostaria de deixar aqui, agora, um pedido, de que após algumas outras colocações que serão feitas, por pessoas já inscritas ou que venham a se inscrever, eu gostaria que de fato, fosse conduzido o debate, e esse debate não me parece mais um debate, me parece agora, uma maneira de operacionalizar, aquilo que foi reivindicado. Em outras palavras, operacionalizar, significa exatamente dizer, como vamos agir! Que condições nós temos para agir? É este o pedido que quero deixar a todos vocês, Tchawwas e demais comitivas, juntamente com todos aqueles, inseridos na Educação, e que conhecem a realidade de cada um dos presentes, me digam: Quais são as malocas, quais são estas malocas? Que nós já podemos contar com estes professores. Professores do que? Para que? De que? Nós precisamos saber, quem, em qual maloca nós já podemos a partir do próximo ano, por uma única escola que seja. Colocar no currículo dessa escola, a língua macuxi ou hapixana! Mas são vocês que nos tem que dar essas informações. Justamente para que não ocorra de dizer: fomos, falamos, perdemos o tempo e nada foi colocado em ação, e nada foi colocado em prática. Fiquei encantado de sentir as reivindicações de vocês, no sentido de que, seja adequado também ao currículo, as atividades indígenas. Fiquei muito contente, de fato, concordando plenamente, que o currículo dessas escolas indígenas, deve ter o professor que ensina a fazer o par-deiro, ou sei lá o que! Porque de fato, não é que nós tenhamos tanto conhecimento de seus utensílios, e são vocês que nos tem que dar essas informações. E de maneira que, para concluir esse meu pedido, gostaria que ficasse bem claro, a nossa disponibilidade, a nossa disposição, o nosso compromisso, de verdadeiramente operacionalizar todas as reivindicações. Como disse no início, ninguém fique pensando ou pretendo que sejam 100% atendidas, agora, aquilo que for possível, nós iremos operacionalizar. Gostaria mais uma vez de agradecer a participação, porque como disse, eu tenho que me retirar, no entanto, vocês devem continuar o trabalho, deve concluir, ficaria muito contente que ficasse gravada também, na fita, no encerramento deste encontro de hoje, que fosse feito uma canção na língua macuxi e hapixana, porque também esta é uma outra sugestão que vocês tem que nos deixar. Quem é entre as pessoas da maloca, da comunidade indígena, que pode ensinar a todos os alunos essas canções, na própria escola. Quem vai fazer a tradução do Hino Nacional para essas malocas, da maneira que também pretendemos que em todas essas escolas, sejam ensinado o Hino de Roraima, porque nós devemos também lembrar, neste momento, este civismo adormecido e mal fadado, que nos foi legado de maneira deturpada, e mais do que nunca nós sabemos que precisamos ser patriotas. Não patriotas para estar com a cabeça feita de que nos impõe de cima para baixo, mas para que cada um cidadão, não desconheça, como nós, civilizados, da maneira como entendemos, porque entendo que todos os indígenas, também tem a sua cultura, e são civilizados e edu-

...na medida das suas culturas. De maneira que, ... a ...
colaboração, para que de fato, nós tenhamos o maior êxito, ... na dependên-
cia total, daquilo que de cima nos virá, a partir do Governo de Brasília. Tenham cer-
teza, vocês todos, de que iremos elaborar um manual pedagógico, para todas as creches
do Território, em cima das reivindicações, até agora colocadas. Para que a gente ope-
rationalizê isso, é preciso esta colaboração que ainda está faltando. Muito Obrigada
uma boa-tarde para vocês, e até breve, porque é o desejo desta pessoa que está a fren-
te da Secretaria, é de fazer um trabalho integrado, em cima da valorização humana e pro-
fissional, para que haja essa integração, porque todos somos filhos de Deus.

Muito Obrigada |

Após a apresentação por parte das entidades, nós gostaríamos que as pessoas,
que querem colocar os seus pontos de vista, se manifestassem a partir de agora. Pedese
que se apresentem no microfone.

Bom, eu também sou uma índia Kerente, da Região do
Tocantins, que estou entre os macuxis. Estou há um ano aqui nesta região, acende eu
já aprendi muitas coisas sobre as culturas deste Território. Estou trabalhando ao la-
do de sete malocas da região do Imajari. O nosso trabalho está sendo sobre saúde e es-
cola, por isso, eu estou querendo dar a resposta sobre a pergunta que todos os Tchikanas
fizeram, e também dando apoio deles, que o que eles estão pedindo é a realidade. Eles
estão necessitados de ler a sua própria língua e estudar a sua própria língua, porque
estava sendo distinta, eu seja, extintas. E também, eu quero comunicar, que não sei
ler muito bom, pois nunca fui numa escola. Eu estudei somente na minha língua e que
não é língua deste Território. Falo três línguas, mas não é daqui, e falo também por-
tuguês. Muito errado, mas sim. Então eu quero falar para o senhor que disse que que
o medicamento dos "brancos" estava sendo criticado. A palavra que o índio quis dizer,
não foi criticando o medicamento, e medicina de "branco", ele simplesmente quis expli-
car, que através da comunicação da civilização, entre as áreas indígenas, chegaram mu-
tos tipos de doenças, que não é conhecida pelos índios. Antigamente nós usávamos os
remédios vegetais e até hoje usamos, e que muitas vezes, valem mais, para nós, do que
mesmo o próprio remédio dos civilizados, mas nós não estamos, neste sentido, fazendo
críticas, ao contrário, estamos pedindo apoio do governo do Território e de todas as
entidades, para que, em nossas malocas, sejam levados melhores medicamentos, porque
nós não conhecemos muitos tipos de doenças, que tem entrado em nossas comunidades.
Eu também queria agradecer esta abertura, a abertura que eu entendi, que foi posta pa-
ra as nações indígenas, para debater e responder os seus direitos, e eu acredito, que
esse direito, que nós estamos falando hoje, é da lei de Estatuto do Índio, que não foi

... para nós, como diáspora. Todos nós e todos vocês sabem, que esta lei não foi feita por índio, mas essas leis, como eles dizem, se forem respeitadas, nós também respeitamos a lei dos "brancos". Por isso eu quero dar esta resposta, e sobre o problema da saúde, eu falo que nós necessitamos de mais ajuda nas áreas indígenas, para o problema da saúde, porque está faltando muito medicamento, em muitas áreas. E sobre a escola hoje que queremos e que temos, eu estou dando o apoio necessário, nas palavras de todos os Tzshawas, e acho que esse passo, para eles, é muito importante. Se isso acontecer e nós esperamos que vai acontecer, e temos confiança que isto vai ser muito bem sucedido, para o atendimento das nossas populações indígenas, no Território de Roraima e também no Brasil inteiro. Nós estamos fazendo, falando sobre nações indígenas, não só do Território, mas de todo o Brasil. A nossa união indígena, está se expandindo cada vez mais, por isso nós falamos em todos. Queremos também dizer e agradecer, ao governador daqui do Território, Dr. Getúlio, não sei o nome dele todo, mas acredito que ele também vai entender o que nós estamos precisando, porque ele é filho daqui da terra, daqui do Território. Queremos também lembrar para vocês, que nós somos os verdadeiros índios, e que vocês aqui, já que querem considerar, o Território de Roraima, como um Território indígena, e que vocês nasceram aqui, também neste Território, então vocês também são considerados índios, mas vocês não podem, tal vez, responder como índios, mas também, vocês são os caboclos e nós somos os índios. Agora, acontece que o caboclo, que nós entendemos, é a mistura de índio com o "branco". Então é a família de vocês, aqui do Território, aqui de Boa Vista. E também queríamos pedir, que vocês entendam, que esta escola bilíngue, falada na língua macuxi, o hapixana e outras línguas que aqui existem, até a do yanomani mesmo, pode ser estudada, dentro até, da civilização de Boa Vista, porque, já que queremos criar esta união dos "brancos" com os índios, já que queremos o nosso Território vivendo em paz, então vamos também estudar, para podermos entender, cada vez mais, a nossa população indígena. Também, quero lembrar para o presidente da República. Muitas vezes as pessoas falam: A Funai está aí para dar apoio para os índios. A Funai está aí para colocar escolas nas áreas indígenas, está aí para ver o problema de saúde, mas isto que a gente reconhece, que a nossa Delegacia, da LOB BR, nunca teve uma pessoa para poder dar esse incentivo às comunidades indígenas, mas agora nós temos o senhor delegado Raimundo Renato, que está tentando fazer o possível, dentro das áreas, mas não está tendo o apoio de verba, necessária, porque o dinheiro que está vindo, não está dando para atender nem a terça parte da população indígena. Então, nós queríamos lembrar para o presidente da República, e os demais, presidente da Funai, governador do Território, que a Funai está numa crise, que não está dando para atender a população do Território, a população indígena. E queremos agradecer a oportunidade dessa Nova República, porque entendemos que esta Nova República, também pode pertencer para o índio.

O índio também tem palavras para falar e para poder se dirigir. Tinha-
 mos para todos vocês, que como citamos as palavras dos "brancos", que fazem mal para
 nós, não queremos dizer que sejam todos vocês. Nós entendemos e compreendemos, que
 muitos "brancos", que estão do nosso lado e que trabalham para o bem da comunidade in-
 dígena, também é considerado como um de nós. Isso é a palavra que nós tínhamos para
 falar para vocês. O "branco" que está do nosso lado e que dá o apoio necessário para
 as nossas comunidades, nós também estamos de mãos dadas com eles e eu agradeço a essa
 abertura e a esta palavra, em nome de toda a comunidade indígena.

(... houve um corte no início do pronunciamento do Tzohawa ...)

... Aquilo que meus irmãos índios, os Tzohawas já abordaram, e eu para comple-
 mentar alguns pedidos, eu tenho aqui na mão já para apresentar para os "chefes", os
 secretários, e outras entidades que se encontram aqui presentes. Não posso fugir de
 aquilo que é nosso. Não posso ficar falando de galho em galho, mas sim, a minha idéia
 que deve servir para o meu povo, para o povo que vive lutando, onde eu vivo trabalhar
 do, onde nós queremos a melhoria de cada um dos nossos irmãos. Alguns Tzohawas fala-
 ram, que querem a melhoria das suas escolas, e eu fiquei atento, ouvindo... Mas melho-
 ria... que melhoria que nós queremos? Não citaram como. Neste momento eu me senti
 sozinho, agredido. Me senti um pouco ... Nós estamos pedindo que melhore a nossa escola
 da seguinte forma: nós queremos um quadro de funcionários, de professores, juntamente
 com a merendeira, por exemplo. Essa parte aí, ninguém falou e eu me lembrei, porque
 nós estamos acostumados a tirar de uma mãe, que tem o que fazer em casa, de um aluno
 que ele podia estar fazendo sua tarefa, pedir para que ela faça a merenda na sala de
 aula para os alunos que ali estão. Nesse ponto eu pego às autoridades da Secretaria,
 que nomeie uma merendeira, uma zeladora, para cada escola isolada, que assim, se nós
 queremos mudança, aí está, nós vamos mudar tudo! Queremos melhora para a nossa comu-
 nidade. Queremos melhora o nosso povo, e sobre a língua... A nossa língua, também que
 nós estamos aí, o hapixana por exemplo, eu estou falando em nome dos índios hapixana,
 que eu sou hapixana, nós não conhecíamos, nós não temos sequer um papel escrito pelo
 hapixana. Alguma coisa está faltando para nós. Está faltando um professor linguista,
 que venha para fazer um estudo junto com a gente. Nós temos aí, eu estou numa direção
 de trabalho numa sala de aula, que eu já disse que sou educador, e este meu objetivo
 é de dar nos meus alunos, nos meus irmãos aquilo que eu tenho, que é a minha língua.
 Eu sei falar e estou aí para apoiar e continuar o nosso trabalho. O nosso trabalho
 de hapixana, por exemplo, estou pedindo a colaboração das autoridades do Território.
 Nós, por exemplo, o hapixana, nós temos um grupo muito pequeno e por isso vemos, que
 alguém chegar na frente falando macuxi, falando... porque o macuxi é um grupo maior

do Território, que predomina no nosso Território, mas nós ainda não perdemos a nossa identidade, que é a nossa língua, nós ainda usamos ela. A língua não fala, eu falo, meus avós que ainda estão vivos, também falam, e os nossos filhos ... Estou dizendo aos Tchewas que estão aqui presentes, os Tchewas e hapixanas que estão aqui presentes: Por quê deixam a sua língua ser esquecida na maloca? Por quê que não exploram os pais de família, a dizer: vamos continuar a ensinar os nossos filhos a falar a língua hapixana. A nossa língua, que nós não devemos esquecer, que nós devemos cultivar porque é a única coisa que o índio ainda tem de bom, para mostrar a sua identidade, que é a língua. Por isso mesmo, meus prezados irmãos, que eu estou aqui, para implorar dos Tchewas, como ainda agora eu vi, um Tchewa chegou na frente, foi falar o hapixana (falou em sua língua) ... Eu acho que um tchewa, ele deve começar e terminar, para mostrar que nós temos a nossa identidade, a nossa língua. Nós não envergonhamos de chegar aqui na frente dos "brancos", e falar aquilo que nós sentimos, eu diria na minha língua, eu diria assim (falou novamente em sua língua) ... Eu estou dizendo que agora nós vamos comer aqui! Essa é a parte que eu sinto, dos nossos Tchewas hapixana, de não saber falar a nossa língua. Na hora em que ele não sabe falar toda a maloca cai do galho, todas as crianças esquecem. Essa parte aí, eu estou pedindo que os nossos tchewas, que se encontrem aqui presentes, continue cultivando ou então aprenda com quem sabe. Certo? Falamos também, eu vi os tchewas pedindo professores índios, mas eu vi um tchewa falando, que nós índios, tem muitos índios que querem trabalhar, como também tem muitos "brancos", que querem trabalhar. Certos pontos, nós podemos falar com o nosso trabalho. Todos nós somos fracos, todos nós caímos numa decadência. Nesse ponto um tchewa pode dizer assim, o meu tchewa da maloca onde estou trabalhando, ele, se eu errar um pouquinho, ele pode me dizer: Flávio, você está errado! Eu vou contra você, nós vamos debater os nossos assuntos, mas para que melhor de uma supervisão da comunidade onde eu trabalho? Alguém pediu que o governo contratasse supervisor índio! Para que melhor a sua comunidade? Não é uma supervisão boa? que ela pode nos demonstrar o que nós somos, quem somos, o que nós fazemos, se nós trabalhamos direito, eu por exemplo estou falando nós, mas eu estou falando eu. Então eu estou dizendo para os meus irmãos, que assim, em lugar do governo contratar um supervisor índio, ele pegava o dinheiro, fazia uma repartição, uma escola mais ou menos, que dava para suprir a necessidade do índio. Eu trabalho numa escola. Aquela escola é carente de tudo, então, não vou falar só na minha, mas eu acho que em todas as malocas, já falei em duas, tenho oportunidade de falar em duas escolas. Hoje eu vejo que eu fui numa escola, que tinha as condições piores que a que eu dei, e vi, onde o aluno vai aprender... o governo manda fazer a escola, manda fazer as instalações hidráulicas, mas não funciona. Se funcionar num dia, no outro dia, num mês, no outro mês já não presta mais aquela instalação. A escola cai as

partido. A escola ali no período. Então, eu acho que a gente solicita, que
faça uma remodelação da escola, e ali não tem a finalidade. Na outra parte, a minha
parte de educador, não fazemos. A parte dos trabalhos, também eles devem pensar jun-
to com os nossos pensamentos. Nós falamos com o professor, o Coordenador do Ensino
de 1º Grau no Interior, o professor Santoris, falamos da criação de uma escola de 5ª
a 8ª séries, na maloca Malacacheta e essa parte ficou para estudar. Já tem mais ou
menos alunos suficientes, que dá para funcionar aquela escola. Assim, ficou para nos
dar a resposta agora. Ficou para nós debatermos o assunto. Na parte de cultura, co-
mo nós estamos falando. Na parte dos nossos filhos, por exemplo, nós pedimos o seguin-
te do governo, que nomeie um professor de artesanato, por exemplo, nas malocas, que
é preciso. Essa é uma parte última, que eu quero falar, e é os pedidos que eu tenho
para dar para a autoridade do Território. Para desenvolver o trabalho de artesanato
na maloca. Hoje todo mundo não quer trabalhar, dar o seu trabalho, sem ganhar um
centavo. Todos nós precisamos nos manter, principalmente, todo o índio que vive, que
veste uma roupa, já calça sapato, já usa um relógio, já usa a meia. Todos precisam
de ganhar alguma coisa para viver. Não é nós trabalharmos de graça, e ver algumas
coisas por trás, vivendo às nossas custas. Nós pedimos isso das autoridades que se
encontram aqui presentes, que levez o nosso pedido, que escutem o que nós estamos pe-
dindo, o que o índio necessita. É isso que eu aqui tenho. Muito Obrigado!

Eu pediria a permissão, para deixar de ser coordenadora (Maria Luiza) e
passar a ser o público presente aqui. Eu tenho algumas colocações e eu gostaria que
o Flávio me contestasse, se eu estou errada no meu pensamento. Eu não sei, mas pelo
que eu percebi, a nível de maloca, dessa caminhada que eu fiz aí e foi muito curta,
eu não sei! Não, você fez uma colocação a respeito da merendeira, e eu queria que vo-
cê repetisse novamente, se eu entendi certa a questão. Você pede que cada escola
tenha uma merendeira, é isso? É! Então, a respeito disso eu queria fazer uma outra
colocação. Eu acho, a meu ver, que por uma merendeira na escola, eu não vejo o por-
quê, a nível de maloca. Em primeiro lugar, porque eu não vejo uma escola de maloca,
que seja uma escola tão teórica, onde todos os alunos ficam sentados, quatro horas
por dia, ali, certo? Eu vejo uma escola de maloca, e lá os alunos aprendem a cozi-
nar. Formam equipes para aprender a cozinhar. Uma escola de maloca, onde tenha deter-
minados dias, que os alunos não cozinham, igual à escola de "branco",
mas que eles saiam de casa, com a comida na mão, para ir para a horta, entende? Eu
imagino assim, um ensino mais prático. Para essa escola tradicional, que nós estamos
imaginando, que nós estamos acostumados a ver. Eu não sei, eu posso estar errada.

Outra coisa que eu observo e ouvi nas diversas malocas, é a colocação a respeito das instalações hidráulicas. Eu não sei. Ao meu ver, eu acho um absurdo, essa escola de "branco" que nós temos na cidade, colocar lá na maloca. Em primeiro lugar, porque a hora que estraga uma encanação, não tem quase, ou não deve ter na maloca, encanadores. Teria que vir para a cidade, pôra ! Atrás de encanador para resolver o problema. Eu não sei, eu acho que é uma afronta. Eu acho que a escola da maloca, deveria ser mais perto da casa do índio. Sabe, tem coisas assim mais práticas, que ele mesmo soubesse fazer. Bom, eu não sei... essa é a minha colocação, não sei como o Flávio vê isso, porque eu posso estar errada, apesar de que eu tenho, assim, um sentimento muito profundo, com relação ao índio. Eu consigo assim, uma empatia muito grande, quando eu chego numa determinada maloca. Eu gostaria que você analisasse ou colocasse alguma coisa, na minha maneira de pensar.

Prezada amiga Amalu, eu vou debater sobre a sua colocação: Eu discordo ! Eu discordo ! Eu discordo porque você também tem que levar a educação ao índio. A proposta aqui feita, é para que você preserve usos e costumes, mas que também não seja tão radical e ao pé da letra, mas o mínimo de condição para a sobrevivência do índio, e essa discriminação do "branco" com o índio, eu também não concordo. Nós somos um fruto da miscigenação. Nós somos um todo. Se nós estamos lutando de fato, vamos tentar dar o mínimo de condições para que eles se sintam bem. Vamos lutar pela Educação e pela Cultura de Roraima, irmanados, todos juntos, sem essa discriminação de índios e "brancos"! (colocação da professora Luiza Carmen, do Museu Integrado).

A mesma coisa eu também queria dizer. Eu diria o seguinte: por quê o govarno cria, por quê que ele criou aquela escola, com todo aquele equipamento ? Por quê se ele não quer que o índio aprenda as coisas do "branco", como ela falou ainda agora. Eu diria o seguinte: que não levasse os vasos, que não levasse a caixa d'água, não levasse nada. Fizesse uma coisa comum, adequada à maloca, justamente, eu concordo nesse ponto, mas já que ele leva alguma coisa, então ele está querendo ensinar o que é a civilização. Esse é o ponto que eu quero dizer à senhora. Isso que eu estou pedindo.

(... não houve identificação.) Eu quero agradecer a comitiva, os professores, os tchawas, e todos os que estão presentes. Eu quero dizer o que eu sinto, o que eu acho desta reunião, deste nosso encontro e eu tenho dois problemas na minha

maloca. Eu, não sou um professor e nem um alfabetizador. Eu sou apenas um monitor da saúde. Então, eu quero dizer, que a escola não é uma coisa ruim, não tem sido uma coisa ruim, dentro das aldeias e das malocas, porque eu sou um índio, o pouco que eu aprendi, eu dedico na minha maloca. Eu fiz um curso de enfermagem, para eu poder ajudar a ler as receitas dos remédios, para não complicar, na medicação, que ataca muito nas nossas malocas. Então, eu tenho dois problemas, um é com um professor e o outro é com a merenda escolar. O professor, é um professor "branco", ou bem dizer, ele não é branco, ele é negro, ou preto. Já faz muito tempo, está com dez anos que ele leciona naquela maloca, mas eu acho que ele está fazendo uma coisa errada, eu não sei... porque, para mim não, porque eu tenho quatro alunos estudando com ele, mas lá na maloca, tem pai de família, que tem cinco filhos que não estão estudando, já está com 6 anos que esses meninos não frequentam a escola. Então eu acho que isso já é um atraso para a nossa maloca, porque cada vez mais, nós estamos chegando perto da civilização do "branco". Esses meninos, se vem para Boa Vista, sem saber ler, eles não vão ler os nomes das ruas, o nome deste prédio, o nome da Delegacia do Índio. Sim, na maloca nós não precisamos de fazer leitura, porque nós conhecemos e aqui nós não conhecemos, eu acho então, que isso já está prejudicando. Nós tentamos de entrar em acordo com o professor, mas a resposta foi a seguinte; ele nos disse: "eu não estou ganhando dinheiro do Twchawa, nem da comunidade e nem da Funai. Eu estou ganhando o meu dinheiro, dinheiro do governo. Eu só saio daqui se eu quiser! Se eu não quiser, eu não saio!" Está muito bem! Está certo! Por quê? E o que me deixou mais sentido, foi que esse pai de família, que já está, digo, que já trabalhou lá na maloca, fez suas plantações, fez sua roça, sem ter salário, como o professor tem salário, chegou a dizer agora, nareunião; eu vou me embora, para eu poder educar os meus filhos, porque eu não posso colocar nessa escola, por causa do professor. E outro, que tem também três filhos que não está estudando: "acho que eu vou te acompanhar, porque eu não posso colocar meu filho também, para estudar, por causa do professor". Então, se ao invés de nos ajudar, está nos prejudicando, porque vai tirar o nosso povo. Em vez de aumentar a nossa maloca, vai diminuir. Então eu acho que isso está errado, não sei para os outros.

O segundo, é da merenda... aconteceu que não chegou a merenda para os alunos neste segundo período. A aula recomeçou no dia 02 de julho e até o dia 13 de setembro, não tinha chegado a merenda. Eu não estou só cobrando, mas eu estou dizendo, porque na nossa maloca, nós não somos todos iguais na alimentação. Para alguns, a alimentação é maior e para outros, a alimentação é menor. Tem alunos de sete anos, que entram às 7 horas e 30 minutos na aula, e vai sair às 11 horas e 30 minutos, ficando fraco. E aconteceu que no dia 05 de setembro, uma menina de oito anos, nós estávamos treinando uma marcha, ela desmaiou, ela caiu no chão. Ela chegou na en-

Terminaria, por volta das 10 horas, e aí eu examinei. Eu vi que ela estava perfeita, eu perguntei: o que que tu sente? O que que tu está sentindo? - Eu tô com fome! Eu tô com fome! - Então eu acho, que se tivesse merenda, às 9 horas e 30 minutos, essa menina tinha se alimentado, e então ela já não ia cair de fome, ou de fraqueza. Então com isso, vai, vai e vai enfraquecendo os nossos filhos e os nossos alunos. Era só isso que eu queria dizer, no depoimento. Muito Obrigado!

Nós queríamos apenas esclarecer a parte final, sobre a merenda. Eu acredito que quando você voltar para a escola, já encontre a merenda na escola, porque desde a semana passada, que os caminhões começaram a sair. Aquelas que são mais difíceis, que tem que chegar de avião, eu acredito que está sendo feito de ontem para hoje. Mas a parte de avião é a mais fácil, é mais difícil até arrumar, na hora que arruma, resolve em dois dias. Agora, as outras que dependem não só da estrada da rodovia, que tem que entrar por alguma vicinal, é mais difícil.

Nós pedimos que os próximos a falarem, se identifiquem.

Meu nome é Elza Carleto. Eu sou psicóloga na maloca Buriti, e eu queria colocar umas coisas, que estão me preocupando desde cedo, desde o início deste acontecimento. É com uma tristeza muito grande que a gente percebe, hoje, em pleno século XX, em pleno 1.985, a gente é obrigada a escutar dos nossos irmãos índios, as reivindicações, e reivindicações importantíssimas, como por exemplo, é o pedido de justiça para eles, e principalmente, o pedido de respeito, respeito pela pessoa do índio. Respeito pela cultura do índio. Respeito pelo povo indígena, enfim, respeito por eles todos. É uma pena que até hoje a gente não tenha aprendido a respeitá-los, sem precisar, de repente, vim para um debate para ouvi-los nos solicitar este respeito. É uma coisa que me entristece profundamente, e principalmente, que de repente, o que eu percebi, não foram eles, apenas pedindo respeito, mas provando que eles precisavam deste respeito. Provando por quê que eles estavam reivindicando este respeito. Eles nem precisam ter provado, né? Porque aqui mesmo, nós estamos fazendo isso, nós estamos desrespeitando, porque, por incrível que pareça, num dia tão importante, onde a gente devia se reunir todos, ouvir as queixas deles, já que somos nós que proporcionamos as desventuras na vida deles, eu só vi chegar aqui, nesse local, crianças, povo, realmente mais próximos deles, mais descendentes deles, por volta de 11 horas e agora, por volta das três horas da tarde. Então, eu não consegui compreender ainda, porque que de repente, um assunto tão importante, uma coisa tão sé-

ria, o povo foi afastado. As pessoas realmente interessadas neste debate, realmente interessadas em ouvir essas queixas, essas reclamações, essas reivindicações. De repente, os alunos continuam em sala de aula, os professores em sala de aula. Nós estamos hoje trabalhando na cidade, mas nós podemos, amanhã estar trabalhando numa ma loca indígena. Então, eu acho que o momento era ideal para a gente tomar conhecimento do que se passa lá. No entanto, não é isso que está acontecendo. Os professores continuam lá, em sala de aula. Muitas vezes nós deixamos de dar aula, por coisas muito menos importantes, e hoje, num momento tão importante, eu sinto esse vazio nesse local, que deveria estar cheio de pessoas, que realmente estão muito interessadas na questão do índio, e que infelizmente não estão aqui e a gente não sabe por quê! Outro dado importante que me entristece muito, é ver os nossos índios ainda, nós os irmãos índios, ainda tão despolitizados, ao ponto de só estarem aqui, reivindicando respeito, quando na verdade, eles tem muito mais coisas para reivindicar, quando na verdade nós os agredimos muito mais, e eles só estão pedindo respeito. Acho que é pouco demais, diante das coisas que nós já fizemos para eles, diante das agressões. A História que foi contada hoje de manhã, que foram os padres que catequizaram os índios; Foram os padres, mas com as nossas permissões. Nós também somos responsáveis, porque nós ficamos calados, e estamos hoje, calados, aqui, diante das reivindicações deles. Ainda continuamos em cima do muro. Não tomamos uma posição definida diante da questão do índio, que são nossos irmãos, que são nossas raízes, e que só querem uma coisa, manter viva a nossa raiz, manter viva as nossas origens, e me entristece profundamente essas coisas, sabe? Era só isso que queria colocar!

Antes de eu dar a palavra para o pesquisador do Gueldion, professor, eu queria apenas fazer algumas colocações, sobre o que a professora disse. Inicialmente, esse encontro aqui, se se realizasse à cinco, à três ou à dez anos atrás, nós seríamos cercados pela polícia, porque não se admitia que se dissesse verdades. Aqui, nós estamos começando a querer ouvir verdades! E é exatamente por isso. Agora, porque que isso está acontecendo? Começou isso com a ascensão ao governo de uma pessoa que conhece a realidade do Território, e não de governos militares que aqui chegaram e que diziam que conheciam tudo sobre esse Território, que tinham lido tudo, só que não existem livros que contem a História atual do Território, publicados. Devem haver livros, ou podem haver livros sendo escritos, contando essa História. Foram 20 anos de autoritarismo, foram 20 de governos que não, que o povo não pediu para recebê-los. A partir de agora, começa a clarear e este processo ainda vai demorar muito, porque nós fomos amordaçados durante este tempo todo. Eu digo nós, porque pelo menos eu, nunca consegui me calar, mas sofri muitas vezes, na própria pele, por não

poder, não aceitar me calar, por sempre dizer aquilo que eu tinha vontade. Agora, o fazer é um pouco difícil, porque na hora em que a gente se propõe a fazer, existem muitos problemas, mas eu acredito, que na hora em que agente começa a dialogar, a colocar os problemas sobre a mesa, como está sendo feito aqui, com liberdade, com liberdade, sem problema nenhum de dizer aquilo que sente, e o próprio governo diz que devem sempre dizer aquilo que sente, que ele aqui falou, a gente pode sentir que vai chegar a um caminho. Dizer que nós temos a receita pronta, não vamos ter no momento. Exatamente por isso nós estamos articulando grupos para se reunir para oferecer as sugestões à secretaria, para operacionalizar aquilo que os índios querem. Vamos continuar necessitando de críticas, porque nós acreditamos que somente através da crítica, que é construtiva, que diga que está errado e como fazer certo, que vamos chegar a atender a comunidade indígena, e atender também a comunidade rural e atender também a comunidade urbana, porque toda essa escola está em dificuldade. Toda esta escola está descaracterizada, porque toda ela sofreu esse processo de 20 anos de autoritarismo, aonde o chefe mandava e os outros obedeciam e aqueles que não obedeciam, eram tirados do sistema, excluídos e taxados muitas vezes, por coisas que não eram, apenas porque tinham a petulância, ou não conseguiam se calar, ou não aceitavam, porque muitas vezes me dizem as coisas, e fica atravessado, ou eu ponho para fora ou então eu vou, sei que vão desaparecer. Isso é bom que se critique e se coloque. Agora, a coisa não está feita. Nós todos juntos vamos ter que sentar para fazer. Está colocado o problema, mas todos vão ter que lutar, e como eu disse nas comunidades indígenas, que tive a oportunidade de conversar com vocês. Se nós não conseguirmos, ou se mesmo conseguindo, e amanhã ou depois alguém aqui chegar e tentar modificar, cabe a vocês, como um ponto conquistado, unidos, porque um só será vencido, mas todos juntos não serão vencidos. Unidos impor: "esse é um degrau que nós conquistamos, e não vamos ceder". É preciso que isto seja posto muito bem, porque vocês sabem que os governos mudam, o povo não! Mas os governos mudam, e ninguém sabe se amanhã, chega outro governo aqui, diferente, com orientação diferente dessa. É preciso que vocês estejam conscientes disso, que não vai ser um mar de rosas, a partir de amanhã, pois vocês tem que continuar lutando, lutando, para se pelo menos não melhora para vocês, pelo menos vai melhorar para os filhos, ou pelo menos, para os netos de vocês. Era só essa colocação que eu queria deixar, e que a crítica vai ser sempre bem recebida, porque ela sempre é construtiva.

Meu nome é Roberto Cortês, eu sou sociólogo, antropólogo do Museu Gnelde, do Belém do Pará, professor da Universidade Federal do Pará. Como eu não sou lingüista e não estudo a língua, eu usei agora, expressões da língua terena, para fazer

...mas, e aos índios aqui presentes. Eu quis dizer mais ou menos o seguinte: "tu não chegando", e aí a pessoa diz: "então chegue!". Bom, o primeiro ponto que eu gostaria de colocar, é um acontecimento novo, que está havendo e que não é específico de Roraima, embora, só agora parece que em Roraima, ele tenha começado a chegar, ou de algum tempo atrás, talvez. O acontecimento novo, é que no passado, um profissional da antropologia, ele falava pelos índios. Nós falávamos por vocês, mas agora vocês não precisam mais de nós, para falar. Vocês sabem falar e falam bem, sobretudo, quando vocês falam na própria língua. Esse é o fato, é o acontecimento recente, novo, na História do Brasil. O índio, agora, ele é um ator, um personagem político, ele fala, e vocês precisam, cada vez, falar mais. Os filhos de vocês, os netos de vocês, as gerações que vem depois de vocês. Porque diz um ditado da sabedoria popular, que cada um sabe aonde lhe aperta o sapato. Esse me parece o primeiro ponto importante, porque quando um de nós falava por vocês, no passado, porque vocês não podiam falar, aí nós eramos os gigolôs dos índios, que teria vivido às custas de vocês. Sou um profissional consciente de que eu construí a minha fama e o meu prestígio, que eu sei que eu tenho, a custa de estudar, de me dedicar às sociedades de vocês, que delas transformadas em sociedades miseráveis. Construí o meu prestígio, em cima de estudar essa miserabilidade de sociedade, sociedades de misérias, na qual vocês foram transformados. Vocês não temem o passado; vocês não renegam o passado; vocês não ocultam o passado; vocês não tem medo de falar sobre o passado. O contrário de nós, em boa parte do Brasil, em boa parcela da sociedade brasileira, as pessoas tem medo de falar sobre o passado. Elas escondem o passado. Ora, meus amigos, nós devemos temer o futuro, porque nós não sabemos como ele será, mas o passado, não há por que temer, e vocês conhecem uma parcela desse passado, que é a própria História de vocês. Aqui em Roraima, e agora eu me dirijo aos roraimenses que não são índios, há um certo temor pelo passado da História de Roraima. E vocês precisam pensar nisso. Por quê esse medo? Por quê temer? Por quê esconder, ocultar o passado de Roraima, com poucas exceções? E outro ponto que eu gostaria de falar, é o seguinte: vocês não são sociedades primitivas. Vocês nunca foram sociedades primitivas. Houve época, é verdade, que vocês foram apontados como sendo sociedades primitivas, como sendo sociedades selvagens, mas isso mudou e sobretudo, mudou na antropologia e todo o profissional sabe hoje, que vocês são, isso sim, uma sociedade igualitária, ou pelo menos, vocês eram todas sociedades igualitárias. O que eu quero dizer com isso? É que se vocês olharem a sociedade, que vocês estão chamando de sociedade "branca", que na verdade, é uma sociedade de classes, ela é uma sociedade onde vocês tem uma grande maioria, que tem pouca coisa, ou quase nada ou às vezes nada, e uma pequena minoria que tem muita coisa, onde se dá a exploração do homem pelo homem, pelo próprio homem, através do salário. Isso vocês nunca tiveram na sociedade

de vocês, e porque vocês sempre foram uma sociedade igualitária, vocês tinham a escola, que era a própria vida, essa foi sempre a grande escola de vocês. O que talvez ocorreu, é o que vocês disseram aqui, e disseram muito bem, e eu vou resumir por uma expressão: é que apareceu na vida de vocês, uma escola reacionária, se vocês não sabem, ainda, o que é isso, uma escola reacionária, eu vou explicar a vocês. É muito simples. É uma escola que é contra a liberdade, e na própria sociedade de classes, que é a sociedade onde eu nasci e da qual eu faço parte, porque não sou índio. Para cima de mim, pai, avô, bisavô, não há índio... As escolas também são, em grande parte reacionárias. São escolas que estão contra a liberdade das pessoas, que frequentam a escola. Pois bem, como vocês sempre foram uma sociedade igualitária, vocês sempre tiveram isso que vocês disseram aqui, uma cultura, diferente da nossa. E o que é essa cultura? É isso que vocês disseram aqui. Os valores, naquilo que vocês foram criados a acreditar e as crenças não é só a língua. A língua é importante, mas não é a única coisa importante numa cultura. Sem a língua, essa cultura realmente pode se perder, mas é o que está por trás, e que sustenta essa língua. E como é que é essa cultura? Vocês criaram isso que vocês falam hoje aqui, que vocês tem, com tanto orgulho, uma cultura, as tradições que vocês falaram, a língua que eu estou resumindo por idéias de crenças e valores, personagens sobre os quais, muitos de vocês nem falam mais, porque ensinaram a vocês, que esses personagens eram perigosos, que eles eram fantasmas, e que vocês não deviam mais acreditar neles. Vocês criaram essa cultura, convivendo com a natureza, em primeiro lugar, como vocês falam aqui. A cultura de vocês, não poderia ter sido criada, e ela não poderá subsistir, sem essa convivência com a natureza, que é essa terra que vocês reivindicam. Não podemos ter uma cultura solta, ela tem que estar presa à natureza, na sua relação, na sua convivência. Em segundo lugar, vocês criaram essa cultura, na relação entre vocês mesmos, na convivência entre vocês mesmos, na convivência igualitária e agora vocês estão pedindo um respeito a essa cultura, mas conscientes, segundo eu entendi, no que vocês disseram, que sem vocês terem uma parte dessa natureza, vocês não conseguirão manter essa cultura e ela não conseguirá ser respeitada. Foi assim que eu entendi, e se eu não entendi, entendi mal, depois vocês me explicam. Finalmente, eu queria colocar uma coisa, que vocês já colocaram para todos nós, afinal, quem é e quem não é índio? Se eu perguntasse agora a um roraimense, que não seja índio. A um paraense, como eu, que não sou índio. Você é o quê? Ele me diria: roraimense! Você é o quê? Ele me diria: paraense. E a mim: sou o governo | supondo, cabe só, respeitar o fato da pessoa ser roraimense, e querer continuar roraimense. Da pessoa ser paraense, e querer continuar paraense, não cabe a mim, se eu fosse o governo, dizer: Não! Você não é roraimense! Não! Você não é paraense!. Então isso vocês responderam aqui. Afinal, quem é e quem não é o hapixana? O hapixana é que vai dizer. O próprio hapixana

... dizer: Eu sou hapixana ! Quem é e quem não é macuxi ? O próprio macuxi é que vai dizer. Quem é e quem não é ingariçó ? É o próprio ingariçó que vai dizer e reivindicar o direito de ser ou não ser ingariçó, de ser ou não ser índio. E assim eu entendi, pelo que vocês disseram, que vocês gostariam de ter uma escola, que tivesse relação com a sobrevivência de vocês, e com a identidade de vocês, de índios. Isso que vocês aprenderam ao longo do tempo, que a sociedade de classes rotulou vocês, como se coloca um papel numa garrafa, numa lata, dizendo: aquilo é um guaraná, aquilo é salsicha, aquilo é sardinha. Isso aconteceu com vocês. Vocês não eram índios, no sentido de que nenhuma língua indígena tem essa palavra. O hapixana, era o hapixana. O Acariçó, era acariçó, que foi o grupo no qual eu convivi, e sobre o qual eu vou contar uma história para vocês. Mas ao longo do tempo, vocês foram chamados de índios, no sentido pejorativo da expressão, no sentido negativo, no sentido mal visto, e agora vocês chegaram e disseram: Bom, se nós somos índios, então nós temos certos direitos ! E transformaram essa palavra negativa, numapalavra positiva. Assim é que eu estou entendendo o problema de vocês. Essa história da cultura é tão importante, que eu vou contar uma história para vocês, sobre um grupo, no qual eu vivi algum tempo, quatro meses, de uma vez, próxima da fronteira do Brasil com o Suriname, no Norte do Pará, que é relacionada às crenças e valores, que vocês tem também. Uma das coisas negativas, a meu ver, mas não é a única, é relacionada com histórias dessa natureza. Certa vez eu cheguei a uma aldeia, onde havia uma missão, e eu comecei a perguntar, ao viver nessa aldeia, para alguns índios, quem era um determinado personagem. Eles riam para mim, mas não falavam. E toda vez... todo dia eu perguntava sobre isso, e aí eu fui me tornando, na aldeia, uma espécie de bobo, uma pessoa boba, que fica perguntando sobre alguma coisa, que as pessoas não acreditam mais. Aí, as crianças brincavam comigo. Quando eu entrava na aldeia, elas chamavam o nome, em vez de chamar o meu nome, chamavam o nome daquele personagem, e eu falava para os pais delas: me conta uma história sobre fulano, me conta uma história sobre ciclano... Até que um dia, um líder jovem da aldeia, ele me chamou: Venha cá ! Hoje nós vamos conversar sobre a história. Nós sentamos, ele mandou as crianças sentarem, se fez muito silêncio, aí ele contou a história que ele sabia, ou pelo menos a parcela que ele sabia sobre esse personagem. Uma história muito simples, mas ao meu ver, muito bonita! Então ele me contou o seguinte: Que no princípio, havia um único índio, ele contou a história de como apareceu a primeira mulher dessa sociedade indígena. Então ele me falou, em síntese, era isso: No início havia um único índio. Ele vivia só, não tinha aldeia, não tinha comida. Ele comia o jundó que havia no rio, e não sabia fazer roça, não plantava mandioca, etc... e um dia ele foi pescar. (E para ele mostrar a mim, que aquela história, era real para ele, que tinha importância na vida dele, ele falou que ele foi pescar, e não foi com aquele anzol metálico, que eu tinha. Esse anzol que a gente con

pra na cidade e leva para os lugares aonde a gente vai. Ele mandou um garoto apanhar, como era esse anzol. Ele foi no galho de uma árvore e trouxe, realmente um galhinho que dava uma volta, igual como é um anzol. Ele pescava assim...) ... A história é muito longa. Ele começou a pescar e não aparecia nada, apareceu algumas coisas, etc... até que num determinado momento, ele conseguiu pegar um peixe, pescou e jogou o peixe para trás, como faz um pescador. Depois ele acabou, foi procurar o peixe, não encontrou, ficou espantado, e falou: Onde é que está o peixe? aí ele ouviu aquela voz: "Ele, sou eu!" Aí, quando ele olhou, era uma mulher... Ele tinha pescado um Arapú, um peixe de nome arapú. Então ele me contando: assim surgiu a primeira mulher na nossa aldeia." Agora vejam bem: eu chego lá e conto que a primeira mulher surgiu da costela de um homem, que a Eva surgiu da costela do Adão, que é uma história horrorosa, que eu aprendi na minha sociedade. Não se trata de ser contra a religião, porque quando ele estava me contando essa história, isso fazia parte de uma coisa que ele tinha na sua sociedade dele, e que está dentro da cultura, que é também, a religião. É só isso!

Eu peço que você se identifique, que dê o nome e a sua maloca.

Eu sou o Tchawa Zildo, da Maloca Serra da Moça, da Tribo Hapirana. Eu só quero mesmo, agradecer a presença de todos os tchwawas que aqui vieram, juntamente atender a reunião da Educação, inclusive eu já ia viajar, mas como precisava de ouvir o que era que a Educação... a reunião da Educação, eu também, como Tchawa, vim participar. Eu não fui inscrito para falar, mas fui convidado para participar. Então eu só quer, que eu como índio tchwawa, da Serra da Moça, há um ano que eu trabalho, que eu vejo, que eu sinto, que a Educação, para nós, é boa. Isso por quê? Porque nos trouxe a entender melhor a sociedade. Isso porque trouxe para nós, um dia melhor, daqueles tempos passados. Nós sabemos que nos tempos passados, ninguém sabia o que era a escola. Sim, a nossa escola era o mundo em que nós vivemos, com quem nós aprendemos. Mas, depois, surgiu a escola no nosso meio, isso para podermos entrar também, na sociedade civilizada, porque nós aprendemos a ler, a escrever fazer as contas, para podermos também, ficar na sociedade da civilização, como hoje nós estamos. Alguns tchwawas não sabem ler e não sabem escrever, e mesmo, não sabe falar na língua portuguesa, só sabe falar na própria língua materna, que é o racuri, o hapirana, e outras línguas. Então, eu, como tchwawa da Serra da Moça, eu só quero mesmo, agradecer, toda a comitiva que estão aqui, os professores, coordenadores, o governador que aqui veio conosco, também, falar e falou, eu ouvi, então eu estou muito satisfeito, com aquilo que ele falou, e que eu ouvi. Então, eu acho que nós, de agora para adiante, nós temos que estar em sociedade, isto quer di

que o que nós aprendemos da escola, da educação, aquilo que nós aprendemos, a ler a escrever, a falar, a calcular, para um futuro melhor, e nós devemos estar contando com a colaboração da Secretaria da Educação e o governo, e o nosso presidente, que hoje é uma Nova República. Então nós estamos satisfeitos com esse agradecimento, que nós não tivemos, nunca tivemos esta oportunidade de falar publicamente, aquilo que nós sentimos, aquilo que nós, durante muito tempo, já vinha sentindo. Obrigado !

Continuamos esperando a colaboração de quem ainda queira fazer alguma colocação.

* Meu nome é Guiomar, eu sou antropóloga da Funai. Então, nesse debate e a algum tempo, eu acompanho o trabalho dos índios aqui no Território. Eu gostaria de colocar, apenas sintetizar determinadas coisas desse encontro. Gostaria de colocar o seguinte: eu acho que a lei é clara, que tem que ser ensino bilíngue e bi-cultural. Por quê houve essa lei, que tinha que ser ensino bilíngue e bi-cultural ? Porque as Comunidades indígenas, falando outra língua, a criança, inicialmente, ela é socializada numa língua diferente da língua nacional, a língua dela, a língua materna. Então ela tem uma percepção do mundo completamente diferente da nossa língua. Então, essa criança, aos 7 anos, ela pode saber falar uma outra língua, que seria o português, mas ela não tem uma "cosmo-visão" do nosso mundo. Ela tem a "cosmo-visão" do mundo dela. Então, quando o governo do Brasil instituiu que tinha que ser ensino bilíngue e bi-cultural, foi baseado nas realidades das comunidades indígenas, onde havia já ocorrido uma educação. Então eu acho que a lei é clara, e o que os índios vem reivindicar aqui, é simplesmente o cumprimento da lei. Agora, o que há, é que a educação, a escola, é uma faca de dois gumes, tanto na nossa sociedade, quanto numa sociedade indígena. Ela pode servir para desestruturar o homem e tornar ele simplesmente, um servil, ou para libertá-lo. A educação, em todo o mundo, sempre foi assim. A educação formal, é que eu quero dizer. Porque os índios tem uma educação, uma educação que é dada pela própria cultura. O homem tem que ser educado. Ser homem é ter uma cultura é um pressuposto, é a diferença entre o homem e o animal. É também, a diferença entre um homem e um animal, é possuir uma língua. Então a questão fundamental, que identifica um homem, é saber falar. Eu não posso pensar em homem, sem língua, sem cultura, sem os instrumentos de trabalho também. Então, eu acho que o que os índios falaram, numa forma simples, é que eles querem uma educação, para a sua libertação. Uma educação na língua indígena. Por quê tem que ser na língua indígena ? Porque as crianças só entendem, só compreendem o mundo delas. Apesar de saber falar o português, elas não tem uma visão do nosso mundo. Elas não tem a percepção do que ocorre na nossa sociedade

de. Muitas palavras que chegam, que os professores levam para a alfabetização, não tem o menor sentido na área indígena. Também eu vejo, que a educação em Roraima, não tem o menor sentido em determinadas áreas. Muitas coisas que são transmitidas para as crianças, as crianças não sabem o que é. Os livros didáticos daqui, são os livros que vem do Sul do país. É toda uma educação. Então, eu acho que o que os índios estão reivindicando aqui, é o natural. É uma escola que vise a sua libertação. Claro que os índios que estão aqui, não são os ianomamis, os wai-wais, os karupaulias, que tem pouco contato com a nossa sociedade e mantém seus padrões culturais. Então os mantêm livres. Os índios que estão aqui, são os índios que dependem da escola, que dependem da nossa sociedade e existe uma relação de dependência, entre a sociedade envolvente e as comunidades indígenas. Por quê que tem escola lá? Porque elas necessitam desse veículo, mas esse veículo até agora, foi um veículo que simplesmente aumentou a dependência. Desestruturou as comunidades indígenas, e eu acho que os tuchawas colocaram aqui, a nova escola que eles querem. Uma escola para a sua libertação. Uma escola que mantenha as tradições indígenas, que ensina a língua e depois passa para o português, e ao passar para o português, a pessoa vai ter que sair com uma profissão. Por quê a profissão hoje? Por quê eles falam em profissão? Porque hoje eles precisam de determinados conhecimentos da nossa sociedade e não ficar mais...por quê ele precisa ser carpinteiro? Porque ele não precisa mais ficar dependendo de vir a Boa Vista comprar uma cadeira, ou adquirir com um fazendeiro. Ele pode se libertar. Ele pode construir. Ele tem um instrumental na mão, que vai ser dado pela escola. Então, eu acho que essa questão... eu acho que a Secretaria de Educação, tem que pensar bastante. A nova educação, a nova escola, é uma escola que vise integrar o homem como um todo, e não para desestruturar, que até agora foi o que se viu na escola da Secretaria da Educação. Ela simplesmente serviu para desestruturar ainda mais as comunidades indígenas. Serviu para transformar o índio numa mão-de-obra não qualificada, numa mão-de-obra qualificada, para vir para a cidade. Os índios da Baraco, que tem a 8ª série e os índios da Raposa, que também tem a 8ª série e outros lugares, o que ocorre? Ao chegar na 8ª, eles não querem mais pegar no cabo da enxada... porque até a 8ª série, os professores ensinaram a ler e escrever, para eles serem, ou virem para a cidade. Mas ao vir para a cidade, eles não vão ser burocratas no serviço público de Boa Vista. Eles vão exercer as piores funções. Eles vão ser o que? Vão ser um pária aqui nessa sociedade, nessa cidade, e é isso que está ocorrendo. Então eu acho que a questão, ao longo deste debate, ficou bem clara... é uma escola para a libertação dos índios, que eles querem. Uma escola bilíngue! Porquê que tem que ser bilíngue? Porque, digo, para ensinar as tradições, porque as crianças, elas só tem condições de ler e serem alfabetizadas na sua língua, pela percepção do seu mundo.

Tem uma outra coisa que eu queria colocar: essa escola, ela não tem que aumentar a dependência. A escola, se ela serve para aumentar a dependência, ela vai desestruturar. Por isso ela tem que aproveitar tudo o que tem numa comunidade indígena. Não quer dizer que eu vou ensinar debaixo de uma árvore, mas claro, que se não tiver escola, eu posso ensinar debaixo de uma árvore. Não vai ser o ambiente que vai fazer a escola, vai ser o conteúdo. Naturalmente, se você tiver um bom material didático, é a mesma coisa, que você tem para ensinar as crianças. Assim também, se você tem merenda, se você tem outras coisas, para você dar para as crianças, mas isso não quer dizer, que a escola tem que aumentar. Então, uma escola que vise um padrão de Boa Vista, não é ideal para uma comunidade indígena. Também tem que ser feito um trabalho de conscientização nas comunidades indígenas, que a escola vise a sua libertação, e essa libertação significa ficar livre de determinadas coisas dos "brancos", ou da sociedade envolvente, que eu prefiro usar. Por exemplo, a questão do próprio índio ter uma merenda. Se fosse dado recursos, a nível comunitário, para ele plantar uma roça, fazer a comida tradicional, seria muito melhor, do que levar a merenda da escola, mas se não tem condição, leva a merenda daqui, não é uma coisa radical. Se a escola é muito grande, como temos na Raposa, há a necessidade de merendeira, mas se é uma escola pequena, que não tem necessidade de merendeira, é uma escola, às vezes numa comunidade que tem 70 habitantes, prá que que você vai colocar uma merendeira? É 70 habitantes, quantos adultos? Quantas crianças? Quais as crianças na faixa escolar? Aí você tira, na faixa escolar, quando muito tem 25 crianças, ou 20 crianças. Uma escola que tem 20 crianças, 10 crianças ou 30, ela não necessita de uma merendeira. Então tem que estudar as condições da comunidade indígena, e que essa escola, ao invés de aumentar a dependência, ela seja o inverso, ela venha a libertar os índios! É isso que eu queria falar!

Nós continuamos a pedir a colaboração do povo. Eu acho que vou começar a chamar... Eu sei que tem alguém aí que está querendo falar, e parece que agora perdeu a voz... Era você mesmo, Evaldo!

Uma boa-tarde!

Para quem não me conhece ainda

eu sou o Evaldo, trabalho na Divisão de Etnografia e Folclore do Departamento de Cultura. Teria pouca coisa a falar aqui. Eu gostei muito de ter ouvido. A Divisão em que eu trabalho, eu não vou falar em nome dela e nem em nome do Departamento de Cultura, porque não me foi dada essa incumbência. Eu vou falar como membro dessa Divisão e de uma Divisão que se viu envolvida, há um ano atrás, com a questão da educação indígena... e nessa experiência que nós tivemos, foi uma experiência bastante rápida...

Nós pudemos sentir, que há uma complexidade muito grande, para a operacionalização

que está sendo dito aqui ! É claro que é muito importante o que está acontecendo, mas o que está acontecendo ainda, exceto, o fato em si de estarmos aqui reunidos, tudo foi teorizado. Sabemos do que precisamos, agora, me parece, que como nós vamos fazer isso, é uma outra questão. Na pequena experiência que nós tivemos, em discussões sobre como modificar a escola existente na área indígena, nós percebemos que há "m" (muitas) alternativas, há muitas tentativas. Já houve muitas experiências inclusive em outras regiões do Brasil, e nós não podemos deixar de olhar para essas experiências, para enxergar, o que pode ser feito e bem feito, e o que não deve ser feito ! A Secretária falou, com muita propriedade e acertou, quando perguntou quem é que vai fazer isso ? Quem é que vai ensinar o macuxi nas escolas ? Ou quem é que vai lecionar nessa escola de formação de professores indígenas ? Quem é que vai elaborar esta cartilha ? Quem é que vai estudar a estrutura da língua, para poder passar essa língua para uma representação gráfica correta ? Então me parece, que esse é o primeiro passo, mas o segundo passo é um pouco mais difícil e muito complexo. Eu gostaria que houvesse a mesma seriedade, na continuidade desse trabalho. Como foi colocado aqui também, pelo representante da MEVA, a questão do ensino bilíngue, é uma questão que traz muitos problemas, na sua aplicação, é preciso que haja um certo sentido científico. Que haja uma seriedade científica. Não que a Ciência seja uma panacéia, para todos os males que nos afligem, ou que ela vai dar a resposta a tudo, Eu acho que, falando para os técnicos da Educação, principalmente para as pessoas da Educação, que vão tentar operacionalizar este trabalho... a Divisão, por ter sido engajada nesta discussão, por algum tempo, ela já tem algum material, que pode respaldar ou dar um embasamento para discussões sérias sobre o que pode ou não, ser feito. Sobre a maneira como se fazer. O Valdir, me lembrou bem aqui, agora, que no mês de julho desse ano, alguns índios do Brasil foram participar de uma Convenção em Genebra, na Suíça, representando os povos indígenas brasileiros, e levaram uma proposta para a Educação Indígena. Foi uma proposta feita por técnicos e por índios técnicos do IBESC, e por índios da União das Nações Indígenas. Nós temos essa proposta, que também pode servir para uma base de discussão, no que deve ser feito. O Valdir, depois, poderia falar, de como foi recebida essa proposta e até mesmo, da atuação dele lá em Genebra. Contar para a gente como foi recebida, e esta experiência dele. Eu acho, que em linhas gerais, o que eu gostaria de dizer ou de chamar a atenção, é que nós não vamos nos iludir, e pensar que vamos sair daqui, e que daqui a algum tempo, nós vamos poder ter resolvido o problema da educação indígena. A operacionalização de tudo isso, que está sendo aqui colocado, como fazer isso realmente acontecer, é muito difícil. Eu espero que tanto os técnicos da Educação, como os índios que vierem a participar dessa discussão, possam ter a mesma seriedade que estão tendo aqui agora, participando desse debate. É isso que eu queria dizer. Obrigado !

Bom, eu estou me propondo e eu estou garantindo trabalhar na nossa língua macuri. Eu sou professor da escola Índio Guilherme, na Maloca do Perdiz ... Meu nome é Abi Tobias. Sim, eu falo a minha língua macuri - (falou em sua língua) eu estou falando que estou falando a minha língua macuri e deve trabalhar nessa situação. Em, no período do ano, no ano passado, nós tivemos um trabalho, fazendo uma cartilha, como temos recebido as apostilas, que vai para a gente lê no interior, para alfabetizar as crianças. Hoje está aqui, o nosso livro feito, com a colaboração da Diocese. Feito por nós. Então, as famílias, como está colocado na cartilha da Maloca. Então mesmo assim, está a nossa, na nossa língua macuri escrita. Então já começa a trabalhar a minha língua, a própria língua escrita. Como escrever algumas palavras. Então essa aqui é a cartilha de 1ª série. Bom, aqui está também (falou em sua língua) A Nossa Língua, significa em macuri 3ª série. Então fazer ... Eu vou ler como está na gramática: Tem aqui: comparativo de igualdade, comparativo de superioridade. Comparativo de igualdade: "Eu sou bom como ele" - (em macuri). Comparativo de superioridade: eu vou ler aqui: para formar-se um comparativo de superioridade, usa-se termos ... (em macuri), geralmente o primeiro é utilizado para coisas, e o segundo, para as pessoas. "Eu sou mais bom do que ele" - (em macuri). Então aqui, já começamos a trabalhar e tem o dicionário português, em macuri como o livro, vamos dizer. Ir de lá tem, inglês de um lado e português do outro lado, para a gente entender o que está dizendo. Então assim mesmo nós temos aqui, algumas palavras. Então aqui: português, ao lado, macuri. Então assim nós estamos começando a trabalhar, então eu quero trabalhar: Eu estou me propondo e eu gosto de trabalhar. Minha finalidade é ficar nessa situação como a minha própria língua. Mesmo os meus tribais, vamos dizer, os índios. Mesmo assim, estamos prosseguindo o trabalho da nossa cultura indígena, e aqui está o livro: macuri, vamos dizer, a História, desculpe! A História antiga dos nossos índios, vamos contar. Então aqui nós pegamos as palavras em português e traduzimos em macuri. Não temos alguns livros que possam ser usados. E veria então, como estamos entrando, como estamos dizendo que está na abertura, poder fazer os trabalhos, o prosseguimento dos trabalhos, inclusive eu estou falando, junto com os senhores, que estão participando, que estão concordando, e mesmo o governador do Território, e então, estamos prontos para trabalhar nisso. Eu sou índio! Eu não passo por "índio", né? Vamos dizer, eu falo a minha língua, a minha cultura, a minha dança, a minha medicina! Eu já estou quase entrando do lado de cá. Então aqui, eu já vi o Espírito Santo. Vamos dizer então, que não deve ficar nisso. Então o que é a língua do índio. A língua. A nossa, vamos dizer, eu não sei, já vou falar aqui, as rezas. Chama-se Tarán. Tarán, tá tá, é quando a pessoa está doente, que o remédio não está funcionando, então a gente faz aquela oração no espírito, no coração, então. Isso.

aprendendo, eu tenho que cuidar das crianças também. Como devemos ficar, porque é a nossa cultura e veio do princípio. Diz aqui: eu já fui meditar também. Então aqui diz: Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem. Então diz assim: é visto que a moral e as boas maneiras constituem a mais nobre manifestação da cultura e é de ver de toão homem, acatar os princípios. Então mesmo assim essa frase está dizendo, essa lei, vamos dizer, que eu devo procurar. Que eu devo acatar os princípios dos meus avôs, do que eles me contam. Graças a Deus, o meu pai está vivo ainda e conta muitas histórias, e eu como já estudei, eu devo procurar, não deixar, porque também me serviu muito o meu estudo, vamos dizer, pela parte da civilização. Porque eu não deixei, eu quis aproveitar e então aproveitei, e estou entendendo o que está escrito na lei. Portanto, eu devo ficar na minha classe mesmo, na classe indígena. É só isso!

Eu só quero justificar um pouco. Eu também, eu não sou professor, mas eu posso ... ah! o meu nome é Terêncio, Terêncio lá de Cunaná. Lá da fronteira com a Ve nezuela. Eu estou engajado como Twhawa, para também ajudar os nossos professores. Estou procurando dar a minha colaboração, e tem as colaborações de alguns que chegaram aí, para ajudar. Eu antes, naqueles dois anos, três anos antes, eu não pensava muito de estudar a minha língua, a escrever. Mas depois eu descobri que eu sou devedor de estudar, de procurar escrever. Já que apareceu... aí então eu depois me pus a pensar. É digamos assim, será que está mesmo com a palavra do índio, está? Então agora, nes se ano, eu comecei a pensar, passar a vista. Nesse e nesses outros aí, e aí eu desco bri, mais ou menos, quase 60 por cento é errada as palavras, as formas são erradas, não é muito bem, propriamente na língua. Só que uma coisa, por exemplo, uma palavra: "quero água", então depois interpretava de outro jeito, dizendo assim: "ele quer á- gua". É um negócio assim, meio atrapalhado, aí eu fui descobrir, porque que saiu atra palhado, porque não foi o macuxi que fez. Veio uma colaboração de gente que não era. Agora eu conheço e já que é positivo para nós, que nós devemos mesmo ter na nossa es cola, então eu me errei, eu me dispus a corrigir. Esses são os meus trabalhos que eu estou fazendo nesses dias. Corrigir todas essas cartilhas, aquilo lá tudinho, e colo car dentro da minha língua. Não é dizer que eu não sei falar! Eu sei falar! Eu sou da comunidade, eu vivo no meio, e eu nasci e me criei e ainda vou morrer do meu povo, falando a minha língua. Portanto, eu colaborando com boa vontade, já estou com isso na mão e esses dias eu estou fazendo já, digamos assim, uma revisão. Acer tar tudinho, porque depois que acertarmos, aí não vai ter mais problema, porque fica tudo certo. Aí nós vamos continuar. Tornar a escrever outra vez. Fazer o mesmo livro, mas só que as palavras erradas já mudadas, colocando um rudo mais certo. Então daí, é que vai começar de verdade. Assim mesmo, já estão começando, como o professor fa-

la, que ele tem boa vontade e está começando. Muitas palavras estão erradas. Então eu estou disposto e eu garanto que o que eu estou fazendo, eu garanto de mostrar o meu trabalho que eu fiz também. Ajudar ... Eu até poderia ser um professor também, para iniciar, mas eu estou ajudando. São coisas boas que nós estamos fazendo, quando houve pergunta do rapaz, que a Secretária falou, perguntou que vocês deveriam dizer quem que seriam esses professores? Eu acho que nós não começamos a dizer, agora o professor já começou a dizer: eu! Ele já está disponível, então já tem um, mas não é só ele, nós precisamos de todas as nossas comunidades, viu tuchawas? Nós precisamos de todos. Quem deve escolher somos nós, vocês, os tuchawas de todas as comunidades e o professor, mas isso vocês deveriam pensar desde já e lançar logo a sua opinião, dizer se tem uma pessoa disponível, que tenha a boa vontade, então essa pessoa deve logo começar a dizer, dar até o nome, quem sabe. Ai então a pessoa já fica conhecendo, sabendo. Digamos assim: lá no Maturuca, já tem. Ele pode até apresentar, já tem uma pessoa disponível? Tá no jeito! Na hora em que começar ele já está aí. Digamos assim na Raposa, se tiver, a mesma coisa, já entrega na Secretaria, para ficar sabendo. No caso, se acontece no meu lugar, Cuzaná também já tem. Isso é o que nós deveríamos fazer, porque aí, já que já falamos, pedindo e nós mesmos que temos que escolher o nosso professor, para a nossa comunidade, então tem que ser escolhido por nós, pela própria comunidade. Não é isso, pessoal? Pois sim, isso é o que eu quero dizer, que nós não podemos, porque olha, toda vez que nós estamos pedindo para falar um pouco, nós estamos ainda contando os fatos, como uma coisa ... Então eu acho que agora deveria partir desde já, e em poucas palavras, mas dizer, se existe na nossa comuidade, essas pessoas, pelo menos, na minha comunidade existem algumas pessoas, que já sentem, que tem vontade. Eu estou com vontade de ensinar. Quer dizer que eu sou analfabeto na linguagem portuguesa, mas na minha linguagem, na minha matemática, própria do radio. Na minha trança, na minha dança, na minha língua, tudo, eu sou mestre! Eu já tenho a formatura disso, porque eu sei fazer tudo. Sou formado porque eu sei, né? Porque meu pai me ensinou, me ensinou a oração, ensinou a dança, me ensinou os cantos e ainda estou aprendendo, toda vez, todo mês eu estou aprendendo. Então eu já estou me informando, eu tenho para ensinar o canto. Eu seria um para ensinar o Tarém, a oração. Eu seria um para ensinar o Maruá, o Iuruá é uma oração cantada. Uma coisa assim que estou aprendendo. Eu seria um, no caso que haja, mas nós temos que começar. Quer dizer que eu já estou disponível, e tem o professor, assim também deve nascer de vocês, vir de outras comunidades. Não vão esperar que, o Tarêncio, só ele deve ensinar todo o Território, não! Vamos escolher em cada comunidade os nossos professores. Então eu estou dando uma saída para vocês. Nós estamos com um problema de escolha de nomes, que a secretária falou. Vamos dar mais ou menos o rumo, se tem ou não tem,

porque aqui nós estamos para tratar o negócio de escola, não é um problema que está acontecendo, quem que vai resolver o problema da merenda... vamos deixar de lado ainda. Merenda, lá fora, depois é que vamos acertar. Mas, agora, no momento, vamos dizer, garantir né? Na minha comunidade, já que se tem trinta famílias, que são macuréis, então dos trinta tem que ter um, né? Um macuri, que deve estar disponível. Quando voltar para as comunidades, começar a falar, encorajar mais ele e aí, com um pouco, ele começar a fazer o trabalho. Eu acho que é somente isso, só para dar uma saída, depois alguma pessoa acrescenta. Muito Obrigado!

Eu acredito que as respostas começam a aparecer... É aquela história, quando nós estivemos no Surumu, não me lembro também se foi o Terêncio, ou se foi o Neto, que colocou que quando o índio começa a falar, ele não pára para comer, porque aí ele perde a força. Vocês viram o intervalo que teve do almoço, agora é que está começando a voltar o ritmo normal. Se nós não tivéssemos parado, talvez até tivesse dado para acabar, porque a gente tinha trabalhado com mais afinco. Foi aquilo que eu disse no início... Coisas que o civilizado não sabe e que o índio sabe muito mais do que a gente, e agora o Terêncio fez aquelas colocações que a Secretária pediu, só que nós estamos pedindo isso, para ser colocado em papel, porque o "branco" é muito complicado. Ele quer tudo pronto, tudo escrito. E vamos continuar, quem ainda tem alguma coisa a colocar, para depois pararmos e voltarmos a fazer o nosso trabalho em grupo.

Meu nome é Maurício, eu até ontem era administrador da Casa do Índio. Hoje é só Maurício. Eu queria colocar aqui, para a avaliação dos senhores, quanto à educação mesmo. Diz respeito ao índio, à educação do índio, mas no sentido do "branco" ser esclarecido, sabe? Que seja nas escolas, assim também, colocado, tipo na matéria de OSPB, seja dado o Estatuto do Índio. Que a maioria da população "branca", aqui, como em todo o lugar, não conhece os direitos dos índios. Mas aqui em Roraima, é um caso muito especial, né? Roraima é quase que, agora né, antes era maior a população. Agora é quase que equilibrada. Então os filhos de todos os senhores "brancos", todos nós "brancos", eu sou caboclo, porque eu tenho sangue de índio, e todos nós brancos, eles estão convivendo com toda essa situação, com todo esse descrédito em cima do índio, com toda essa pressão enorme que eles sentem, e os filhos dos senhores estão convivendo com isso. Eu acredito que ninguém quer, assim, quer dizer, todo mundo preferiria que o seu filho vivesse num ambiente de harmonia. Então, seria uma maneira de ensinar, já que tem muitos interesses, aqui o Território e os pais não podem se deter aos filhos, no convívio com os filhos. Eu acho que eles estão recebendo

uma carga... vai, inclusive, dificultar muito, a vida do índio da-
 qui para a frente. Mas, nesse sentido, de esclarecer os pequenos e os pais também,
 porque, tem muitos meios de comunicação, rádio, televisão e sempre é pesado, o que
 sobra para a parte do índio, a História do índio, pára na Secretaria de Segurança,
 não vai para a frente. Se houvesse a possibilidade de divulgar, de promover o índio,
 se tivesse um espaço nos meios de comunicação, para esclarecer a população, porque
 Roraima, a população de Roraima, eu sinto assim, como um de fora, eu sinto que ela é
 bastante preconceituosa. Bastante mesmo, é violenta até ! Para o índio, para o es-
 trangeiro e para os de fora, que são os brasileiros de outros Estados, no meu caso.
 Eu acho que ela é bastante violenta, ela parece que esquece que Roraima também os
 nativos são só os índios, o resto também é importado. Para os índios, todo- nós so-
 mos estrangeiros. Aqui, agora está entrando a Univerdidade, está começando o pro-
 gresso, mas as pessoas vem de fora e vão formando. Era só isso !

Meu nome é Jaci, repito mais uma vez. De manhã eu apresentei alguma coisa.
 Sou da maloca do Maturuca, Jaci Oliveira da Souza. O que o nosso amigo estava apre-
 sentando, então, nós estamos atrás de organizar a nossa cultura, a nossa língua. Es-
 tudando, porque já tem alguma coisa aí, já feito. Lá no Maturuca, é pequeno o que
 nós iniciamos lá, e estamos traduzindo alguma coisa da escrita do português, em ma-
 cuxi. Então, nós achamos muito bom, e muito importante para nós, é por isso que eu
 estava dizendo de manhã, que precisamos desta organização. Agora nós ouvimos aqui
 também o nosso amigo, lendo alguma coisa. Então nós queremos reforçar mais, e esta-
 mos escrevendo, traduzindo o canto da Igreja, traduzindo outras coisas mais e vamos
 traduzir uma porção de coisas, é só que ficou parado, não fizemos bem o trabalho, por
 não foi aceito. Como eu falei de manhã. A gente começou a trabalhar assim, não,
 primeiro tem que ensinar este que está pedindo aqui, esse livro, então, nós já temos
 iniciado alguma coisa. Agora, os nossos livros, porque a gente, eu, não esperava tam-
 bém que ia participar dessa reuniãc, que eu não trouxe, mas nós temos na mão, já es-
 crito em macuxi. Também, aqueles que não entendem, e que nós vimos, aí que o nosso
 amigo Abel, leu alguma coisa para nós... então se a gente tem alguma coisa, vamos
 continuar fazendo este estudo nas escolas, porque só um lado, deixando, como falei,
 deixando a nossa língua de um lado, só querer aproveitar a língua emprestada, isso
 não está certo. Então, para nós é muito importante, nós estamos aí, como nós chama-
 mos o "branco", vocês escrevem na língua de vocês, e nós precisamos também, de escre-
 ver a nossa língua. Enviar carta para os nossos parentes pela nossa língua. Então é
 isso que nós estamos começando a pensar. Muitas vezes, se diz que o índio é burro,
 mas através de chamar de burro, o índio está também, criando a sua cabeça. Está fun-

Acervo ISA

cionando a sua cabeça. Se não fosse isso, ele não tinha traduzido a língua portugue-
sa em macuxi, por escrito, mas ele é inteligente, então ele está começando a fazer...
É isso que nós estamos pedindo, para que funcione logo esta escola. Aonde existe a
escola, na maloca, tem que ser professor índio, daí um se comprometeu para fazer o
trabalho.. A gente espera que tudo tem que ser acerto. Aqui em Roraima, tem que ser
todo mundo, o povo indígena, ter a sua escola, ensinando a sua língua e traduzindo
uma porção de coisa escrita em português para o macuxi. É só isso !

Eu me chamo Valdir Tobias, representante da UNI- União das Nações Indígenas,
aqui do Território de Roraima. Sobre o rapaz que falou que eu pudesse colocar alguma
coisa, que eu fiz uma viagem para Genebra, na Suíça, representando os índios aqui do
Brasil. Não só daqui do Território de Roraima, mas representando os que estão sendo
relacionados 180 nações indígenas daqui do Brasil. A minha viagem até lá, foi óti-
ma. Eu fui bem recebido e fomos tratar na ONU, na Organização das Nações Unidas, to-
dos os representantes, de todos os países das Nações Indígenas. A oportunidade de
um macuxi, que nem como eu, Valdir, para chegar até lá, representar o que nós aqui,
os índios de Roraima, estamos querendo. Foi relatado os mesmos problemas, o que a
gente está querendo conseguir, de hoje em diante. Sobre a Organização dos Direitos
Humanos dos Povos Indígenas do Brasil. É só até aí, eu vou me despedir. Obrigado !

Eu, sou Clóvis Ambrósio, T'chawa da Maloca da T'bos Lascada, distante daqui
há trinta quilômetros. Creio que muitos daqui, conhecem como é lá, a nossa situação.
Muitos professores já chegaram até lá, e nós temos aqui, quase todos os professores
já chegaram até a nossa aldeia, e viram de perto como é a nossa situação. O que nós
falamos, em relação à escola. Para nós montar essa escola, bilíngue, como se diz,
como fala a Guiomar, para a libertação dos índios, é preciso que nós, índios, nos ma-
nifestemos junto com aquelas pessoas que são capacitadas, para que a nossa língua se-
ja captada, para que ela seja traduzida em português. Para que ela seja traduzida
em português na nossa língua, para sair bem correta, para que ela não tenha a sofrer
mais tarde, uma consequência, de não poder mais continuar, chegar ao fim. Então por
isso nós precisamos desses professores linguístas, que saibam bem a gramática da lín-
gua portuguesa, para que seja traduzida na nossa língua. Então, para isso nós temos
pessoas. Nós temos professores jovens, que são forçados, que sabem falar a língua
própria deles. o hapixana. Nós temos velhos, de quem nós podemos colher muitos da-
dos também, que seja legal para desenvolver um trabalho em nossa comunidade. Então
isso, eu diria assim, para os senhores, que é bastante importante para nós, porque

materiais escolhidos, mas achamos que não é suficiente para desenvolver um
 trabalho desde a 1ª série até a 8ª série, na nossa própria língua, porque mais tarde
 vai cair em decadência, não vai ter continuidade e vai parar ali, e vai acabar nova-
 mente. Por isso nós queremos, que se modificar os colégios das áreas indígenas, que
 é preciso que nós tenhamos estruturas suficientes, para continuar até o final do mun-
 do, talvez. Então, eu quero dizer com isso, também, com relação à escola, que se diz
 merenda, ou merendeira, é que nós que moramos nas malocas. Moramos mais distante,
 mandamos os nossos filhos para o colégio, às vezes, conforme falou o cidadão, que caiu
 a filha, por falta de comida, mas é a falta de merendeira, em primeiro lugar, porque
 há pessoas que dizem que não é necessário, mas da minha parte eu digo que é necessá-
 rio, porque nós, que trabalhamos às dias na roça, vamos dizer, a mulher vai fazer fa-
 rinha, o homem vai capinar, no outro dia ele vai caçar, outro dia vai fazer não sei
 o que. Então, todos os dias temos o que fazer, então, por quê que não temos o direi-
 to de ter uma merendeira, nomeada pelo governo ou pela Funai, para fazer esse traba-
 lho para a gente, conforme propôs a dona Valu, que disse que poderia ser um grupo pa-
 ra cozinhar, mas todos os dias, lá na nossa casa, as meninas aprendem a fazer a nos-
 sa Damurida, que é a nossa comida original, a Damurida. Todos os dias, então aquilo
 é do dia a dia. Então alguém falou, então deve ter a merenda adequada para os índios
 do dia a dia, mas aonde os índios vão adquirir? Esse tipo de comida, para todo o dia
 levar para o colégio? Que o índio não tem biscoito, o índio não tem ... O biscoito
 dele é bijú, é a farinha, é um peixe cozido, é um peixe na Damurida, é um jacaré assa-
 do, assim, o índio não tem! Hoje, pior que está a situação ainda, que nós não temos
 mais para aonde correr... vamos buscar que lá tem muito. Já estamos todos arrodoados
 Então, queremos dizer, queremos se salvar por essa parte, nesse sentido, de que nós
 estamos encurralados. Não temos para onde pular. Não temos que esperar mais caça che-
 gar para a nossa mata, porque já está tudo cercado. Então, nesse ponto, eu digo que
 ou melhor, eu digo aos senhores, que é preciso que o próprio governo, que já montou
 essa escola dentro das comunidades indígenas, olhe também essa parte. Nessa parte de
 ter uma pessoa paga para fazer um determinado trabalho, para que não envolva a nossa
 comunidade, para que não envolva a nossa família, pois a nossa família é envolvida
 nos trabalhos do dia a dia. Nós temos também... Eu vou pular um pouco do assunto..
 Há entidades que quase agredem as malocas, quero dizer, como nós temos a Aster, nós
 temos o Nobral, que vão mobilizando as coisas lá dentro, assim fundando, um coisinha
 que depois vai surgir uma série de preocupação, depois é o índio. Criar clube de Mães
 que o índio não sabe nem o que que é isso. Criar mais não sei que mais, quer dizer,
 criar uma série de dependências para o índio lá dentro. O índio aceita sem saber pa-
 ra que... e depois... como é que vão viver? Viver zangado um com o outro, porque um
 pegou mais, outro pegou menos, o outro não sabe lidar com aquilo, quer dizer que sur-

ge uma série de brigas. Então é preciso, que nós, índios e o órgão que cuida do índio, tenha também presença direta dentro da própria comunidade indígena. Não através de, convênio... Não é através de mandar outras pessoas, que não tem nada que ver com a comunidade indígena. Vão lá apenas, porque tem um convênio assinado... vão só visitar algumas vezes. Então, isso, nós precisamos de reconhecer e o próprio órgão tutelar dos índios, deve levar o trabalho avante, mais com a sua própria presença. Também nós temos, alguma coisa que apresentar, no caso, como a justificativa de que essas coisas são negativas, são as próprias presenças dos visitantes dentro. Os próprios técnicos que mudam o trabalho lá dentro, depois diz que não prestou. Não prestou porque não é do gosto do índio. Não é o que o índio quis, é do que eles querem impôr para lá. Como se diz, há uma discriminação de merendas para as comunidades indígenas e as comunidades rurais, que pertencem aos municípios, pessoas brancas, então são escolhidas. Vai uma coisa que é bem do gosto, aceito pelos filhos lá das pessoas, e ao índio vai aquilo que já está enfeitado. O biscoito já está furado, o leite já está dando bicho, o pão já está tudo bichado, então, consta essas coisas. Por onde eu andei, por essas escolas, e perguntei como é que é a situação, então a situação que eu conto é essa, e se me contaram, e se for mentira, a culpa não é minha, é porque as próprias pessoas da comunidade me falaram essa parte. É só isso. Obrigado!

(... houve um corte no início da colocação do twhawa ...)

... Isso aí que o twhawa está falando, sobre o estudo, sobre o grau de estudo, eu levo ao conhecimento que o estudo da língua indígena; Nós estávamos falando dos livros feitos, ainda no início, eu quero que os senhores entendam que, na língua portuguesa, eu acredito, que logo no início do estudo da língua portuguesa, começou desse jeito, do jeito que nós estamos querendo implantar... Foi difícil. Porque nós temos dicionários portugueses, e não é todos que falam a palavra que combina, com aquelas palavras. Eu fico certo de dizer que o dicionário passou muito tempo para ser feito, uma língua gramatical. Então a nossa língua também, macuxi e hapixana, nós podemos fazer também assim. Logo no início, tem várias palavras erradas, como diz o twhawa Terêncio, então nós vamos corrigindo, corrigindo e corrigindo até colocar na posição da palavra certa, mas no início, nós já temos livros, a língua macuxi traduzida. Com tudo isso, a oração, a reza, a Bíblia, inclusive, nós já temos a Bíblia macuxi traduzida. Então isso pode ajudar, pode nos ajudar. Mas eu quero dizer que não tem livros, mas o livro vem da nossa tradição, dependendo do nosso esforço,. Então a série, a língua macuxi e a tradição de índio, não tem série, quer dizer, não tem 1ª série, não tem 2ª série, não tem 3ª série, não tem. O que vale, é que o índio precisa fazer toda a cultura. Eu não sei

se eu estou falando, assim, fora, mas para mim, o valor que o índio tem, é de fazer to das essas coisas que se deve fazer, que tenha proveito: a trança, a reza, o canto, a caça... Eu acredito que todos nós, os civilizados também, chega na altitude maior, fazendo aquelas coisas que se pode fazer. Quero dizer assim, uma professora, um advogado chega num grau mais elevado, porque ele sabe aconselhar, ele sabe ensinar a pessoa. Então, eles chegam ao grau de ensinar e reprender. O índio também tem isso. Se ele sabe toda a reza, se ele sabe pescar, trançar... então ele já sabe ensinar também aos outros. Ele já tem um grau. Eu digo assim: o estudo da língua macuxi, não tem série, como, a não ser que invente, eu posso dizer... invente né? Se souber trançar, se já sabe pescar, se já sabe rezar ou se já sabe tratar... Vamos dizer, em primeiro lugar, o índio, como nós, começou a rezar por uma pessoa doente, então vamos dizer que ele já está tirando um diploma de doutor. Já chegou no que ele quer. Eu posso dizer assim, que o professor, nós já estamos falando do professor, na formação do professor, ele que chegue a aquele grau que não tem mais nada o que fazer, porque o índio tem até um certo tempo. Não passa mais do que isso. O que é importante para nós, é a nossa tradição, a nossa língua, falar, traduzir, e isso também, eu tenho certeza que tem um brasileiro, no Brasil, que trabalha nisso: traduzindo uma língua para outra. Nós índios também podemos encontrar uma pessoa, que através do nosso estudo na nossa língua, lendo e escrevendo claramente, gramaticamente, para mais tarde nós termos dicionários, nós termos um livro com as palavras certas. Eu acredito que era isso, só queria dar a resposta ao tchawa sobre isso. Eu acho que não tem série, para mim não tem série, o que é importante é ele chegar a saber fazer toda a nossa cultura, a nossa tradição. Eu não me comprometi, mas eu digo assim, que eu também poderia ajudar na minha língua. Basta para nós, ler e escrever e já nós podemos traduzir na nossa língua. A nossa língua usa quase as mesmas ... A minha língua é a hapixana! Então ela usa a mesma letra da língua macuxi, mas por aí a gente pode conseguir os nossos livros hapixanas. Esqueci de falar o meu nome. O meu nome é João Batista da Silva, da Maloca Pedra Branca.

Com relação aos professores de idioma indígena, artesanato indígena, houve um senhor, que parece, se eu não me atrapalhei, cuvi mal, me parece que ele falou que era difícil. Eu digo o contrário: sim, pode ser difícil por parte de, digamos assim, que quanto à língua, o nosso idioma, nós temos pessoas, professores formados, que é o nosso pai, os nossos pais, são os nossos avós. Para mim eu considero os verdadeiros professores. Só que por motivo, do assunto que já foi relatado, pela parte da manhã, até agora, há poucos minutos, houve esse atrapalho de nossos pais não nos ensinar, a nossa língua. Quanto ao professor para o artesanato, fica difícil por uma parte,

porque existem pessoas que nem todos os artesanatos ele faz, como o jepeti, a panela o jamaqui, a daruana, a cesta . Eu conheço na minha maloca, existe uma pessoa que faz esse tipo de trança, menos o cesto, o balaios, como chama... como nós conhecemos lá, que é feito da palha do Arumã. Eu acho um pouco difícil, mas gostaria de saber, como ficaria a situação de, digamos assim, de salário, quanto a esses professores das nossas comunidades, que vão assumir esta responsabilidade. Porque, digamos assim, quando existe na minha maloca, um velho de 65 anos, que me parece que na Constituição Brasileira, não é mais capaz de assumir um emprego... Tá difícil, não sei... Quando ele não assina o nome, para adquirir, mesmo que isso aconteça, quando ele não assina o nome, para receber esse dinheiro, como é que vai ser ? Me parece que numa hora eu disse que não era difícil, mas ao mesmo tempo, tem essa dificuldade . É só isso mesmo que eu tenho a reforçar, quanto aos nossos professores, do nosso idioma e do nosso artesanato. Gostaria só de dar um adiantamento aqui, a respeito do que o nosso amigo, o Tchawa Clóvis, da Táboa Lascada, a respeito das cursos que é chegado às nossas malocas, quando, eu até mesmo considero, que as pessoas obrigam a nós aceitarmos. É preciso que isso aí, também está dentro daquelas coisas que foram ditas atrás, é nos obrigando, mas nós temos de hoje para adiante , nós temos que aprender a dizer não ! Não, quando é necessário, e sim, quando é necessário, porque aí, pelo que eu vejo, é sempre vem obrigando a fazer aquilo que a gente não aceita. Então, assim eu tenho dito e o senhor Santoris me pediu,.. O senhor Santoris me pediu que eu desse por encerrado, aqui, o debate ...

Antes de encerrarmos, eu queria fazer uma breve colocação. Em primeiro lugar, eu gostei demais do protesto, com relação ao que fiz referência, a respeito da merenda. Eu acho que quem tem o direito de contestar, é o próprio índio. É que daqui vai sair o pensamento. Não temos nada pronto, daqui vai sair esta proposta, que é para uma vida, porque educação é um tanto "volga" (?); Educação é um processo contínuo. Bom, eu simplesmente deixo um questionamento, gostaria de deixar um questionamento aqui: Qual é a finalidade da escola ? Isso eu questiono, em termos de educação para "brancos". Educação para a sociedade de classes. Qual é a finalidade da escola ? Eu vejo a escola, como um lugar onde a gente aprenda de tudo, onde a gente aprenda a se defender na vida, a crescer como pessoas, a crescer fisicamente e a crescer em termos de mentalidade, de realização. Eu não sei, eu vejo essa escola, em termos de crescimento para a comunidade indígena. Eu não sei como que nós temos que chegar lá, mas, sabe, eu não sei como que vocês querem, como é o processo, mas eu acho que todos nós, com a mesma preocupação, nós podemos chegar. Eu não sei como fazer uma

escola de índio, de repente. Se índio nunca precisou de escola, né? Nós vemos isonomamis, nós vemos tribos que não existe escola formal, não tem escola formal, não precisa de escola. A escola é a vida, a experiência do mais velho, que vai passando, a tradição. Agora, de repente, a civilização entrou, a aculturação é inevitável, então nós temos que descobrir essa escola. É inevitável, o índio está em contato direto com a sociedade de classe. Sem dúvida, esse índio não só precisa da escola, que seria de características indígenas, valorizando a pesca, valorizando a caça, valorizando fazer artesanato, valorizando a trança, etc, mas ele também precisa aprender o português, ele também precisa aprender a matemática, porque principalmente vocês, que vêm aqui na feira, e fazem negócios com o branco. Então precisam saber fazer contas, precisam não se deixar ser logrados pelo branco. Precisa saber fazer o troco direitinho. Então, todas essas coisas, precisam ser aprendidas. Como fazer essa escola, com relação à cultura de vocês e com relação à cultura do próprio branco, que é inevitável, principalmente para vocês. Bom, a resposta nós não temos pronta, porque a verdade que nem o próprio índio sabe, como fazer a escola do índio, porque o índio nunca teve escola! Eu já falei isso e estou repetindo novamente. Gente, nós vamos encerrar o nosso trabalho, eu vou passar para o Santoris, que é o coordenador desse trabalho. Eu acho que foi, assim, motivo de grande satisfação para nós, vê-los todos reunidos aqui. A representação dessas 43 comunidades indígenas, que aqui vieram. Nós pedimos desculpas de todas as nossas falhas, foi um primeiro dia, uma primeira experiência... Nunca tivemos experiência em debates. Nós agradecemos a presença de todos os representantes das malocas.

Colocação da psicóloga Elza Carletto ...

Eu queria só perguntar uma coisa, de todo o trabalho que foi desenvolvido aqui hoje, vai ser tirado algum documento?

Olha, nós já temos uma equipe formada, e todo esse trabalho está sendo gravado aqui, para trabalharmos em cima da construção disso, da transcrição disso, se por via das dúvidas, alguma coisa está sendo passada aqui, porque nós temos as garotas aqui na frente, que estão resumindo, sintetizando tudo isso, para elaborarmos um único documento, que chegará nas mãos do senhor presidente da República, no dia 12 de outubro. Não só a proposta da área indígena, mas da área rural, que vai continuar amanhã e da área urbana, que começa também, às 17 horas, amanhã.

Então eu queria saber também, se depois que o documento estiver pronto, se a gente pode, tem o direito de rever o documento

transcrito ?

- Olha, isso, nós temos essa pretensão. Já estudamos, já pensamos, em termos do retorno à comunidade, daquilo que foi proposto, e que pensamos e queremos fazer isso, sem dúvida, antes do dia 12 de outubro.

- Sim, mas não só a comunidade indígena, nós também podemos ver ?

- Com licença (Luiza Carmen, do Museu Integrado), um minutinho. Além da sua equipe formada, com os membros da educação, parte também interessada, vai fazer parte a comunidade indígena. Ou seja, a sua representatividade, através dos tw-chawas.

- Mas eu volto a insistir, porque eu queria saber se esse documento vai ser publica do aqui em Roraima, se nós vamos poder ver este documento, antes dele ser entregue, independente de nós sermos da comunidade indígena, ou não ?

- Olha, eu não sei até que ponto, toda a sociedade da Roraima, teria inte resse como você está tendo. Eu estou assim, satisfeitiíssima de ver o teu interesse, nós gostaríamos que todos cobrassem da gente, este documento. A elaboração disso fei to. Eu não sei como nós levaríamos isso, você poderia dar até sugestão, a nível da sociedade roraimense, que estão preocupados com os problemas deles, porque amanhã vi rá o problema da área rural e da área urbana, e nós temos que levar um retorno da sua realidade, a eles, entende ? Então, é nossa preocupação como levar às comunidades indígenas. Agora, aos interessados pela causa indígena, eu não tenho dúvida, a nível do departamento de Cultura, eu acho que nós podemos recebê-los. Vocês estando lá. A nível de Museu. Nós estamos aí, com uma equipe, preocupada com isso.

- Sabe, nas escolas a gente acha interessante receber este documento nas nossas esco las, tendo em vista, que as escolas ficaram impossibilitadas de participarem direta mente do evento hoje. Então a gente gostaria que fosse encaminhado para as escolas, porque é uma forma da gente colocar, não só a escola, mas também, a comunidade, ao par do aconteceu aqui hoje, e principalmente, rever este documento.

- Olha, outra coisa que eu gostaria de colocar, que este material de deba te, que está acontecendo hoje e vai acontecer amanhã, vai ser subsídio para a elabora ção da proposta, do plano de educação do Território, desses dois anos. Eu acho que esse documento, toda a sociedade vai ter acesso, certo ? Vai chegar a nível de es cola. Com relação à educação indígena, a nível de proposta, nunca houve qualquer re lação, qualquer mencionamento, etc. Eu passo a palavra para a Maria Antônia, que ela poderá fazer um melhor esclarecimento.

- Eu diria que no documento vai ser elaborado, em termos de Secretaria de

Educação, o retrato da comunidade, a educação, digo, a situação indígena, terá o seu destaque. Agora, é claro que o documento, será uma síntese e essa síntese será devolvida à toda a comunidade e à toda a escola, mas independente da síntese, na Secretaria de Educação, deverá ser formado um grupo, que tratará especificamente deste tema. Então, a esse grupo será entregue um documento completo, de todas as reivindicações, onde poderá ter continuidade o trabalho hoje iniciado, e que realmente, na soma de esforços, de vocês da comunidade indígena, da Secretaria de Educação e da Funai, a gente espera alcançar o que a gente se propõe hoje. Então, nós, Secretaria de Educação e vocês, que são as pessoas da comunidade, que hoje assumem esta responsabilidade, junto conosco. Então, eu vejo que nós, Secretaria e Funai, porque se um órgão assumir sozinho, o outro não executa, é preciso que haja a soma de esforços. Com a soma de esforços a gente pode atingir o nosso objetivo.

- Parece que eu não me fiz entender muito bem. A minha preocupação, é basicamente saber, se antes de o documento ser encaminhado à Brasília, se nós, enquanto pessoas, educadores, enquanto moradores de Roraima, se vamos poder tomar conhecimento desse documento, antes de ele ser encaminhado à Brasília. É só isso que eu queria saber...

- O encaminhamento aos setores que hoje participam, ele será encaminhado. Agora, se tiver condições de em tempo ábil, ao receber, encaminharem as propostas de reformulação, porque nós temos a data de 12 de outubro, para apresentar este documento no Ministério da Educação, em Brasília. O prazo é pequeno, mas será bem divulgado. Encaminhado às instituições, publicado o documento em jornal, então, se as instituições nos acompanharem nesse trabalho, nós podemos manter esse debate em reformulação. Então a gente espera que exista a comissão e o retorno, a crítica, para a melhoria. Agora, eu não posso dizer, porque a gente tem também que cumprir um prazo. Depende do período que as pessoas darão essas informações, esse retorno. Então, a medida que o documento for elaborado, ele vai sendo divulgado, e as pessoas podem nos procurar.

- Era só isso, Obrigada.

(Esse debate envolveu a psicóloga Elza Carletto, a professora Malu e a professora Maria Antônia.

Colocação do Padre Pedro:

Eu queria pedir assim, nas portas dos pát, uma perguntazinha, a respeito da divulgação do documento, que a professora está pedindo lá. Da

aco que é bom, por enquanto não... opinião minha ... não fazer o passo maior que a perna. Não vamos nos queimar, por um sentido muito claro, aquele que falou, o Maurício, fez uma colocação neste microfone, sobre a disposição psicológica do pessoal. Agora, nós ficamos realmente admirados do caminho bonito, que a Secretaria está fazendo a respeito, mas eu acredito que, é bom não se iludir e ir correndo demais. Eu acho que a proposta da Maria Antônia, quem está interessado que procure o documento, agora, uma certa divulgação seria boa, mas eu gostaria que fosse os twchawas, eles, a dizerem, como, que grau de divulgação deveria haver, porque pode ser que é melhor que alguns ambientes, que não merecem, o documento não chegue, mas é a minha opinião. Seria bom perguntar ao twchawas, o que eles acham da divulgação desse documento, porque este é um dia sofrido de construção, quando a senhora, nós vamos dar este documento na mão de gente que não participou e nem viu, é uma síntese, então vai haver, vai acontecer alguma coisa não claro, é a mesma coisa que ver uma síntese de alguma coisa que não viu inteiro. É a opinião minha, quer dizer, eu vou perguntar aos twchawas que grau de divulgação esse documento deveria ter? Porque não deve colocar coisa na mão de gente que não participou, não viu, não se entende, não tem nem intenção de entender, nem tem vontade de explicar e de procurar uma solução de paz e de afinidade a respeito disso.

(colocação do senhor Adolfo)

Eu queria fazer uma ou duas colocações. Eu creio que o dia de hoje, é um dia de vitória. Há um dizer popular, que nada se faz de uma hora para outra. A gente não muda a idéia, de um momento para o outro. Nós estamos iniciando um processo juntos. A gente se encontrou aqui, para iniciarmos uma caminhada. Eu acho, que nem convém, realmente, a gente iniciar correndo demais, quando as pernas ainda não ajudam. Então, eu creio assim, que esse é o primeiro aspecto. A gente acredita que as coisas mudam, mas a gente acredita que não muda de uma hora para outra, mas a gente acredita também, que é preciso gritar, para que mude, senão não muda. A gente está aqui, para iniciar alguma coisa para mudar, para a gente se desenvolver, e se a coisa veio se preparando aos poucos, eu acho que é bom a gente, também, ir caminhando aos poucos. Realmente vai sair uma síntese, agora eu acho que hoje, é um evento. O processo se faz no dia a dia. Convém não esquecer isso, este é um evento importante, mas a renovação, ela se faz no dia a dia, então é necessário a gente continuar.

...ando o pensamento do Adolfo,...(houve uma interrupção na co-
locação de... autoris, pelo Maurício, ex-administrador da Casa do Índio, que
estava pedindo informações sobre o nome e função do senhor Adolfo...)

Colocação de um índio tuchawa:

Se me permitam falar aos meus companheiros,
agora, que nós estamos aqui, porque a menina ali perguntou, e eu não conheço bem ela
eu não tenho muito bem conhecimento, mas eu não sei se ela é professora, diretora,
supervisora, não sei o que ela é... Então, pelo intermédio dela, o padre foi e fa-
lou umapalavra ... ele perguntando também e dizendo a mesma resposta: Que adianta
de uma coisa, que nós estamos realizando, o qual nós estamos participando dessa con-
versa, dessa leitura, o qual foi traduzido na nossa língua portuguesa, foi escrita.
Então; não vai ser dado àquelas pessoas que não sabe, que não sabe ler, que não sabe
destrinchar. Então é para isso mesmo que nós estamos aqui, para realizar, contar re-
almente o que nós estamos sentindo. Como as diversas malocas tem alunos que não é
professor. Eu não sou professor, mas eu tenho estudo, se por acaso, acontecer de vo-
cê me escolherem para ser adotado o professor de ensino português, na língua macuxi
e hapixana, eu sou um também. Então é para isso que ele lá falou, o padre falou.
Não adianta também, vai ser muito, vai ser traduzida muito, ela vai ser adotada aqui.
Ela perguntou se vai ser...feito, realizado, entregue aqui na cidade. Vai ser entre-
gue e muito vai ser visto, muitos vão ver, muitos vão ler, de fato, vai ser levado
em Brasília, vai ser trazido de volta, mas quando chegar aqui, vai ser traduzido, en-
tão, imediatamente, nós temos os nossos coordenadores dos índios. Nós temos o nos-
so coordenador do índio. Nós temos o nosso coordenador, o qual foi eleito não pela
civilização, ele não foi eleito pelos brancos, ele foi eleito pelos companheiros, pe-
los nossos parentes, que aqui é o nosso coordenador do índio, o qual está coordenan-
do neste momento. Então, quando for, quando chegar este livro, que é adotado, que
for destrinchado, procura, como a coordenadora me falou. É assim que nós queremos.
Então procura em cada maloca, quem é que sabe ler e escrever, às vezes não é profes-
sor, tem primeiro grau, mas não é professor.

Eu só gostaria de colocar uma coisa: o que a professora colocou lá, foi a
respeito da divulgação do documento que vai sair daqui, a respeito da divulgação do
documento que vai sair daqui, sabe? A respeito do documento que vai sair daqui.
Tudo aquilo que vocês pediram, se é só vocês das comunidades que vão ter acesso, que
vão saber, daquilo que nós vamos mandar para o presidente da República, para o Minis-
tério de Educação, se a sociedade de classes, se o branco, também vai ter acesso ao

documento. Era essa a nossa discussão, entender? Então, já que o senhor está aqui no microfone, o senhor poderia dar a sua opinião agora. O que o senhor acha? Que proposta, eu não sei, a nosso ver nós vemos nisso daqui, é importante que ele aconteça, não é que seja uma divulgação antes do acontecimento. Não ao seu ver, já que o senhor está aqui diante do microfone, pode fazer uma colocação.

- Ela vai ser feita, ela vai adotada. Então vai ser feito esse documento. Ela perguntou se vai ser feito, e nós vamos, vai ser feito daqui, no qual estamos neste local. Vai ser feito este documento e nós vamos ver, como ela perguntou, se nós vamos ver. Nós vamos ver sim! Então, esse documento que vai ser realizado aqui, se vai ser feito aqui, se vai sair algum documento daqui, então ela quer ver... ela quer ler... ela quer entender, mas é pouco explicado lendo. Concorda ou não concorda? Então é isso que ela queria perguntar. Ela perguntou, se não engano, três vezes. Ela queria saber se ia sair um documento daqui e se ia chegar na mão dela... Concorda comigo? Muito obrigado! Muito Obrigado meus companheiros, desculpe ter interrompido o nosso companheiro de luta.

Olha, nós discutimos desde manhã, sobre a nossa língua. Eu acho que falamos sobre respeito... mas ninguém quer mais respeitar. Estavam discutindo aqui dentro da classe, sem ter mais conhecimento com nada. Então eu não estou achando isso de acordo, se vamos finalizar... ou chegar ao fim... vamos chegar no ponto seguro, que isso aí... eu acho que já estamos desacreditando do que foi debatido hoje! Então, isso aí, ficamos discutindo pessoalmente um com o outro assim, assim não dá certo! Eu quero a finalização deste final dos nossos trabalhos! Queremos chegar ao ponto, é só isso e muito Obrigado! - (essa foi a colocação do Tchawa Neto).

Voltando àquele ponto colocado pelo padre Pedro: Não vamos dar um passo além das nossas possibilidades. Vamos procurar colher aquilo que nós conseguimos hoje. Nós sentimos a disposição da Secretaria de Educação. Nós sentimos o pensamento do governador na viva voz. Nós temos alguma coisa já conquistada, vamos cultivar esta planta e não deixar que ela morra. Quando ela tiver raízes profundas, que tenha condição de andar sozinha, vamos tentar fazer outra coisa, não vamos tentar ampliar, ou plantar mais árvores, do que aquilo que a gente tem condição de irrigar. Aquilo que nós queremos, foi dito hoje aqui. Está feito um documento? Não! Claro que não! Aconteceram erros? Graças a Deus aconteceu! Provando que nós somos deficientes, nós somos seres humanos. Tem material didático para oferecer? Claro que tem, vocês viram os professores, vocês viram os técnicos da NEVA, dizendo que têm trabalhos publicados para ofer-

Vamos juntar esforços. Vamos nos unir e cultivar esta árvore pequena. Esse processo que se inicia, é um processo dinâmico, que precisa ser levado, inicialmente à Brasília, no dia 12. Mas isso aí não é o fim, é apenas uma parte do processo. Depois ele vai aparecer num plano de educação e quem sabe, ele vai fazer parte também da Constituinte, que vai se instalar a partir de 1.986. A educação indígena, na nossa Constituição, inexistente. Inexistente porque aquilo que falam, é uma educação para domestizar o índio. Para ouvir o índio, para trabalhar para o branco, e aquilo que se propõe, é uma independência do índio, para ele ser índio na sua comunidade. Para ele ser gente. Como nós queremos também, sermos gente, para ele não ser mais explorado por aqueles que chegam, ou por aqueles que entendem que o índio é um ser inferior. Vamos com calma minha gente, porque as reações vão vir. Claro que tem gente que vai se ferir com isso. Tem gente que não vai gostar. Claro que vai acontecer. Por quê? Porque vai acabar uma série de privilégios, de uma sociedade que só viveu explorando os índios e essas forças vão reagir, e talvez até que elas tenham até muito mais força, do que aquela que a gente pensa. Outra coisa que eu queria colocar. É preciso que fique muito claro, que escola para índio, tem um conteúdo diferente. A educação para o índio, é voltada para o prazer. Não é como a escola do branco, que visa sempre o crescimento econômico, e aquela ambição normal. O índio não tem ambição. O índio vive com aquilo que ele ganha no dia. Se ele pega um peixe grande, ele vai comer aquele peixe até ele terminar de consumir; O branco não, o branco vai vender para ganhar dinheiro. O índio não tem essa ambição. Ele quer apenas sobreviver. Agora, sobreviver, não quer dizer passar fome. Sobreviver não quer dizer ser explorado pelo branco, pois ele quer sobreviver condignamente como ser humano, e é um direito que lhe assiste, e isso é que sempre foi negado para ele e essa escola o que vai trazer é isso. Essa independência de ele dizer não ao branco, porque ele tem condições de sobreviver, em igualdade com o branco.

Nós agora pedimos e convidamos a comunidade, para, a pedido da Secretária, deixar gravado algum canto, que seja religioso ou não... Que seja macuxi ou hapixana, e o Terêncio vai fazer as devidas convocações. O nosso maestro.

(Essas colocações foram feitas pelo senhor Santoris.)

A apresentação dos cantos e rezas, ficaram por conta do Trohawa Terêncio:
Eu quero chamar o... Bom, agora eu quero todos em pé, porque nós estamos terminando, então vamos terminar com um canto indígena. Um canto de dança de uma festa, né? Dito esse canto, é um canto que usamos e eu já aprendi, é o que meu pai canta, pois ele ainda é vivo. Eu canto para os peixes, porque nós, sempre, amamos a natureza e amamos assim, como vocês, e fazemos como vocês, assim como tem os artistas

...: meu bem... tira aquelas modas, né? Vem meu amor... tô sonhando ... a-
guilo... E então a mesma joia também do índio. Então tem o canto que chama Tukui.
Então eu vou cantar o Tukui, o que chama Tukui, é uma dança mais averçada, né? É
o tipo de uma marcha. Uma pisada bem forte. É um canto para os peixes.
(Ele cantou o Tukui, é claro, em sua língua ...)

II-I-I-II-I-I-II-I-I-II-I-I-II-I-I-II

O Tchawa Terêncio continua a apresentação:

Agora, depois nós temos, e dizem, segundo a minha avó, que é dos primeiros padres
que chegaram. Já é uma oração que ela aprendeu dos primeiros, só que em macuxi. É
assim: (Novamente ele cantou a oração em sua língua materna-macuxi).

Essa é uma oração. Quando eu digo: (falou em língua macuxi), estou dizendo:
Senhor Deus! Tem piedade de nós! - Quando eu digo: (falou em sua língua), é
uma língua que eu tô dizendo; Tenha pena de mim! É uma língua muito antiga, viu
senhores, alguém que já estudou. É uma língua com sinônimos. Existem muitas pala-
vras, que às vezes se encontra também. Essa é a oração que nós fazemos. Depois,
como já entramos na vida de católico, tem uma oração, um sinal e nós também, para
finalizar, nós fazemos assim: (falou em sua língua o sinal da cruz) Em nome do
Pai, em nome do Filho, em nome do Espírito Santo. Amém! É só isso pessoal, muito
obrigado! É isso que disse.

II-I-I-II-I-I-II-I-I-II-I-I-II-I-I-II

Atenção! O pessoal que vai continuar trabalhando no Museu Integrado, a gen-
te já vai saindo, se dirigindo para lá, o pessoal que está convocado, inclusive os
tchawas convocados.
